

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

TEO BUENO DE ABREU

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HETEROGENEIDADE  
DO DISCURSO SOBRE MEIO AMBIENTE PRESENTE  
EM TEXTOS DE MÍDIA IMPRESSA

RIO DE JANEIRO  
2007

Teo Bueno de Abreu

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HETEROGENEIDADE  
DO DISCURSO SOBRE MEIO AMBIENTE PRESENTE  
EM TEXTOS DE MÍDIA IMPRESSA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde.

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup>. Isabel Gomes Rodrigues Martins

Rio de Janeiro  
2008

Abreu, Teo Bueno de

Considerações sobre a heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente presente em textos de mídia impressa / Teo Bueno de Abreu. – Rio de Janeiro: UFRJ / NUTES, 2007.

x, 80 f. : il. ; 31 cm.

Orientadora: Isabel Gomes Rodrigues Martins

Dissertação (mestrado) – UFRJ/NUTES, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde, 2007.

Referências bibliográficas: f. 88-90

1. Jornalismo ambiental. 2. Estudos de linguagem. 3. Materiais educativos e de divulgação. 4. Tecnologia Educacional – Tese. I. Martins, Isabel Gomes Rodrigues. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, NUTES, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde III. Título.

**Teo Bueno de Abreu**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO  
SOBRE MEIO AMBIENTE PRESENTE EM TEXTOS DE MÍDIA  
IMPRESSA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde.

Aprovada em:

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Isabel Gomes Rodrigues Martins  
Núcleo de Tecnologia Educacional para Saúde/UFRJ

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Márcia Serra Ferreira  
Faculdade de Educação/UFRJ

---

Professor Dr. Reinaldo Luiz Bozelli  
Instituto de Biologia/UFRJ

*In memoriam* de Hamilton Vergne de Abreu  
1914-2006

Dedicado a todos que ousaram tentar.

## AGRADECIMENTOS

Sem dúvida eu nunca seria capaz de realizar esse trabalho sem a ajuda, o carinho, a atenção, a compreensão, e o companheirismo de pessoas muito especiais que passaram pelo meu caminho e que me constituíram enquanto sujeito da minha e da nossa história.

Tentarei em algumas linhas significar o quanto vocês são importantes para mim e o quanto sou grato por ter vocês na minha vida.

Primeiramente gostaria de agradecer a todas as pessoas que provavelmente eu vou esquecer de citar nesses agradecimentos. Tenham certeza de que vocês estão no meu coração. Se por acaso você não estiver aqui citado saiba que isso é por causa de razões de ordem da natureza das condições de produção acadêmica que fazem com que nem sempre a gente consiga expressar tudo que a gente sente na hora de elaborar um texto científico

Bom, explicado isso, gostaria de agradecer nominalmente às pessoas que me ocorrem agora:

Aos meus queridos pais, Rita e Beba pelo amor incondicional, pelos tantos ensinamentos diários, pelas palavras duras e pelas palavras doces. Por confiarem em vocês mesmos ao acreditarem em mim.

Ao Marcelo, por ser o cara mais legal que eu conheço e me encher de orgulho e admiração. Por construir um significado tão bonito para palavra irmão.

À Clarice, por me proporcionar o privilégio de conviver com sua sensibilidade que tanto me ensina e emociona.

À Rafaela, por tornar os dias nublados, coloridos e vibrantes. Por fazer o tempo passar sem eu nem perceber, e por fazer eu me sentir tão vivo.

À Isabel Martins por ser muito mais do que uma orientadora. Por ser rígida na hora de ser rígida, ser amiga nos momentos em que eu mais precisei, por toda sua dedicação, preocupação e esforço para que eu me tornasse o pesquisador que sou hoje.

À Jane Cavalcanti e ao Seu Teixeira, por serem tão dedicados e essenciais no dia-a-dia do laboratório. E por criarem um ambiente tão bom de se trabalhar.

À Tatiana Galieta pela amizade, apoio, co-autoria, contribuições, idéias, pela oportunidade no estágio de docência, por ser uma referência para mim.

À Rita Vilanova, pela companhia durante essa caminhada do mestrado e por todas as contribuições que você deu ao meu projeto de pesquisa. Pelo apoio e palavras de incentivo quando precisei.

Aos irmãos Marcelo Gonsalves, Marcos de Lima, Sinésio Jefferson e Antônio Freitas por tudo aquilo que a gente viveu, vive e viverá juntos.

Aos Professores Reinaldo Bozelli e Márcia Serra, por terem sido tão importantes na minha graduação e principalmente pela generosidade com que se dispuseram a participar da banca.

Aos colegas de laboratório Maíra Jansen, André Esteves, Bruno, Antonio, Francine Pinhão, Renata Moebus, Amanda, Lorena, Elizangêla, Verônica, Mirna, Ângela, Claudia Piccinini, Vera Helena por todas as discussões, conversas e convívio que tornaram esses anos juntos tão especiais

À turma do mestrado de 2005, Jô, Adriana, Sérgio, Mônica, Cida, Cinthia, Hildo, Eugênio, Rose, Andréa e Viviane

Aos funcionários Lúcia Nardelli e Ricardo Hadlich pela paciência, dedicação e cuidado nos trâmites burocráticos da secretária da Pós-graduação

À todos os meus amigos e amigas da turma de graduação 98/1. Alexandre, Pablo, Gilberto, Bruno, Gustavo, Laís, Cecília, Zuca, Dudu, Felipe, Diego, Catarina, Pablo, Paulo Paladino, André, Biatriz, Kiko e Roberto.

Karine Narahara, por ser uma peça tão rara que foi parar no Acre e mesmo assim ainda se faz tão presente, na medida do possível, no meu dia-a-dia! Pelas contribuições ao trabalho.

Aos amigos Maria Matos, Gabriel Mendes, Livio Perisse, Alexandre Jaloto, Henrique Luz, Kaiser Schwartz, Gregory Southern, Rolf Bateman, Cristiano Vilaro, Luiza Matos Vilaro, Joana Dias, Jurubeba, Aninha, Pedro Teixeira, Isaura, Érika, pelas conversas, reuniões e por compartilharmos tantos sonhos juntos

À todos os amigos que fiz na Biologia de todos os cantos do país. Vocês sabem quem vocês são e espero que saibam o quanto são importantes para mim!

À Deus por proteger todos que eu amo.



## Resumo

Abreu, Teo Bueno de. **Considerações sobre a heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente presente em textos de mídia impressa.** Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde)-NUTES/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007

No presente trabalho, apresento um estudo de caso acerca dos aspectos intertextuais presentes na constituição do discurso sobre meio ambiente de uma revista de divulgação das questões ambientais. A partir da análise textual das edições do primeiro ano de publicação da revista JB Ecológico elaboramos uma caracterização da heterogeneidade do discurso da revista, assim como a identificação de seus principais interlocutores e principais elementos discursivos constituintes de seu discurso sobre meio ambiente.

Com base no quadro teórico da Análise Crítica do Discurso formulamos nosso desenho metodológico, nossas perguntas e nossas análises utilizando as categorias da intertextualidade manifesta e de análise de vocabulário. Nossos resultados indicam que o discurso sobre meio ambiente da revista JB Ecológico realiza interlocuções principalmente com os setores políticos e econômicos de nossa sociedade e é no universo discursivo desses setores que ela busca seus principais elementos para constituição de seu discurso sobre meio ambiente. Além disso, a revista opera com base nos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável oriundos dos setores produtivos da sociedade e com pouco diálogo com discussões desses conceitos no âmbito acadêmico e científico. Nesse sentido, percebemos que a revista JB Ecológico atua como um agente de divulgação do discurso político e econômico sobre meio ambiente contribuindo em parte para a manutenção da hegemonia ideológica desses setores frente às questões ambientais. Diante da possibilidade da utilização de textos dessa natureza em atividades pedagógicas, nosso estudo contribui para elaboração de uma leitura e apropriação crítica desses textos diante da cada vez maior incorporação dos conceitos de sustentabilidade nas práticas pedagógicas de educação e educação ambiental.

Palavras-Chave: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO, MEIO AMBIENTE, EDUCAÇÃO

## Abstract

Abreu, Teo Bueno de. **Considerações sobre a heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente presente em textos de mídia impressa.** Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde)-NUTES/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007

In this work, we did a case study about the intertextual aspects which constitutes the discourse about environment in a Brazilian quality newspaper monthly supplement on Environmental Issues. The analysis of the editions published in the first year of the magazine allow us to make a characterization of the heterogeneity of this supplement, so as the identification of their most important interlocutors and the most important constitutive elements of their discourse about environment. Departing from the framework of the critical discourse analysis we did our methodological draw; formulate our questions and use the category of manifest intertextuality and vocabulary analysis for generate and discuss our data. Our data indicates that the environment discourse of the newspaper supplement creates a dialogue primarily with the political and economic sectors of the society and use primarily discourses elements from this sectors to constitute their discourse about environment. Beside of this, the supplement works with the sustainability concept from the productive sectors without dialogue with the discussion of this concept in the academic and scientific circles. In this sense, we believe that the supplement acts like a semiotic mediator that promotes the political and economic discourse about the environment which contributes with the establishment of the hegemony of these sectors in the environmental field. With the possibilities of use of this kind of texts in pedagogical contexts, we try to contribute for the development of a critical, view and appropriation, of this texts to improve the use of this kind of texts in education.

Keywords: CRITICAL ANALYSIS OF DISCOURSE, ENVIRONMENT, EDUCATION

## **Lista de Figuras:**

<b>Figura 1:</b> Modelo das três dimensões do Discurso.....	21
<b>Figura 2:</b> diferentes olhares sobre o meio ambiente .....	32

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1:</b> Manchete das capas das revistas.....	44
<b>Tabela 2:</b> Seções presentes nas 13 primeiras edições do JB Ecológico.....	47
<b>Tabela 3:</b> Seções Reincidentes do JB Ecológico.....	74
<b>Tabela 4:</b> Seções Raras do JB Ecológico.....	75
<b>Tabela 5:</b> Distribuição das propagandas ao longo das revistas.....	81

## **Lista de Gráficos**

<b>Gráfico 1:</b> Ocupação profissional dos Entrevistados do JB Ecológico nas Seções <i>Páginas Verdes, Mundo Político, Depoimento e Travessia</i> .....	49
<b>Gráfico 2:</b> Enunciadores da Seção Gente Ecológica.....	51
<b>Gráfico 3:</b> Agrupamento das categorias da Seção Gente Ecológica.....	52
<b>Gráfico 4:</b> Ocupação profissional declarada pelos autores das cartas ao JB Ecológico	53
<b>Gráfico 5:</b> Regiões das Cartas.....	54
<b>Gráfico 6:</b> Autoria das Seções.....	79

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	17
1.1 A questão Ambiental e seus Discursos.....	17
1.2 Um breve histórico da difusão e circulação do discurso sobre meio ambiente	20
1.3 Meio ambiente na mídia.....	22
<b>2. QUADRO TEÓRICO</b> .....	27
2.1 A Análise Crítica do Discurso.....	27
2.1.1 Histórico das correntes de pensamento da linguagem.....	27
2.1.2 Descrição da análise crítica do discurso segundo Fairclough.....	31
2.2 Questão de pesquisa.....	41
2.2.1 O discurso ambiental como objeto para análise crítica do discurso.....	41
2.2.2 Categorias da análise crítica do discurso utilizadas nessa investigação.....	42
2.2.3 Definição das questões de pesquisa.....	43
<b>3 ANÁLISE</b> .....	47
3.1 Descrição do material: O JB Ecológico.....	47
3.1.1 Contexto social de produção.....	50
3.1.2 Descrição composicional.....	52
3.1.2.1 Seções fixas.....	57
3.1.2.2 Seções reincidentes.....	76
3.1.2.3 Seções raras.....	85
3.1.2.4 Propagandas.....	89
<b>4. CONCLUSÕES?</b> .....	92
4.1 Análise textual e discussão: A heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente no JB Ecológico.....	92
4.1.1 Enunciadores e seus interlocutores.....	92
4.1.2 Temáticas principais.....	93
4.1.3 Representações discursivas (diretas e indiretas).....	93
4.2 Discussão: o sentido de ecologia.....	94
4.3 Limitações do trabalho.....	97
4.4 Perspectivas futuras.....	98
<b>5. Bibliografia</b> .....	99

## APRESENTAÇÃO

Olá.

Meu nome é Teo Bueno de Abreu, mas caso esse texto que você agora tem em mãos atenda às expectativas que os círculos acadêmicos lhe atribuem, você provavelmente irá lembrar de mim como Abreu, T.B.

Esse capítulo que você lê agora trata da introdução ao meu trabalho de conclusão do mestrado. Mestrado esse que realizei no Programa de Pós Graduação do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nutes-UFRJ).

Uma das grandes lições que aprendi no mestrado refere-se ao fato de que um texto sempre traz implícito em sua estrutura, em seus enunciados, a pessoa quem escreveu esse texto. Nesse sentido, nada mais natural de que eu me apresente e explicito, para quem quiser ler, os elementos de minha personalidade e aspectos de minha história que considero relevantes para que eu produzisse os textos que posteriormente você irá ler nos capítulos subsequentes dessa dissertação.

Sou o filho mais velho de um casal que permanece casado há cerca de 30 anos e que teve três filhos: eu, meu irmão e minha irmã. No momento em que escrevo esse texto eu tenho 26 anos e faço parte de uma minoria que teve a oportunidade de estudar em uma universidade pública e de uma minoria menor ainda que ingressou em um programa de pós-graduação.

Como disse, sou filho de um casal casado que se dedicou arduamente a criar seus filhos em um ambiente de estímulo ao nosso desenvolvimento intelectual, pessoal e afetivo. Minha mãe é formada em lingüística e trabalhou muitos anos na área de ensino de língua portuguesa e literatura no ensino fundamental de uma escola particular da Zona Sul do Rio de Janeiro. Meu pai é formado em Sociologia e trabalhou 25 anos em uma multinacional de petróleo na área de pesquisa de mercado e propaganda. O trabalho de minha mãe permitiu que eu estudasse com bolsa integral em uma escola particular considerada por muitos como de ensino alternativo. Estudei nessa mesma escola do meu maternal II até o terceiro ano do segundo grau. A escola em que estudei, como eu já falei, é considerada alternativa por se preocupar em formar alunos críticos e que sejam capazes de questionar as relações sociais estabelecidas em nossa sociedade e que tenham desenvolvidos elementos de constituição de cidadania. O pensamento crítico foi uma preocupação e uma prática que eu tive o privilégio de exercitar desde minhas séries iniciais. Além disso, essa escola pôde me proporcionar uma série de experiências sócio-

cognitivas que foram fundamentais para moldar a pessoa que hoje em dia eu sou, entre elas atividades artísticas, esportivas e intelectuais. Graças a esse ensino calcado em práticas construtivistas e com forte ênfase em ciências humanas, pude experimentar uma formação escolar voltada para os princípios do materialismo histórico e com muitos estímulos para o desenvolvimento de uma autonomia de pensamento crítico e cidadania. Enquanto eu cursava a oitava série do primeiro grau, em um sábado de praia, conversando com minha mãe sobre a vida marinha e a importância que o mar tem na vida de todo o planeta, percebi que queria fazer biologia. Apesar de ter escolhido cedo que faria biologia, eu nunca tive o perfil de cientista mirim, pelo contrário. A biologia nem era uma das minhas matérias favoritas do colégio.

Ao concluir o Ensino Médio, na época Segundo Grau, prestei vestibular para UFRJ e passei para a tão esperada faculdade de Biologia. Ingressei na turma do primeiro semestre de 1998. As aulas começaram e tudo parecia muito legal. Por sorte, o corpo docente do Instituto de Biologia da UFRJ é tradicionalmente um grupo muito interessante e com práticas e idéias que também podem ser consideradas alternativas aos padrões tradicionais de trotes de calouros. Fui muitíssimo bem recebido pelos meus veteranos e pude participar de uma série de atividades que considero que foram importantes para que eu desenvolvesse uma afeição pelo espaço da universidade pública como, por exemplo, realizar plantios pelo campus, recuperar canteiros do prédio onde estudávamos, limpar laboratórios e etc. No entanto, após as primeiras semanas de aula, foi deflagrada uma greve geral na universidade. A greve de noventa e oito entrou para história da UFRJ como uma das mais longas já realizadas. Durante esse período de greve, que se estendeu por três meses, eu participei das atividades do comando de greve local da biologia. Destaco também que essas experiências foram cruciais na formação do aluno e estudante que eu viria a ser dentro da universidade. Durante esse período de greve, nós estudantes de biologia, em conjunto com alguns professores e funcionários do Instituto de Biologia realizamos uma série de atividades. Realizamos shows em defesa da universidade pública no largo do São Francisco, debates, palestras e assembleias, participamos de eventos em praças públicas para divulgar a produção científica universitária entre outras coisas. Esses eventos todos, logo no início do meu curso me fez olhar e conhecer a universidade de um ponto de vista completamente diferente do que eu teria se eu fosse um mero aluno dentro de uma sala de aula. Ao longo desse processo eu conheci funcionários, professores e alunos que me deram

outras perspectivas da vida universitária e também pude conhecer a universidade do ponto de vista de seu funcionamento interno, seus processos, suas dificuldades, seus vícios, suas contradições e problemas.

Em uma dessas atividades de greve aconteceu algo que daria um novo rumo a minha vida acadêmica. Guiando uma turma de ensino médio pelos laboratórios do instituto de biologia como parte de uma atividade chamada Biologia para Todos que consistia em apresentar o instituto de biologia para esses alunos, conheci o professor Sérgio Potsch do departamento de Zoologia a quem mais tarde procurei para saber se poderia estagiar no seu laboratório de Herpetologia pois me identifiquei com o tipo de trabalho realizado, visto que eu entrei na faculdade com muito interesse em atuar como um biólogo de campo.

Fui estagiário desse laboratório de 1998 até meados de 2001. Meu convívio com o professor Sergio Potsch foi importantíssimo para eu desenvolver minhas capacidades de interpretação e leitura ambiental e, com ele, tive o privilégio de realizar muitas saídas de campo, aulas de campo e de laboratório. Foi o professor Sérgio quem primeiro me ensinou a olhar além do que se vê e interpretar a linguagem da natureza. Além dessa formação em prática de campo, o laboratório de herpetologia também proporcionou minhas primeiras experiências de práticas pedagógicas como monitor das disciplinas ministradas pelo professor Sérgio, que foi uma figura fundamental para me fazer decidir em cursar o curso de licenciatura antes do bacharelado. Como eu comentei anteriormente, eu entrei na faculdade com o objetivo de me tornar um pesquisador de campo.

O ingresso no curso de licenciatura foi outro divisor de águas em minha formação acadêmica. Antes de optar pela licenciatura, eu passei, como todo estudante do curso de biologia, por dois anos de um ciclo básico composto exclusivamente por matérias das ciências biológicas. Apesar de gostar muito do conhecimento que estava sendo apresentado, eu sentia falta das abordagens das ciências humanas que meu colégio me acostumou a ter. Nesse sentido, o curso de licenciatura preencheu perfeitamente esse “vazio” com as muitas matérias de educação, psicologia e filosofia.

Paralelamente a essas mudanças, saída do básico, entrada na licenciatura outro evento muito importante na minha formação começava a se desenhar. Em 2000, eu comecei a participar de um movimento de rearticulação do Centro Acadêmico dos estudantes de biologia da UFRJ. Essa minha participação no centro acadêmico foi também

fundamental para formar a pessoa que sou hoje. Particpei ativamente do centro acadêmico de 2000, que foi quando ele foi reativado, até 2004. Esse envolvimento me proporcionou algumas das experiências mais queridas de meus anos de faculdade. No centro acadêmico aprendi a viabilizar idéias, trabalhar em grupo e construir coletivamente realidades a partir de sonhos.

Em 2001, já quase me formando em licenciatura, percebi que sentia falta de trabalhar com seres humanos ou pelo menos com um campo de pesquisa que tivesse uma maior interface com aspectos sociais. Foi então que um dia, andando pelo corredor do instituto de biologia eu vi um cartaz anunciando que a professora Isabel Martins estava selecionando estagiários para um projeto de investigação da utilização de imagens nos livros didáticos. Interessei-me pela proposta e fui procurá-la. Na entrevista, fiquei bastante entusiasmado com as propostas dela e isso foi decisivo para eu perceber que era chegada a hora de experimentar outros campos de pesquisa. Com muito pesar, desliguei-me do laboratório de herpetologia que considero como uma das experiências mais importantes da minha formação em biologia e comecei a trabalhar com a Isabel na área de pesquisa em Ensino de Ciências no Laboratório de Linguagens e Mediações.

Meu primeiro projeto no laboratório foi com essa temática de utilização de imagens no livro didático. Depois desse projeto, eu participei de uma investigação do uso de textos de divulgação científica na sala de aula. Esse projeto foi importante na medida em que foi a primeira vez que eu tomei contato com linhas de pesquisa que investigavam a utilização de textos de revista em contextos pedagógicos.

Depois de encerrado o projeto do uso de textos de divulgação continuei participando de algumas reuniões do laboratório. Havia resolvido continuar os estudos fazendo o mestrado na área de educação no programa do NUTES mas decidi complementar minha formação acadêmica de graduação cursando o Bacharelado em Ecologia. Ao longo do curso de ecologia eu procurei sempre traçar paralelo entre minha formação em educação e minha nova formação em ecologia. No processo de tentar convergir esses dois campos foi então sendo, aos poucos, formulada as idéias que futuramente iriam servir como base para o desenvolvimento desse trabalho que agora eu escrevo.

Ao longo do meu curso em ecologia, eu percebi que existiam disparidades entre as coisas que eu aprendia com meus professores e artigos que eu lia na faculdade e coisas que eram ditas em nome da ecologia nos meios de comunicação.

Me causava um estranhamento perceber que a palavra ecologia era utilizada em uma variedade de situações que eu, enquanto ecólogo, não reconhecia nada do que eu entendia



como sendo ecologia. Da mesma maneira o adjetivo ecológico me causava surpresa ao aparecer adjetivando quase que qualquer tipo de substantivo.

Esse estranhamento que eu sentia frente às formas como a ecologia era retratada pelos meios comunicação foi o que me motivou a começar a pensar sobre esse assunto do ponto de vista dos aspectos discursivos dessa questão.

Com o passar do tempo, esses meus pensamentos foram se organizando e se configurando como uma questão de pesquisa científica que eu propus à Isabel e que felizmente ela aceitou e aqui estamos nós apresentando essa investigação.

Espero nos próximos capítulos descrever aspectos da problemática do discurso sobre meio ambiente, assim como meu quadro teórico, meus resultados e minha conclusão.

Tenha uma boa leitura.

“QUANDO OUÇO FALAR EM  
ECOLOGIA, SACO LOGO MEU  
TALÃO DE CHEQUES”.

*PAULO FRANCIS*

# **1 INTRODUÇÃO**

## **1.1 A questão Ambiental e seus Discursos**

### **Conceituando a “problemática ambiental”**

Questões relacionadas ao meio ambiente e a relação entre o homem e o meio ambiente podem ser discutidas a partir de uma diversidade de perspectivas ideológicas. Essas diferentes perspectivas permitem construir diferentes níveis e formas de problematização para estas questões e geram diferentes explicações.

Uma destas perspectivas é aquela que busca problematizar, numa perspectiva histórica e desenvolvimentista, a ação humana sobre o meio ambiente. Sob esta ótica, o atual estado de degradação do meio ambiente estaria inexoravelmente ligado ao crescimento populacional, principalmente das populações de países em desenvolvimento. Segundo esse tipo de abordagem, as populações dos países em desenvolvimento atingiram taxas que superam a capacidade de suporte do meio ambiente. Já dentro de uma perspectiva materialista-histórica a problemática ambiental pode ser entendida como uma conseqüência do efeito da acumulação de capital e maximização da taxa de lucro a curto prazo visto que as degradações ambientais são decorrentes da exploração do ambiente de modo a sustentar um regime de produção capitalista-industrial. Em última análise, a expansão da degradação ambiental acompanhou e alimentou a expansão e desenvolvimento do sistema capitalista e de suas mega-corporações. (LEIS. 2004, LEFF, 2001).

Alguns estudos apontam que a problemática ambiental está também intimamente ligada ao processo histórico da emergência da Ciência Moderna e da conseqüente Revolução Industrial (LEFF,2001,SILVA & SCHRAM, 1997) . O desenvolvimento histórico das ciências naturais levou a uma compartimentalização do conhecimento motivado pela necessidade de aumentar a eficiência e autonomia dos muitos campos de pesquisa. A aplicação do conhecimento científico, orientado dentro de um projeto positivista de desenvolvimento, levou a um aumento da eficiência produtiva e técnica, causando o que foi historicamente chamado de Revolução Industrial. Mais tarde, a revolução tecnológica e produtiva no século XIX provocou mudanças estruturais nos planos políticos, econômicos e sociais principalmente nas nações centrais da Europa (Inglaterra e França) assim como nas nações periféricas. Essas revoluções baseadas no conhecimento científico levaram ao aumento de produtividade em diversos setores. Esse aumento de produtividade e eficiência levou também a um aumento do consumo dos recursos naturais em uma escala nunca vista antes. Aliás, é bom salientar que o próprio

conceito de meio ambiente como fonte de “recursos naturais” é ideologicamente construído e atende a expectativas de classes dominantes que detêm o poder sobre os meios de produção (SMITH, 1988). A construção desse conceito remonta à época em que o homem através da técnica começou o processo de domesticação do ambiente natural e passou paulatinamente a modificá-lo. (SANTOS, 2002)

O consumo dos recursos naturais em escala industrial tornou ainda mais significativo o impacto ambiental do desenvolvimento da sociedade humana. É interessante ressaltar que desde sempre a espécie humana causou impacto no ambiente. Mesmo na época em que as populações humanas consistiam em apenas alguns pequenos grupos de caçadores coletores, nós já causávamos algum tipo de modificação ambiental que evidentemente não era ainda tão significativa e traumática como é nos dias de hoje, mas que, no entanto existia. Esse impacto é inerente ao processo de modificação que os organismos causam no meio em que se encontram. No caso da espécie humana essa capacidade de modificação ambiental é ainda mais potencializada devido ao telencéfalo desenvolvido e ao polegar opositor que capacitou nossos ancestrais a criar ferramentas e tecnologias que associados com nosso alto poder comunicativo nos permitiu registrar e documentar nossos atos, facilitando assim a transmissão do conhecimento conforme ele ia sendo desenvolvido. O talento de nossos ancestrais levou aos eventos de conquista ambiental que permitiram que algumas daquelas sociedades coletoras passassem a se fixar, cultivar e domesticar plantas e animais (DIAMOND, 2002). A fixação em um território foi crucial no desenvolvimento da capacidade humana em modificar o ambiente (DIAMOND, 2002). É evidente que existe um universo de acontecimentos e contingências históricas que conectam o advento da agricultura com a revolução industrial, mas não pretendo entrar nesses detalhes, só estou chamando a atenção de que a modificação ambiental não é um fenômeno essencialmente “moderno”, que teve início apenas depois da revolução industrial como muitas vezes é retratado por setores da mídia e também por setores acadêmicos envolvidos com as questões ambientais (LEWINSOHN, 1997). Lewinsohn (1997) cita Perlin(1989) para dar exemplos de crises ambientais que ocorreram no período de 2000 a.c. a 200 d.c. As crises a que ele se refere são: o predatório desflorestamento ocorrido na Babilônia em 2000 a.c que levou a uma crise de construção e combustíveis naquela civilização; a crise de salinização dos solos ocorrida em função de uma utilização excessiva na Mesopotâmia em 1.700 a.c.; a insustentável demanda de carvão e lenha para metalurgia que arrasou as terras de Creta e Grécia em

tempos antigos, o caso do cipreste, que hoje é uma árvore típica do mediterrâneo mas que se tornou dominante nesse cenário devido aos sucessivos desmatamentos causados pelo florescimento de sucessivas civilizações clássicas; as erosões provocadas pela substituição de florestas por agricultura que levou ao assoreamento de portos na Ásia Menor e na Grécia entre 700 a.c. e 200 d.c . .

No entanto, é inegável que a partir da segunda metade do Século XIX a sociedade humana passou a impactar o ambiente em uma escala sem precedentes em sua história devido ao pleno estabelecimento da tecnologia de vapor do Século XVIII e da energia elétrica do século XIX que permitiu o processo de industrialização que teve como principal expoente e liderança política e econômica a Inglaterra.. As conseqüências desses impactos ao longo do Século XIX começaram a ser notadas ainda na primeira metade do Século XX, quando os primeiros alertas ambientais começaram a ser dados no sentido de questionar os rumos que o desenvolvimento humano estava levando e as conseqüências dessas escolhas.

As conseqüências da Revolução Industrial no meio ambiente precisam ser entendidas no sentido de que essa revolução foi implementada dentro de uma perspectiva capitalista que atribuiu valor e gerou uma distribuição desigual dos benefícios e malefícios dessa revolução técnico-científica da produção (LEFF,2001). Por isso, da mesma forma que o desenvolvimento científico e tecnológico, o desenvolvimento de uma economia de mercado contribuiu para estabelecer a atual situação ambiental e todas as suas problemáticas constituintes.

Como problemáticas ambientais entendemos:

- a) Perda da sustentabilidade dos ecossistemas;
- b) Mudanças climáticas e aquecimento global;
- c) Questão da água
- d) Questão do lixo e resíduos produzidos pela atividade humana
- e) Questão das atividades extrativistas da humanidade
- f) Questão da biodiversidade
- g) Questão da população humana

O epistemólogo mexicano Enrique Leff faz uma análise muito construtiva de uma forma de abordar as questões ambientais:

*“A economia de mercado exerce uma pressão ambiental que precisa ser entendida do ponto de vista das estratégias que esse mercado cria para se relacionar com o meio ambiente. A problemática ambiental tem sua gênese em um processo histórico dominado pela expansão de um modo de produção e consumo capitalista, possibilitados pelos padrões tecnológicos gerados por uma racionalidade econômica guiada pelo propósito de maximizar os lucros e os excedentes econômicos a curto prazo em uma ordem econômica marcada pela desigualdade entre nações e classes sociais.”* (LEFF, 2001).

## **1.2 Um breve histórico da difusão e circulação do discurso sobre meio ambiente**

Ao longo do Século XX a problemática ambiental foi ganhando destaque nas agendas políticas, econômicas e sociais. Ainda na Década de 60 começaram a surgir grupos de ativistas ambientais que elaboravam um contra-discurso sobre o meio ambiente, contrapondo-se ao discurso oficial que entendia o meio ambiente como uma fonte de recursos inesgotáveis. Nessa década foram publicados os primeiros livros que alertaram para as implicações das ações humanas no meio ambiente. Entre eles, destacamos *Silent Spring* de Rachel Carson que tratava dos efeitos nocivos à saúde do homem e do ambiente causado pelo DDT e *Population Bomb* de Paul Ehrlich que atualizava as teorias malthusianas que previam a incapacidade da produção agrícola de suportar as previsões do crescimento populacional da humanidade. Os anos iniciais do ambientalismo foram marcados por uma intensa oposição aos princípios desenvolvimentistas da época. Nesse período, o diálogo entre as partes envolvidas nesse cenário se dava muito mais através de manifestações, pacíficas ou não, contra empresas e governos que adotavam uma má-conduta ambiental.

A década de 70 também foi muito importante para a divulgação da problemática ambiental, pois durante esse período houve uma maior organização dos movimentos ambientalistas, que através de sua militância começaram a divulgar em maior escala suas questões. Essa década também é considerada como um período onde o ativismo ambiental começou a se organizar de um ponto de vista mais profissional visando interlocuções mais influentes juntos aos mecanismos de tomadas de decisão.

No ano de 1972 ocorreu a Conferência de Estocolmo que é considerada um dos grandes marcos da luta ambientalista mundial, pois foi o primeiro encontro das Nações Unidas para se discutir as prementes questões ambientais. Essa conferência foi importante, pois gerou um documento aprovado durante conferência das Nações Unidas que pela primeira vez introduzia na agenda política internacional a dimensão ambiental como condicionadora e limitadora do modelo tradicional de crescimento econômico e do uso dos recursos naturais (NOVAES)<sup>1</sup>. Além disso, durante a conferência de Estocolmo foi criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) que veio a se tornar um instrumento importantíssimo na implementação de novos paradigmas ambientais na política mundial.

Na década de 80, essa militância ambiental já estava plenamente institucionalizada na forma de ongs e interlocuções com governos e setores privados principalmente na América do Norte e Europa. A incorporação da dimensão ambiental pode ser constatada a partir do resultado da reunião das Nações Unidas no ano de 1980 em Nova York. Essa reunião resultou na publicação do documento "A Estratégia Mundial para a Conservação" (Nova York, 1980), elaborado sob o patrocínio e supervisão do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) e do Fundo Mundial para a Vida Selvagem (WWF). Esse documento explora, basicamente, as interfaces entre conservação de espécies e ecossistemas e entre manutenção da vida no planeta e a preservação da diversidade biológica, introduzindo pela primeira vez o conceito de "desenvolvimento sustentável". (NOVAES, idem)

Nessa mesma década, foi publicado em 1982 o relatório intitulado "O nosso Futuro Comum" popularmente conhecido como relatório Brundtland. Esse relatório foi escrito pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas e é bastante crítico ao modelo de desenvolvimento adotado pelos países industrializados do Hemisfério Norte. É importante frisar que esse documento serviu de base para muitas das apropriações da dimensão ambiental no âmbito político e econômico de diversas nações associadas às Nações Unidas.

As discussões geradas na década de 80 criaram uma demanda para que se realizasse uma reunião mundial para elaborar estratégias objetivando deter e reverter os processos de degradação ambiental e promover o desenvolvimento sustentável e

---

<sup>1</sup> <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/meioamb/agenda21/anteced/index.htm>  
Acessado em 04/02/2007

ambientalmente racional. Essa reunião foi realizada no Rio de Janeiro em 1992 e ficou popularmente conhecida como Rio-92. Essa reunião também é considerada um dos grandes marcos da causa ambiental, pois entre suas muitas discussões e decisões, propôs o modelo da Agenda 21. A Agenda 21 é um documento aprovado na Rio-92 que visava estabelecer uma série de compromissos com o meio ambiente que os países das Nações Unidas deveriam se esforçar para implementar em suas políticas econômicas e de desenvolvimento de modo a garantir a preservação dos recursos naturais e a saúde do meio ambiente.

Como podemos ver a década de 90 foi um período crucial para a luta ambiental. A partir dessa década observamos um movimento de incorporação do discurso sobre meio ambiente de forma sistematizada nos meios de comunicação e nos setores produtivos e industriais. Essa década ficou marcada pela ascensão do ambientalismo de mercado (NARDELLI & GRIFITH, 2003). Ou seja, agora, as empresas, antigas inimigas dos ambientalistas, buscavam simpatia da opinião pública ao se adequar ambientalmente através de processos de certificação ambiental, criando parcerias com Ongs e associações ambientalistas, apoiando financeiramente projetos de pesquisa e educação ambiental (NARDELLI & GRIFITH, 2003). Aos poucos algumas empresas foram passando de vilãs a amigas do meio ambiente.

Ao longo da década de noventa e o início dos anos 2000 até hoje esse quadro só se intensificou e cada vez mais as questões ambientais foram se estabelecendo como pontos cruciais para as discussões do desenvolvimento da sociedade humana. Tendo inclusive gerado impasses mundiais como, por exemplo, a implementação do Protocolo de Kyoto que determina redução da emissão de gases poluentes por parte dos países signatários, mas que encontrou forte resistência por parte de grandes países poluidores tais como os Eua e a Austrália que não cedem aos apelos mundiais para aceitar os termos do protocolo..

### **1.3 Meio ambiente na mídia**

Hoje mais do que nunca as questões ambientais se mostram fundamentais de serem discutidas visto que cada vez mais se comprova que a sociedade humana provocou significativas alterações nos padrões climáticos globais, fazendo com que ocorram desastres naturais fora de época e modificando as características das estações do ano ao redor do globo (IPPC,2001).



Grande parte da importância que as questões ambientais foram adquirindo ao longo dos anos deve-se ao fato dessas questões cada vez mais estarem presentes na mídia. Sem dúvida a mídia exerceu um importante e fundamental papel na divulgação das questões ambientais. A mídia se apropriou de tal maneira dessas questões que inclusive foi desenvolvido um ramo da comunicação social especificamente voltado para essa temática: o chamado jornalismo ambiental.

O jornalismo ambiental foi se desenvolvendo concomitantemente com o desenvolvimento dos discursos sobre o meio ambiente. Ele foi aos poucos se sofisticando, se complexificando até resultar na variedade de abordagens e tipos de comunicação ambiental que existem hoje. O estudo da história do jornalismo ambiental é interessante na medida em que essa história registra todos os processos de mudanças discursivas que os discursos sobre meio ambiente carregam, como por exemplo, o surgimento de expressões típicas da área ambiental, a alternância de significados construídos dentro dessa comunidade discursiva, os tipos de temática que ganham ou perdem espaço nas agendas de divulgação. Segundo Villar (1997) a primeira entidade organizada de jornalismo ambiental surgiu na França, ainda na década de 60. Ainda segundo Villar (1997) o registro do jornalismo ambiental no Brasil também remonta essa década. Ele cita que já em 1968 o jornalista Randau Marques, primeiro jornalista brasileiro a se especializar em meio ambiente, publicava matérias denunciando crimes ambientais cometidos por empresas e indústrias tanto no sudeste como no sul do Brasil. O autor observa que “depois da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972, as questões ambientais começaram a aparecer com maior frequência na imprensa internacional.”.

Na década de 80, a divulgação das descobertas científicas que indicaram o chamado “buraco na camada de Ozônio” gerou um grande interesse por parte da opinião pública sobre temáticas ambientais. Esse interesse impulsionou ainda mais o desenvolvimento do jornalismo ambiental no mundo todo ( VILLAR, 1997). O crescimento e desenvolvimento do jornalismo ambiental no plano internacional geraram repercussões na imprensa brasileira que passou a registrar e divulgar em maior escala de comunicação os problema ambientais da região amazônica tais como desmatamentos e queimadas. Villar (1997) também aponta que a grande imprensa brasileira incorporou a dimensão ambiental em suas pautas muito influenciada pelas agências internacionais, que exercem, até os dias de hoje, uma relação de dominação ideológica nos principais meios de comunicação dos países em desenvolvimento.

Nesse ponto, citamos Thompson (1995), que em seu livro *Mídia e Modernidade* coloca que o chamado processo de globalização das telecomunicações ocorreu a partir da década de 80 proporcionado pelo advento de tecnologias tais como a implementação dos sistemas de cabos óticos, de comunicação via satélites e a introdução de meios digitais para armazenamento, processamento e recuperação de dados atendeu às expectativas dos grandes conglomerados internacionais de telecomunicação que tinham a intenção de expandir seus negócios para novos mercados emergentes, em especial o dos países em desenvolvimento.

Thompson nos ajuda a pensar a mídia enquanto elemento que contribui para a construção das identidades sociais dos indivíduos que consomem e interagem com os textos midiáticos. O processo de construção de identidades é entendido por Thompson como sendo reflexivo e aberto uma vez que os indivíduos dependem de seus próprios recursos para dialogar com os estímulos que recebem do meio em que se encontram. A subjetividade do indivíduo é o resultado do acúmulo de experiências que ele teve ao longo de sua vida e que o marcaram de modo que ele consiga construir uma narrativa coerente sobre si mesmo. Essa narrativa vai sendo transformada ao longo da vida pelas novas vivências e experiências que o indivíduo passa.

Os materiais simbólicos produzidos pela mídia, seja ela impressa, televisiva ou radiofônica muitas vezes são responsáveis em oferecer aos indivíduos experiências que são de fundamental importância na constituição de suas identidades e histórias de vida. Não são poucas as histórias de pessoas que passaram por mudanças após lerem um livro, assistirem um filme, uma reportagem, uma matéria de revista.. Dentro do contexto globalizado, esses materiais simbólicos muitas vezes são produzidos em situações e locais bem diferentes do local onde ele está sendo consumido ou apropriado. Nesse sentido, a mídia pode vir a enriquecer e transformar o processo de constituição de identidade, além de construir uma forma de interação diferente do tradicional encontro face a face responsável em proporcionar grande parte das vivências de um indivíduo comum em seu cotidiano. Thompson faz distinção entre a experiência vivida e a experiência mediada. A primeira é adquirida no curso normal da vida em situações práticas do cotidiano. Já a segunda se adquire através de interações mediadas. As interações mediadas suprem os indivíduos de experiências que eles não teriam como vivenciar pessoalmente. Muitas vezes a mídia atua como um agente mediador dessas experiências proporcionando às pessoas elementos para constituírem seus discursos e identidades.

O aumento da complexidade das atividades modernas levou a uma multiplicação de formas simbólicas mediadas que são oferecidas às pessoas. Para se orientar no fluxo de informações em que estão inseridos, as pessoas desenvolvem sistemas de conhecimento prático. Muitas vezes, a mídia participa ativamente desse sistema de conhecimento dos indivíduos e com isso adquire um caráter duplo no sentido em que contribui para o aumento dessa complexidade social, mas também serve de orientação nessa complexidade.

Thompson nos ajuda a pensar o jornalismo ambiental do ponto de vista de sua função de globalizar as questões ambientais pelo fato de difundir e divulgar acontecimentos e questões globais que levam a apropriações locais. Os meios de comunicação que se apropriam das temáticas ambientais podem, por exemplo, cumprir o papel de levar aos indivíduos de grandes centros urbanos, experiências com ambientes preservados e também com ambientes totalmente degradados. As imagens e textos sobre meio ambiente que circulam pela mídia objetivam sensibilizar os leitores para a questão da preservação do meio ambiente. Através da mediação de experiências com a natureza os meios de comunicação podem oferecer modelos e conceitos que os indivíduos podem, ou não, se apropriar na construção de suas identidades. No entanto é fato que todo tipo de comunicação social das questões ambientais produzem textos que se situam a partir de uma visão política, econômica e social de se relacionar com o meio ambiente. Seus leitores podem assimilar essas visões e modelos ou até mesmo questioná-las. Nesse sentido, a história do jornalismo ambiental documenta as diferentes abordagens das questões ambientais uma vez que registra diferentes formas de comunicar essas questões que são derivadas das condições de produção desses textos (FAIRCLOUGH, 2001).

A complexidade das questões ambientais envolve o diálogo de diferentes setores da sociedade, as empresas, os políticos, os cidadãos, os professores, os alunos, os juízes, advogados, artistas, empresários, jornalistas, cientistas, e a mídia exercem um papel importante como suporte e meio para a constituição desse diálogo e a divulgação dessas questões. Nesse sentido, pretendemos com esse trabalho realizar um estudo de caso de uma análise crítica do discurso de uma revista de divulgação das questões ambientais a fim de investigar os elementos que são mobilizados na constituição do discurso sobre o meio ambiente dessa revista assim como identificar os interlocutores dela.

Iremos, nos próximos capítulos, apresentar as bases teóricas que sustentam a análise crítica do discurso, assim como descrever nossa metodologia de trabalho, nossos resultados e conclusões.

No capítulo 2 nós apresentamos as contribuições teóricas de diversos autores na constituição do corpo teórico proposto por Norman Fairclough. No capítulo 3 apresentaremos e discutiremos os dados obtidos através da análise crítica do nosso material e no capítulo 4 colocaremos nossas considerações finais acerca dos resultados obtidos com essa pesquisa além de apontar para perspectivas futuras.

## **2. QUADRO TEÓRICO**

### **2.1 Quadro teórico: A Análise Crítica do Discurso.**

Nesse capítulo apresento as bases teóricas que utilizei para compor um quadro analítico que me permitiu formular e investigar minhas questões de pesquisa.

Ancorei meu trabalho nos Estudos do Discurso, mais precisamente na escola anglo-saxã da Análise Crítica do Discurso, referenciando-me principalmente no trabalho de Norman Fairclough. Fairclough (1992) formulou em seus trabalhos meios de articular a análise do discurso, orientada lingüisticamente, com teorias do pensamento social e político, gerando assim um quadro teórico que pensa o discurso como agente de mudanças sociais e as mudanças sociais como provocadoras de mudanças discursivas.

Este autor conceitua o discurso como o uso da linguagem como prática social, ou seja, para ele, o discurso é um meio de ação e interferência dos sujeitos em seu meio social. Fairclough buscou em autores que o precederam bases para montar sua Teoria Social do Discurso. No próximo item, discutiremos algumas das idéias que levaram à construção dessas teorias. Seguidamente, iremos analisar as bases da Análise Crítica do Discurso segundo Fairclough.

#### **2.1.1 Histórico das correntes de pensamento da linguagem. (Saussure, Bahktin, Pecheaux, Foucault, Halliday, Fairclough)**

O estudo científico da linguagem se iniciou dentro do campo da Lingüística, notadamente por meio do trabalho de Ferdinand de Saussure que elaborou uma sofisticada sistematização do estudo das línguas (SAUSSURE, 1916). Sua obra foi tão significativa que serviu de base para a consolidação e desenvolvimento do *Estruturalismo* no Século XX.

Saussure desenvolveu seus trabalhos baseado no estudo dos sistemas lingüísticos em si, procurando entender esses sistemas sob um ponto de vista sincrônico, ou seja, descolado de uma orientação temporal-histórica e entendendo a linguagem como um sistema autônomo em relação ao seu meio social (HODGE & KRESS, 1988). Dentro dessa perspectiva, os estudos de linguagem se orientam para questões relativas à gramática da língua, sua forma, sonoridade e sintaxe. A lingüística tradicional não se preocupa com questões relativas ao uso da linguagem, uma vez que ela entende o uso da linguagem como uma atividade meramente individual e que não é passível de ser sistematizada devido à diversidade de usos possíveis que uma língua pode ter. Dentro

da lingüística tradicional não é possível entender o que leva os indivíduos a usarem de forma tão diversa esse sistema lingüístico.

Com o passar dos anos, a lingüística tradicional foi acumulando críticas a essa posição que desconsiderava as relações entre a língua e o contexto social de utilização dessa língua. A partir dessa discussão dentro do campo, é elaborada a Sociolingüística. A sociolingüística foi uma tentativa de incorporar aspectos sociais nas análises de textos. Poderíamos até situá-la historicamente como um primeiro passo no sentido de se afastar do conceito de linguagem como um sistema autônomo independente do meio social (HODGES & KRESS, 1988). Ao incorporar aspectos sociais em suas análises, a sociolingüística ampliou o leque de possibilidades de investigações, debruçando-se em questões que envolvessem o estudo da linguagem em seu uso e não apenas como um sistema lingüístico. Entre as questões abordadas pela sociolingüística poderíamos destacar: estudo de dialetos regionais e sociais, estudo de códigos sociais, mudanças de código, uso da linguagem em comunicações interpessoais ou entre culturas, a linguagem das instituições sociais, a variabilidade da linguagem em função das situações, efeitos de poder na linguagem, entre outras. (HODGE & KRESS, 1988)

No entanto, apesar de ser considerada como um avanço em relação à incorporação de aspectos sociais no estudo de textos, ela sofreu críticas devido ao caráter determinista que ela atribuiu aos aspectos sociais que influenciavam os textos (FAIRCLOUGH, 2001). A sociolingüística foi importante na medida em que começou a investigar situações de uso da linguagem, porém para alguns, seus métodos eram insuficientes para responder ou problematizar questões relativas aos processos de mudanças discursivas e sociais. Ou seja, para alguns autores (FAIRCLOUGH, 2001, LEMKE, 1995) os pressupostos da sociolingüística não davam conta do caráter dinâmico da sociedade, que através da linguagem e de seus símbolos, está em estado permanente de construção e reconstrução. A sociolingüística acabou por olhar uma sociedade estática ao atribuir um efeito unilateral do contexto social na utilização da linguagem. O indivíduo ficou sem espaço para transgressão ou reinvenção do cotidiano, pois tudo era visto como resultado dos contextos sociais. Essa visão unilateral da constituição da linguagem não deu espaço para investigação dos processos de mudança sociais e discursivas e também gerou vieses maniqueístas com relação ao entendimento do Poder nas questões da utilização da linguagem (FAIRCLOUGH, 2001).

Apesar de alguns autores considerarem a Sociolingüística como um primeiro passo na desconstrução da linguagem como um sistema autônomo, é consenso que o

trabalho de Mikahil Bahktin foi de fundamental importância para o estabelecimento do conceito de linguagem como sistema social. Bahktin foi um pesquisador russo que se ocupou em estudar a literatura Russa no período pós-revolução socialista. Ele, assim como outros pensadores de sua época tais como Vigotsky e Leontiev, procurou entender como aspectos sociais influenciavam fenômenos lingüísticos. É importante situar que a Rússia pós-revolução havia fusionado um conjunto de países, cada qual com sua língua, cultura e dialetos, dentro de uma mesma nação. Imerso nesse complexo ambiente lingüístico, Bahktin produziu um consistente quadro teórico que viria a se tornar a base para os Estudos do Discurso que posteriormente se desenvolveram.

A primeira grande contribuição de Bahktin para os estudos da linguagem se refere ao deslocamento de análise que ele propôs. Enquanto os estudos lingüísticos tradicionais se ocupavam em olhar a estrutura formal da língua tais como frases, orações, palavras e fonemas, inclusive desconsiderando a função comunicativa dessa língua, Bahktin propõe que a unidade de análise passe a ser o *enunciado* (BAHKTIN, 2000). Enunciado, para Bahktin é o ato de interação verbal ou escrito onde dois ou mais indivíduos se comunicam, seja presencialmente ou não, dentro de um contexto de atividade humana. Os indivíduos ao se expressarem oralmente, ou pela escrita, fazem uso de sua língua de modo a atender suas necessidades comunicativas. “A língua penetra na vida através de enunciados e é também através de enunciados que a vida penetra na língua” (BAHKTIN, 2000 P.282). O contexto social onde o enunciado acontece influencia a forma desse enunciado da mesma maneira que a sua enunciação constrói a situação social onde ele acontece.

Essa mudança na unidade de análise foi revolucionária no sentido que agora os interlocutores que participam dos processos comunicativos passam a ser vistos como sujeitos ativos na comunicação. Essa concepção de linguagem pressupõe que qualquer enunciado será sempre *dialogico*, ou seja, um enunciado sempre é direcionado para alguém, levando em conta o que foi enunciado antes dele e o que será enunciado depois. Os enunciados estão inseridos em uma cadeia histórica de comunicação formando unidades discretas. Eles têm começo, meio e fim e podem ser identificados através das mudanças de turnos dentro de um diálogo. É importante ressaltar que o conceito de enunciado, tal qual é proposto por Bahktin, não se limita apenas aos atos de enunciação oral, mas também aos enunciados escritos na forma de textos, livros, artigos científicos, textos jornalísticos e uma variedade de outras formas de expressão lingüística.

Bahktin também foi responsável em sinalizar que os enunciados se movimentam dentro de sistemas discursivos se apoiando em outros textos para se constituírem. Essa propriedade da constituição de textos foi conceituada por Kristeva (1986) como Intertextualidade. A intertextualidade é um conceito de origem bahktiniana que confere um entendimento histórico da constituição dos textos, ou seja, procura analisar as interconexões que um determinado texto faz com outros textos que o precederam ou que o sucederão.

As contribuições de Bahktin para os estudos lingüísticos demoraram um tempo para serem assimiladas pelas comunidades acadêmicas européias e posteriormente das Américas devido ao período da Guerra Fria, mas uma vez que seus textos começaram a circular por essas comunidades, eles causaram um potente impacto. Entre as muitas apropriações dos escritos de Bahktin em diversas áreas das ciências humanas, destacamos a influência que ele deu na área que ficou conhecida como Análise do Discurso.

A análise do discurso surgiu dentro das ciências humanas como uma convergência de diversos campos de conhecimento preocupados em analisar a constituição social da linguagem. São reconhecidas duas escolas principais, a Análise de Discurso Francesa e a Análise de Discurso Anglo-Saxã. A escola da análise do discurso francesa tem como principal expoente Michel Pêcheux. Essa linha da Análise do Discurso integra conceitos da psicanálise e do materialismo histórico althusseriano, investigando um sujeito desejante, inconsciente e descentrado, assujeitado, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia.. Além de Pêcheux e seus colaboradores Henry, Plon e Authier-Revuz destaca-se também a obra de Michel Foucault que, à sua maneira, também trabalhou e problematizou questões do Discurso. A linha teórica desenvolvida por Pêcheux e seus colaboradores recebeu críticas pelo caráter determinista em que analisa os efeitos da ideologia na constituição do Discurso dos Sujeitos. Authier-Revuz (1982) apresentou uma tentativa de incorporação dessas críticas ao quadro teórico original através da utilização do conceito de heterogeneidade discursiva, já influenciado pelo conceito de dialogismo de Bahktin.

A escola Anglo-saxã da Análise do Discurso, também conhecida como Análise Crítica do Discurso, procurou incorporar em seu quadro teórico fundamentos do materialismo histórico, assim como elementos da Análise lingüística funcional (HALLIDAY,1978), da Psicologia e da Educação. O resultado dessa articulação de campos de conhecimento é um quadro teórico comprometido com os aspectos que



envolvem as mudanças sociais implicadas nas questões discursivas. Pelo fato de me basear nessa corrente teórica, irei apresentar e me aprofundar nela na próxima seção.

Procurei nessa seção apresentar resumida e rapidamente algumas das linhas de estudos da linguagem e dos discursos. É importante ressaltar que essas diversas linhas têm cada uma a sua maneira, suas questões e metodologias próprias, estando cada uma delas preocupadas com diferentes ângulos das questões discursivas. Dentro do campo dos Estudos do Discurso não há a prevalência total de nenhuma das linhas teóricas acima citadas. Cada uma dessas linhas oferece possibilidades e limitações próprias e cabe ao analista discernir qual corpo teórico lhe é mais útil para formular, analisar e responder suas questões de pesquisa, inclusive existindo, em alguns casos, a possibilidade concreta de utilização complementar dessas linhas.

### 2.1.2 Descrição da Análise Crítica do Discurso segundo Fairclough

O conteúdo apresentado nessa seção é baseado no livro *Discurso e mudança social* de Norman Fairclough. (FAIRCLOUGH, 2001) Neste livro Fairclough apresenta sua proposta teórica e metodológica de articulação entre os estudos lingüísticos, baseados na gramática funcional de Halliday e nos estudos de Bahktin, com o pensamento social e político de autores como Gramsci (1971), Althusser (1971) e Foucault (1972,1979), resultando no que ele batizou de Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO)

A base da proposta de Fairclough está no entendimento dos discursos como compostos por três dimensões: Texto, Prática Discursiva e Prática Social. Para ilustrar seu modelo de discurso ele elaborou o seguinte quadro:

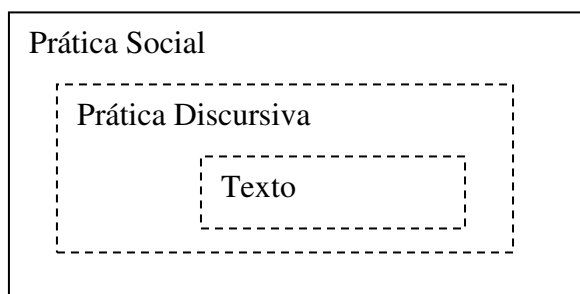


Figura 1 Modelo das três dimensões do Discurso

Nessa concepção, os discursos constituem, e são constituídos, por práticas sociais e discursivas e a partir desses contextos, produzem textos que são aqui entendidos como linguagem falada ou escrita (HALLIDAY,1978). Conforme já foi dito

anteriormente, Fairclough entende o Discurso como um meio de ação e de representação.

*“O Discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.”* (FAIRCLOUGH, 2001). Através dos discursos e dos enunciados pertencentes a esses discursos, os indivíduos interagem entre si e com o meio material em que se encontram, contribuindo para organização social de suas comunidades.

Fairclough pressupõe uma relação dialética entre o Discurso e a estrutura social. Os discursos constituem a estrutura social, mas é ao mesmo tempo restringido e moldado por essa estrutura. Através dessa relação reflexiva, os discursos geram as estruturas sociais e as estruturas sociais geram os discursos.

Nesse sentido, a partir do quadro teórico proposto por Fairclough, podemos pensar o Discurso como elemento constitutivo das identidades sociais e dos posicionamentos dos sujeitos de uma comunidade, assim como mediador de relações sociais entre indivíduos e instituições. Além disso, os discursos servem de base para elaboração dos sistemas de conhecimento e crença de uma sociedade ou comunidade.

Fairclough evita atribuir ênfase demasiada em qualquer um dos lados da relação dialética entre as práticas discursivas e a estrutura social justamente para que os discursos não sejam entendidos como meros reflexos de uma realidade social e nem como única fonte dessa estrutura social. Ele entende que as práticas discursivas podem tanto reproduzir a estrutura social, por exemplo, naturalizando relações desiguais de poder, como podem também contestar essa ordem social gerando as demandas de mudanças sociais.

Fairclough coloca o discurso como foco de luta pelo poder em uma sociedade. Ele reconhece o investimento político, ideológico e hegemônico presentes nos discursos que dão mais ou menos poder e visibilidade a determinados discursos e grupos sociais.

Os grupos sociais buscam poder e hegemonia através da articulação política e ideológica dos discursos. A articulação entre discursos é chamada de Ordem do Discurso.

A ordem do Discurso é um conceito utilizado para descrever o conjunto de interconexões entre discursos que é elaborado no interior de uma formação discursiva. Esse conceito é útil, porque ele pressupõe uma hierarquia entre esses discursos que é resultado do investimento político e ideológico na articulação de determinada Ordem do

Discurso. Formação Discursiva é definida por Foucault (1972) como sendo um sistema de regras e convenções que tornam possível a ocorrência de certos enunciados, e não outros, em determinados tempos, lugares e localizações institucionais.

Em seu quadro teórico, Fairclough chama de elemento, as partes constituintes de uma ordem do discurso. Ele defende que os limites entre esses elementos podem gerar linhas de tensão que por sua vez podem vir a gerar contradições no interior dessa ordem do discurso. O resultado da interação entre esses elementos no interior de uma ordem do discurso pode levar à rearticulação dessa ordem. A dinâmica de constituição, manutenção e diferenciação de uma ordem do discurso é política e ideologicamente orientada e pode inclusive refletir aspectos da ordem social em que a ordem do discurso se insere.

### **As dimensões do Discurso**

As dimensões das práticas Social e Discursiva de um discurso envolvem aspectos textuais e não textuais. A prática social define o ambiente discursivo e o contexto social em que o discurso opera e tem aspectos lingüísticos e não lingüísticos. A prática discursiva é a forma lingüística da prática social. Ela envolve os aspectos da produção, distribuição e consumo dos textos. Uma vez que os processos de produção, distribuição e consumo são processos sociais, o estudo de práticas discursivas não pode ser feito descolado dos aspectos sociais de sua prática.

No entanto, o ponto de partida de uma análise é sempre o texto, mas o analista precisa reconstruir o ambiente contextual desse texto de modo a entendê-lo. A análise do discurso articula elementos descritivos vinculados à análise textual com elementos interpretativos vinculados às práticas discursivas e sociais. É impossível realizar uma análise desse tipo sem articular esses elementos uma vez que um fornece dados para o outro.

### **A dimensão textual**

Na análise crítica, o texto é entendido como socialmente motivado. A escolha das palavras de um determinado texto leva em consideração o destinatário do texto assim como as posições do autor. Os enunciadores a partir de suas identidades e posições de sujeito definem ativamente aspectos de suas orações tais como estrutura gramatical, entonação e formalidade. Essas escolhas são feitas também em função do contexto social em que o enunciador se encontra como, por exemplo, para quem ele está

se dirigindo, quais as relações de poder estabelecidas nessa situação, quais os antecedentes históricos dessa situação e etc.

A análise textual envolve a observação do **vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual**. A análise do vocabulário de um texto procura discutir o processo de significação das palavras presentes no texto. Além disso, podemos problematizar as palavras de um texto em relação às palavras alternativas que também poderiam estar presentes, mas que por escolha do autor, não estão. Analisar as palavras de um texto pode ser a possibilidade de se pensar seus significados em relação ao universo de outras palavras que as circundam e as influenciam.

Esse olhar também permite enxergar processos de re-elaboração discursiva uma vez que um determinado fato, acontecimento ou História pode ser contado, registrado e documentado de diferentes maneiras e com diferentes palavras uma vez que eles se materializam dentro de campos significação política e ideológica. Os significados das palavras são historicamente construídos e por isso podem ser entendidos como parte de um processo dinâmico de construção de hegemonias (GRAMSCI, 1971).

Por exemplo, as metáforas empregadas em um texto, constroem significados que tem implicações políticas e ideológicas. As representações que as metáforas fazem refletem visões de mundo. A escolha por uma metáfora, e não outra, em um texto, reflete o posicionamento do sujeito. (LAKOFF & JOHNSON, 1980)

A análise da coesão investiga como as orações se ligam em frase e como essas frases compõem textos. Esse tipo de análise permite descrever os esquemas retóricos que um texto utiliza para comunicar. A estrutura retórica de um texto muitas vezes reflete formas diferentes de racionalidade como, por exemplo, as diferenças presentes entre um texto científico com um texto religioso.

A estrutura textual se refere à arquitetura do texto, como ele é organizado em um plano mais amplo, no sentido de que todo texto segue algum tipo de convenção, que está diretamente relacionada ao contexto e com as identidades dos sujeitos envolvidos no consumo ou produção do texto.

### **A dimensão da Prática Discursiva**

A natureza dos processos de produção, distribuição e consumo de um texto varia entre diferentes tipos de Discurso. Essa variação se deve à diversidade de contextos sociais de produção de textos.

O consumo de um texto varia conforme o contexto em que ele é consumido e também em função do grau de trabalho interpretativo que o texto exige. A distribuição de um texto pode ser simples ou complexa. Ela está intimamente ligada ao padrão de consumo do texto. O contexto social do texto exerce influência no tipo de rede de distribuição que ele participará e, conseqüentemente, onde será consumido.

Ao escrever, o autor de certa forma antecipa e incorpora em seu texto os processos de distribuição e consumo que se espera desse texto. Nesse processo o autor também incorpora no texto os seus leitores em potencial. Nesse sentido, o texto sempre conterá traços da dimensão sócio-cognitiva do seu autor. A dimensão sócio-cognitiva se refere ao conjunto de experiências de vida e de leitura, assim como seus posicionamentos sociais que estarão, de alguma forma, implícitos nos texto.

Assim como os processos de produção do texto, os processos de interpretação são restringidos pelos recursos individuais das pessoas e também pela natureza específica da prática social das quais esses processos fazem parte. Os recursos individuais dos participantes dos processos comunicacionais são estruturas sociais efetivamente internalizadas, assim como ordens do discurso e normas e convenções de produção, distribuição e consumo. A internalização desses recursos se dá como resultado do aprendizado formal e interpessoal dos indivíduos em sociedade.

Um dos pontos importantes para Análise Crítica do Discurso é a possibilidade de estabelecer conexões entre a natureza dos processos discursivos em instâncias particulares, com a natureza das práticas sociais que essas instâncias particulares fazem parte.

A produção e interpretação de um texto são entendidas pela análise crítica como um processo de múltiplos níveis. Existiria um nível chamado de inferior que se refere às palavras e às frases e outro nível, chamado superior, que se refere ao significado e as representações que as palavras e frases constroem. Esse modelo nos permite elaborar abordagens ascendentes ou descendentes de análises. As abordagens ascendentes entendem os significados do nível superior como resultados dos elementos do nível inferior. Nas abordagens descendentes, os significados das sentenças são os pontos de partida e o nível inferior das palavras é condicionado por esses significados.

É importante ressaltar que essa divisão, inferior, superior é arbitrária e que a interpretação transita o tempo todo por entre essas duas orientações ascendente/descendente. No entanto, esse modelo de orientações e níveis permite ao interprete reduzir a multiplicidade de significados que um texto pode ter.

O contexto é parte essencial da interpretação de um texto. Ele pode ser tanto a situação onde o texto se materializa ou os momentos que o sucedem ou antecedem. Ele também pode ser entendido como as condições de produção daquele texto. A forma como o contexto influencia a interpretação de um texto varia de acordo com cada tipo de discurso.

A coerência é considerada como propriedade dos textos, mas é possível enxergá-la como propriedade da interpretação. Um texto coerente faz sentido porque suas partes constituintes se articulam entre si de modo a construir um sentido. No entanto, um texto só faz sentido para quem vê sentido nele. O intérprete, a partir de seus recursos sócio-cognitivos, atribui sentido e coerência ao texto. Na interpretação o intérprete assume posições que o situam política e ideologicamente, fazendo com que ele concorde, discorde, resista, ou seja, assimilado por suas leituras.

### *Intertextualidade*

Intertextualidade é um conceito desenvolvido por Kristeva a partir dos trabalhos de Bahktin (KRISTEVA, 1986). Intertextualidade é a capacidade que os textos têm de se constituírem a partir de fragmentos de outros textos e, em geral. A intertextualidade pode se dar de duas maneiras:

-Constitutiva ou interdiscursividade: quando um texto pode se constituir a partir da aquisição de elementos e convenções textuais oriundos de outros discursos e ordens do discurso.

-Manifesta: quando existem marcas explícitas nos textos como, por exemplo, em citações, paráfrase e referências diretas a outros textos.

Fairclough distingue três tipos de intertextualidade Manifesta:

-Intertextualidade seqüencial: quando uma variedade de tipos de textos ou discursos se alterna no interior de um texto.

-Intertextualidade Imersa: quando um texto está claramente imerso em uma matriz de outro texto.

-Intertextualidade Misturada: quando diferentes tipos de textos ou discursos estão misturados de uma maneira complexa de difícil delimitação.

A intertextualidade pode se manifestar de muitas maneiras em um texto. Além das citações diretas e explícitas que podem acontecer, o texto pode se referir e utilizar

outros textos através de *representações discursivas, pressuposições, negações, metadiscursos e ironia*.

As representações discursivas se referem ao processo em que um texto relata um acontecimento ou fato. O ato de relatar envolve escolhas. A ênfase que é dada aos diferentes aspectos de um acontecimento está em função da posição do sujeito que relata. O relator pode escolher se dá voz aos participantes do acontecimento relatado, se fala por eles, seleciona suas falas, atribui valores aos personagens do acontecimento, enaltece, ridiculariza e reconstrói um evento discursivo. Muitas vezes a representação de um discurso em um texto é utilizada para reforçar algum aspecto do texto como, por exemplo, quando o discurso científico é trazido para um texto jornalístico para embasar uma reportagem.

As pressuposições estão presentes nos textos através de marcas textuais que sinalizam que o entendimento desse texto depende de informações fora dele, mas que o autor assume que o leitor saiba. Dessa forma, através das pressuposições que um texto realiza, podemos chegar aos textos que ele se refere ou se dirige. Muitas vezes uma pressuposição não se refere a um texto específico, mas a um conjunto de textos, opiniões ou posições.

As negações contidas em um texto se dirigem aos textos externos na medida em que negam afirmações ou idéias contidas nesses outros textos. As negações incorporam pontos de vista contrastantes no interior do texto e com isso estabelecem uma relação entre esses pontos de vista e conseqüentemente entre esses textos.

O metadiscorso é uma categoria da intertextualidade manifesta que se refere à capacidade de um texto conter elementos que relacionam o ato de produção desse texto com o seu autor. Através do metadiscorso, o autor se posiciona em relação ao seu próprio discurso. Ao se posicionar, muitas vezes o autor precisa recorrer a outros textos para marcar sua posição e é nessa situação que o metadiscorso contribui para a intertextualidade de um texto.

Ironia é uma forma sofisticada de interdiscorso, pois implica na incorporação de uma posição externa ao enunciado. Na maioria das vezes uma ironia só é entendida se o intérprete tiver consciência do discurso ou texto que está sendo ironizado. Por esse motivo, toda ironia carrega para dentro de um texto, elementos externos oriundos de outros textos.

A perspectiva intertextual coloca o texto em termos históricos na medida em que investiga a constituição desse texto com base na cadeia intertextual a qual esse texto faz

parte. Um texto, na maioria das vezes, está respondendo a textos que o antecederam, e se dirigindo aos textos futuros. A perspectiva intertextual permite explorar as redes de distribuição em que os textos se movimentam, permitindo mapear as transformações que um texto sofre ao migrar de um formato para outro, como por exemplo, um pronunciamento político se torna uma notícia de jornal. Do ponto de vista do consumo dos textos, a perspectiva intertextual aponta que a interpretação de um texto não está limitada ao texto em si, mas ao universo textual do texto e do próprio intérprete. Além disso, a intertextualidade revela o caráter heterogêneo de um texto de um Discurso.

Os tipos de discurso tendem a transformar em rotina, formas particulares de recorrer a convenções e a textos. A naturalização da intertextualidade de um discurso muitas vezes apaga a história de constituição desse discurso.

A análise da prática discursiva envolve a combinação de uma micro-análise com uma macro-análise. A micro-análise envolve a explicação do modo como os participantes produzem e interpretam textos, com base nos recursos sócio-cognitivos dos membros. A macro-análise investiga a natureza dos recursos dos membros, assim como as ordens do discurso a que se recorre para produzir e interpretar textos. A natureza da prática social molda os macro-processos da prática discursiva e os micro-processos moldam o texto. Nesse sentido, dentro do quadro tridimensional do Discurso (fig.1), a prática discursiva realiza a mediação entre as dimensões da prática social e o Texto.

### **A dimensão da Prática Social**

É na dimensão da prática social de um discurso que os aspectos ideológicos e hegemônicos do discurso operam e influenciam as dimensões da prática discursiva e do Texto. Fairclough realiza uma articulação entre o conceito de Intertextualidade de Kristeva (1986) com o conceito de Hegemonia de Gramsci (1971) resultando em um quadro teórico que posiciona em termos de relação de poder e dominação as construções discursivas. Mediando os conceitos de Intertextualidade e Hegemonia está o conceito de Ideologia de Althusser (1971)

### **Ideologia**

Fairclough conceitua ideologia como significações/construções da realidade (mundo físico, relações sociais, identidades sociais) que são construídas partir de práticas discursivas. Além disso, Fairclough assume que as ideologias:



- Têm existência material nas práticas sociais e institucionais.
- Exercem influência na constituição dos sujeitos sociais
- Os aparelhos ideológicos de estado (ex: mídia e educação) são locais e marcos delimitadores da luta de classe que apontam para a luta no âmbito do Discurso.

O trabalho de Althusser (1971) embasa o conceito de ideologia de Fairclough, porém com algumas restrições, entre elas o ponto em que Althusser defende que as ideologias são o cimento social universal. Fairclough atribui bastante importância aos efeitos ideológicos de construção social, mas não os vê como únicos agentes desse processo e tampouco lhe atribui condições deterministas. Para Fairclough, as práticas discursivas são meios de interagir com as ideologias em termos de produção, reprodução ou transformação das relações de dominação ideológicas:

*“ Quando são encontradas práticas discursivas contrastantes em um domínio particular ou instituição , há probabilidade de que parte desse contraste seja ideológico. (FAIRCLOUGH,2001)”*

Ideologia é aqui entendida como um modo de poder, um meio pelo qual grupos sociais podem estender sua dominação para campos simbólicos. A ideologia se apresenta tanto nas estruturas sociais como nos eventos particulares. Se observarmos a ideologia apenas na estrutura, podemos ter a impressão de que a ideologia condiciona os eventos particulares e que esses apenas reproduzem a estrutura ideológica. Se observarmos a ideologia apenas nos eventos particulares pode parecer que os eventos são completamente livres de amarras ideológicas, pois a ideologia só seria construída durante a existência do evento. Os dois extremos isolados são insuficientes para problematizar essa questão. As estruturas ideológicas restringem as possibilidades dos eventos, mas dentro dos eventos, existe espaço para transformar ou reproduzir as estruturas.

Apesar de existirem traços ideológicos impressos nos textos, não é possível “ler” ideologias neles. A leitura implica em interpretação e a interpretação é aberta e dependente dos recursos sócio-cognitivos dos membros. Os recursos sócio-cognitivos são, em certo sentido, mapas mentais da ordem social em que os indivíduos se inserem e contém toda sua história. Um indivíduo pode ser imune ao conteúdo ideológico de um

determinado texto simplesmente por não compartilhar com aquele texto identificações mínimas para que ele possa significar o conteúdo mesmo que inconscientemente

Dentro de um texto, pode ser investido ideologicamente o sentido das palavras, as pressuposições, as metáforas, a coerência, assim como seu conteúdo e forma. O grau de investimento ideológico varia de discurso para discurso. O investimento ideológico no discurso e as dimensões ideológicas de práticas sociais não necessariamente são atos conscientes dos indivíduos. A ideologia atua na constituição dos sujeitos, mas nem sempre os sujeitos estão conscientes de que estão sendo constituídos.

### ***Hegemonia***

Fairclough se baseia em Gramsci (1971) para conceituar hegemonia. Gramsci estabeleceu seu conceito de hegemonia entendendo a ideologia como materializável nas práticas sociais e como uma concepção de mundo que se manifesta na cultura, política e economia. Para Gramsci, os sujeitos são estruturados por diversas ideologias, adquirindo um caráter composto e heterogêneo. O senso comum é o resultado de lutas ideológicas passadas e é alvo de reestruturações das lutas presentes.

Para Fairclough, “*Hegemonia é a liderança e dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade.*” (FAIRCLOUGH, 2001 p.122). O poder que a hegemonia exerce sobre a sociedade é parcial e temporário, tendo um caráter de equilíbrio dinâmico. A hegemonia é um campo de luta que mobiliza toda a sociedade econômica e politicamente ativa.

A luta hegemônica se dá através das estruturas ideológicas, Fairclough sugere que as ordens do discurso são facetas discursivas do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia (FAIRCLOUGH, 2001, p.123). A articulação e rearticulação das ordens do discurso seriam então marcos delimitadores da luta hegemônica. Além disso, as próprias práticas discursivas também refletem e influenciam essas lutas.

É importante lembrar que o aspecto discursivo da luta hegemônica se dá também em instituições particulares (família, escola, tribunais) e não apenas entre blocos econômicos e classes sociais. A luta hegemônica também se materializa nas interações sociais cotidianas. A dominação hegemônica se dá tanto pela força física e bruta como pelas práticas discursivas que se estabelecem como hegemônicas através das interações sociais.

A hegemonia constrói modelos e matrizes. Os modelos são construídos por meio dos discursos e mediante a constituição de ordens do discurso locais. As matrizes são construídas através de articulações entre instituições e nas relações de poder.

O conceito de hegemonia é útil em fornecer conexões explanatórias entre a prática social e a prática discursiva de um Discurso. Ele permite analisar a prática social que o Discurso pertence em termos das relações de poder, observando se essas relações reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes. Esse conceito também torna a prática discursiva como um campo de luta hegemônica que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens do discurso existentes.

Quando acontecem problematizações de práticas sociais e discursivas, se abre um campo fértil para a criatividade. O processo de naturalização de mudanças discursivas participa do estabelecimento de novas hegemonias. Quando uma mudança discursiva está recente, ela ainda causa estranheza ou chama atenção por destoar da prática precedente. Com o tempo essa mudança pode se estabelecer como hegemônica e não mais causar estranheza. O mesmo processo acontece com as ordens do discurso.

## **2.2 Questão de pesquisa**

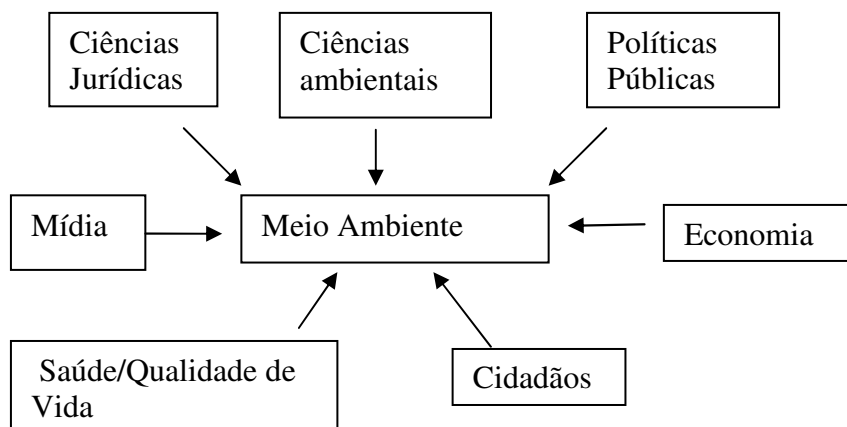
### **2.2.1 O discurso Ambiental como objeto para a Análise Crítica do Discurso**

O discurso sobre meio ambiente se constitui a partir das práticas sociais relacionadas à Preservação e Conservação ambiental (LEFF, 2001). Esse discurso é heterogêneo em função da diversidade de práticas discursivas associadas às práticas sociais de Preservação e Conservação dos recursos naturais. Ele se constitui a partir das regras de sua Formação Discursiva (FOUCAULT, 1972) que possibilitam a articulação de diferentes ordens do discurso particulares.

Dessa forma, a partir da Análise Crítica do Discurso, podemos pensar o Discurso sobre o meio ambiente em função de seu posicionamento frente às questões de ordem hegemônicas e ideológicas. As articulações das ordens do discurso sobre meio ambiente atendem a orientações de cunho ideológico e de certa forma competem entre si para se estabelecer hegemonicamente dentro do campo discursivo e das práticas materiais.

O discurso sobre o meio Ambiente se materializa na forma de textos e práticas. Os textos que esse discurso produz estão condicionados às visões de mundo e ao contexto Social de seus enunciadores. O meio Ambiente pode ser pensado de diferentes pontos de vista sociais. (Figura 2)

Figura 2: diferentes olhares sobre o meio ambiente



Esses diferentes pontos de vista articulam suas próprias ordens do discurso sobre meio ambiente essas diferentes ordens interagem entre si se complementando ou competindo. Nesse trabalho pretendo investigar um caso de articulação do discurso sobre as questões ambientais feito pela mídia. O jornalismo ambiental é uma especialização dentro do campo da comunicação que trata prioritariamente de temáticas relacionadas às questões ambientais. O contexto social de produção do jornalismo ambiental influencia a constituição de sua ordem do discurso. Quem fala; para quem fala; e como fala são questões essenciais para entendermos esses textos do ponto de vista de sua função social dentro de um campo de interesses ideológicos e hegemônicos.

### 2.2.2 Categorias da Análise Crítica do Discurso utilizadas nessa investigação

Para a realização desse trabalho, iremos realizar um estudo de caso onde serão feitas análises da Intertextualidade presente nos textos da Revista JB Ecológico. Pretendemos com esse trabalho contribuir para a elaboração de uma visão crítica dos textos sobre meio ambiente que circulam na grande mídia.

### Justificativa

Esse tipo de texto, pela sua ampla circulação contribui para formação dos discursos do senso comum. Além disso, esses textos jornalísticos muitas vezes estão mais próximos dos espaços escolares do que textos científicos e acadêmicos, uma vez que não é raro que professores utilizem esse tipo de material em suas aulas, seja como elementos motivadores ou até mesmo estruturadores de atividades pedagógicas (MARTINS, 2004). Nesse sentido, os processos de transposição didática desses textos necessitam levar em conta aspectos sobre a natureza de produção deles (NASCIMENTO, 2005).

### 2.2.3 Definição das questões de pesquisa

-Como se caracteriza a heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente da revista?

-Quais são os intertextos realizados pela revista JB Ecológico?

Para operacionalizar nossa investigação seguimos etapas propostas por Fairclough (FAIRCLOUGH, 2001a). As etapas de investigação propostas por Fairclough organizam nosso trabalho da seguinte maneira:

Estágio 1: Focalizar um problema social com aspecto semiótico:

Prática social: preservação e proteção da natureza.

Problema: representações superficiais, enviesadas, dessas práticas nos meios de comunicação.

As publicações especializadas em questões ambientais retratam as práticas sociais do Discurso sobre o meio ambiente a partir de seus posicionamentos políticos e ideológicos. Conforme já vimos anteriormente, as questões ambientais podem ser observadas e discutidas de diferentes lugares sociais e a mídia enquanto aparelho ideológico irá fazer opções sobre que lugares e vozes sociais ela irá destacar dentro de sua representação discursiva. Com isso as revistas realizam intertextos com diferentes discursos para montar seu próprio discurso sobre meio ambiente.

Uma publicação que entenda as questões ambientais sob uma ótica puramente catástrofista pode perfeitamente associar essas questões com temas ligados ao Apocalipse. A associação das questões ambientais ao Apocalipse pode gerar uma série de intertextos com discursos religiosos que podem inclusive, por exemplo, ser mais frequentes dentro da publicação do que os intertextos com o discurso científico.

A mídia foi importante divulgadora da problemática ambiental e com isso chamou a atenção da opinião pública para essas questões. O efeito da discussão ambiental pressionou os setores produtivos e econômicos da sociedade a incorporar a dimensão ambiental em seus processos e práticas de produção capitalista.

A incorporação da dimensão ambiental por parte dos setores produtivos gerou uma demanda de divulgação dessas novas práticas produtivas. Esses setores buscam agora a mídia para anunciar seus produtos e práticas ambientalmente comprometidas.

A mídia enquanto agente mediador entre o público e os setores produtivos da sociedade exerce uma função crucial na construção das identidades desses setores junto à opinião pública.

As representações das práticas sociais ligadas ao discurso sobre o meio ambiente vêm ganhando importância na construção das imagens das instituições. Nesse sentido, a forma como a mídia representa essas práticas ganha um significado que coloca essas representações sob o ponto de vista da construção de hegemonias dentro de uma sociedade. Quando um veículo de massas faz essas representações de maneira superficial ou enviesada, ele gera uma problemática para a construção do senso comum do discurso sobre o meio ambiente. A incorporação de uma visão superficial das práticas sociais do discurso sobre o meio ambiente ao senso comum enfraquece a visão crítica da sociedade com relação à incorporação da dimensão ambiental pelos setores produtivos.

Estágio 2: Identificação dos obstáculos à solução dos problemas identificados em (1).

Popularizando informações sobre meio ambiente

A popularização das informações sobre as questões ambientais pela mídia impressa constrói uma rede de práticas discursivas. Essa rede é caracterizada pela alta heterogeneidade do público leitor que possui interesses e competências de leitura muito diversificadas. Além disso, os interlocutores que participam dessa rede estabelecem diferentes relações de poder. As vozes participantes desse diálogo possuem diferentes volumes quando retratadas pelos veículos de comunicação. Os aspectos econômicos, científicos, políticos e sociais ganham pesos diferenciados dentro da formulação do discurso do veículo de comunicação.

A mídia tem ainda que atender compromissos com a atualidade de suas notícias e com interesses mercadológicos. Esses compromissos exercem influência na construção de seu discurso sobre o meio ambiente na medida em que determinam o tipo de material jornalístico que confere mais retorno em termos econômicos à publicação.

Semiose e outros elementos da prática

A prática discursiva da divulgação das questões ambientais não é uma tarefa de simples técnica jornalística. Essa prática envolve lidar com a complexidade das informações sobre o meio ambiente. Essa complexidade é devida ao intrincado conjunto de relações entre diferentes campos de atividade humana que tratam das questões ambientais. Esses diferentes campos que tratam das questões ambientais muitas vezes têm visões antagônicas sobre os mesmos assuntos, outras vezes abordam aspectos completamente diferentes entre si e em alguns casos compartilham diretrizes e regras.

A complexidade da temática ambiental exige um entendimento de conceitos científicos, jurídicos, administrativos, econômicos e políticos. Esses conceitos geram termos, expressões e abordagens que precisam ser ressignificados quando utilizados em meios de comunicação de massa. No entanto nem sempre o processo de ressignificação desses termos e expressões é trivial. Essas ressignificações muitas vezes exigem a capacidade de articular diferentes discursos e isso nem sempre é uma tarefa simples e fácil.

Um aspecto nocivo dessa dificuldade de articulação entre discursos é que muitas vezes o que pode acontecer nos textos de divulgação sobre meio ambiente é a conseqüente baixa articulação entre os diferentes tipos de discursos envolvidos na temática ambiental ou até mesmo o silenciamento de um desses discursos. A baixa articulação dos diferentes discursos pode resultar em um texto onde falta um conjunto de informações ou que apresente uma visão enviesada das informações ambientais.

Um texto sobre meio ambiente que faça pouca ou nenhuma articulação com o discurso científico pode parecer insuficiente para um leitor que tenha formação científica. Essa baixa articulação pode ocultar conflitos de perspectivas ou pontos de vista. A predominância de um discurso sobre o outro dentro de um texto reflete relações de poder da ordem social do contexto onde esse texto é produzido.

A baixa articulação entre discursos leva também a uma baixa divulgação da diversidade de práticas sociais e discursivas envolvidas no heterogêneo discurso sobre o meio ambiente.

Estágio 3 Quem se beneficia dessa questão?

Nesse estágio da abordagem crítica do discurso os problemas levantados nos estágios anteriores são colocados em uma perspectiva de quais interesses estariam envolvidos no estabelecimento desses problemas. Essa perspectiva entende que a manutenção do problema atende a interesses de uma organização social e política.

Uma abordagem superficial do discurso sobre meio ambiente reforça uma ordem social e uma visão de mundo onde decisões sobre meio ambiente estão concentradas nas mãos de tomadores de decisão.

Diante da complexidade da questão ambiental é difícil estabelecer um beneficiado objetivo da manutenção desses problemas, no entanto podemos entender que o sistema capitalista como um todo se beneficia desse tipo de abordagem superficial da mídia. Essa abordagem favorece a incorporação da dimensão ambiental de forma mercantilizada e sem comprometer interesses desenvolvimentistas. Além disso, é

interessante para os setores produtivos que existam veículos de divulgação que reforcem sua hegemonia e também suas práticas ambientais. Esse tipo de abordagem das questões ambientais consolida uma falsa imagem de que a opinião pública tem algum poder sobre as ações dos donos dos mercados no que tange as questões ambientais.

#### Estágio 4: Maneiras de superar os obstáculos

A maneira que encontramos de superar esses obstáculos foi tentar entendê-los sob o aspecto da análise textual. Por meio da análise textual pretendemos identificar elementos selecionados, estabilizados (hegemonias construídas e/ou reafirmadas) e também os elementos subjugados, ocultados ou não escolhidos para compor o discurso sobre o meio ambiente do JB Ecológico. Com isso pretendemos relacionar a análise textual com as práticas sociais de modo a contribuir com a construção de uma leitura crítica dos textos da mídia impressa.

Estágio 5 Reflexão sobre a análise: Como esse trabalho pode contribuir para mudanças nessas práticas?

Esperamos com esse trabalho discutir as práticas de escrita jornalística e de leitura e com isso contribuir para o estabelecimento de visões críticas desses dois processos. Além disso, pretendemos fornecer elementos que subsidiem apropriações e usos desses tipos de textos em contextos pedagógicos.

A divulgação de uma visão crítica acerca dos textos sobre meio ambiente que circulam na grande mídia impressa é importante na medida em que fornece dados que podem vir a contribuir para uma produção textual mais sofisticada sobre essa temática. Ao mesmo tempo esses dados revelam aspectos da natureza da produção desses textos e das construções de sentido implicadas nesses textos.

No próximo capítulo apresentaremos os resultados gerados a partir de nossas análises embasadas pelo quadro teórico aqui apresentado. Buscamos nesse capítulo introduzir as questões teóricas e as categorias utilizadas para gerar nossas análises e resultados.



### 3 ANÁLISE

#### 3.1 Descrição do material: O JB Ecológico

O *JB Ecológico* é uma revista mensal distribuída junto ao *Jornal do Brasil*, um jornal centenário, fundado em 1891, na cidade do Rio de Janeiro e que, junto com os jornais *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *O Globo*, é considerado um dos Jornais Nacionais do País. Essa denominação de Jornal Nacional é dada a esses jornais pelo fato deles historicamente terem se estabelecidos como os jornais tradicionais das duas maiores cidades do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo. São esses quatro jornais que ocupam o lugar de destaque na imprensa nacional. São eles que denunciam as negociatas, lançam as modas e abraçam as grandes causas. E é nesse sentido que são "nacionais": têm alcance e poder para influir nos rumos políticos, econômicos e culturais do País. São também os jornais mais bem equipados, dotados dos maiores parques gráficos e das maiores redações, e que mantêm em seus quadros os melhores jornalistas. Distinguem-se ainda, da imprensa regional, pelo fato de manterem sucursais ou correspondentes em virtualmente todos os Estados brasileiros, bem como correspondentes no exterior<sup>1</sup>.

Desde o final da década de 1990, o *Jornal do Brasil* passa por processo de perda de mercado, vendo diminuídas suas vendas e circulação. No entanto ele é, até hoje, lido por parcela significativa da elite pensante e dos detentores do poder político e econômico do país, mantendo assim ainda um relativo prestígio.

A revista *JB Ecológico* foi lançada no ano de 2002 em meio a essa crise que o *Jornal do Brasil* passava e ainda passa. Na época, cada edição tinha em média 38 páginas, e dimensões de 30 cm x 22 cm, impressão em cores, incluindo uma ampla variedade de imagens e fotografias. Seu *design* interno procurava proporcionar uma experiência agradável de leitura e apresentava um padrão inovador para os padrões das revistas encartadas da época. O *JB Ecológico* é o resultado da expansão do projeto *EM Ecológico* anteriormente publicado, durante nove anos, apenas no Estado de Minas Gerais, junto ao *Jornal Estado de Minas*. O *JB Ecológico*, assim como seu predecessor o *EM Ecológico*, é produzido no Estado de Minas Gerais pela empresa *HF Consultoria Ambiental e Comunicação* que responde pelo projeto editorial, gráfico e também pela

---

<sup>1</sup> Roberto Pompeu de Toledo, [http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/comunica/imprensa/inacreg/a\\_present.htm](http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/comunica/imprensa/inacreg/a_present.htm), data de acesso setembro de 2006

diagramação da revista. Essa empresa é propriedade do editor da revista *JB Ecológico*, Hiram Firmino. No ano de 2002, o editor da revista foi premiado com o Prêmio Ford de Conservação Ambiental na categoria *Conquista Individual por “promover a consciência ambiental e contribuir para a preservação dos recursos naturais e o desenvolvimento sustentável através da difusão da informação ambiental na grande mídia impressa brasileira”* (Edição 11, página 44). Além de ambientalista e jornalista, o editor da revista já ocupou cargos públicos como o de secretário municipal de meio ambiente de Belo Horizonte, presidente da Fundação Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais (FEAM), e presidente da Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente (ANAMA). Como jornalista, já ganhou dois prêmios Esso de Jornalismo. Um desses prêmios foi dado à reportagem publicada na edição número 2 em abril de 2002. A reportagem premiada tratava do tema “Crimes contra a natureza humana” e abordava a situação das instituições psiquiátricas no Brasil. Uma análise mais detalhada desse material será feita no item que trata das seções raras da revista.

A equipe editorial do *JB Ecológico* é composta por cinco integrantes: o editor, uma subeditora e três repórteres. Durante os primeiros três meses de publicação, as revistas eram lançadas a cada mês, nos domingos de lua cheia. A partir do quarto mês de publicação ela passou a ser lançada aos sábados de lua cheia. Nas duas últimas edições de nosso *corpus* de pesquisa a revista vinha sendo publicada a cada lua cheia. Essa associação da periodicidade da publicação com as fases da lua demonstram a intenção dos editores de apresentar um caráter alternativo aos padrões habituais de uma revista mensal. A busca por caminhos alternativos é uma marca da revista também no que tange aos textos nela publicados. Há uma rica variedade de tipos textuais no conteúdo das revistas. Podem ser encontradas poesias, reportagens, ensaios, opiniões, textos literários e mensagens espirituais. Essa heterogeneidade de gêneros de texto reflete, em certa medida, a abordagem multifacetada que a revista dá às questões ambientais, uma vez que cada gênero não só corresponde a uma forma específica de expressão como também se remete a uma situação discursiva particular. Além disso, observa-se com frequência que alguns textos publicados na revista misturam elementos desses diferentes tipos de gêneros. Por exemplo, o texto da seção *Selva de Concreto* publicado também na segunda edição em abril de 2002. Nesse texto em questão o colunista Félix Concolor, uma espécie de pseudônimo de um dos integrantes da equipe editorial, faz uma análise da conjuntura política do governo do Estado do Rio de Janeiro

no momento em que a então vice-governadora Benedita da Silva assume o cargo de governadora do Estado. No entanto essa análise da conjuntura é construída com base em paráfrases da letra da música *Sozinho*, gravada por Caetano Veloso e que teve enorme êxito comercial em 2002, como exemplificado no trecho abaixo:

*“... E ainda me faço às vezes no silêncio da noite, como se eu fosse não essa onça parda, sussuarana. Mas um Caetano ecológico, cantando aquela canção do peninha: **Eu fico imaginando os dois**, o Rio e a Benedita. ...**Por que** o seu governo, Benedita, seu secretário de meio ambiente e seu PT **deixam** o cidadão fluminense tão **solto** na questão ecológica? **Porque você não cola** total na causa da recuperação ambiental da Baía de Guanabara? **Estamos nos sentido muito sozinhos**, Benedita”*

*(JB Ecológico Nº2, página 17)*

Dessa forma, embora a revista se proponha a fazer uso de uma linguagem jornalística para tratar a questão ambiental ela, ao mesmo tempo, permite uma flexibilidade ao explorar outras linguagens para abordar esse assunto na tentativa de estabelecer o que o seu editor cunhou de Comunicação Ambiental. Segundo o editor da revista JB Ecológico, Comunicação Ambiental seria a ponte que comunica as ações ambientalmente corretas das empresas para o público em geral (editorial da edição nº3). É através da Comunicação ambiental que as empresas, empresários, políticos, Ongs e governos podem divulgar para um público de não-especialistas as atividades que desenvolvem. Esse tipo de comunicação contribui para a construção de imagens institucionais que buscam criar uma empatia do público com os agentes das ações ambientais. No entanto, esse tipo de comunicação precisa ressignificar para o público leigo, termos técnicos, científicos, administrativos e jurídicos que não fazem parte do universo discursivo da maioria das pessoas que irão ler esses textos.

O processo de ressignificação discursiva implica escolhas. Essas escolhas são feitas no momento em que produzimos um texto e envolvem a construção, adaptação e transformação de conceitos e expressões oriundos de outros campos discursivos. Por exemplo, os nossos resultados da análise dos editoriais indicam que a palavra ecologia é ressignificada de diferentes maneiras ao longo dos editoriais. Há situações onde o conceito científico da ecologia é lembrado, em outros são gerados intertextos com um conjunto de enunciados de origem religiosos. Esses resultados serão mais

detalhadamente discutidos na seção 3.1.2.1, no entanto trago aqui esse exemplo para ilustrar a idéia de que os discursos nunca são apropriados de forma integral pelos enunciadores. Estes sempre utilizam os discursos de acordo com suas visões particulares e a partir dos lugares sociais que ocupam. Dessa forma, os enunciadores podem utilizar um conjunto de discursos ou enunciados e montar seus próprios enunciados de acordo com suas necessidades comunicacionais e suas posições ideológicas, políticas e sociais.

Por esse motivo, a caracterização do contexto social de produção é importante para que tenhamos um quadro das possibilidades de articulação de discursos em nosso material. A partir da identificação dos diferentes discursos mobilizados na construção do discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico, podemos traçar os processos de ressignificação ocorridos no interior desse discurso e problematizar suas implicações para a constituição de um discurso do senso comum sobre o meio ambiente.

### 3.1.1 Contexto social de produção

No período compreendido entre março de 2002 a fevereiro de 2003 ocorreram eventos e fatos históricos bastantes significativos. No âmbito mundial, começa-se a delinear os impactos e implicações políticas das reações ao atentado às torres gêmeas ocorrido em 11 de setembro do ano anterior. A revista posiciona-se e expressa um ponto de vista ao questionar e criticar, logo em seu primeiro número, o presidente dos Estados Unidos da América não só no que diz respeito à sua política de desenvolvimento econômico, caracterizada como agressiva ao meio ambiente, mas também no plano militar criticando a “guerra contra o terrorismo” no Afeganistão e no Oriente Médio. Mais especificamente, com respeito à temática ambiental, é neste período que se realiza a Rio +10 que reuniu, na África do Sul, líderes de centenas de países para discutir a implementação das diretrizes ambientais tiradas durante a Eco/92<sup>2</sup>. No âmbito nacional, a revista também deu ênfase e registrou, a sua maneira, o processo de transição política ocorrido nas eleições presidenciais de 2002 quando o Brasil elegeu seu primeiro governo de esquerda nomeando Luis Inácio Lula da Silva como presidente do País.

---

<sup>2</sup>A **ECO-92, Rio-92, Cúpula, ou Cimeira da Terra** são nomes popularmente atribuídos à **Conferência das Nações unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento** (CNUMAD), realizou-se de 3 a 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. O seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico e industrial com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. Fonte: Wikipedia.org

A revista ainda fez menção a fatos e acontecimentos que possuíam implicações para o meio ambiente. Incluíram em sua pauta discussões acerca de desastres ecológicos, da nomeação da ministra do meio ambiente do governo Lula, Marina Silva, e de polêmicas e denúncias feitas por ambientalistas. Ela reportou contendas judiciais entre empresas e associações ambientalistas como no caso da Nestlé e a Associação de Amigos do Parque das Águas de São Lourenço em Minas Gerais. Relatou eventos acontecidos no Fórum Social Mundial em Porto Alegre em 2003 como, por exemplo, os discursos de Lula e Marina Silva.

Como vimos anteriormente, a revista JB Ecológico se propõe a dialogar com uma audiência ampla de leitores sobre temas relacionados ao meio ambiente. Por esta razão o uso da linguagem nos textos da revista visa a atender a expectativa de leitores que não são especialistas nas temáticas apresentadas e envolve uma re-estruturação de discursos sobre o meio ambiente de modo a torná-los assimiláveis para o público leitor do Jornal do Brasil.

Além disso, o JB Ecológico, em função da abrangência e atualidade de suas temáticas bem como de sua grande circulação pela região sudeste, pode potencialmente servir de recurso para professores e alunos e vir a ser utilizado, em contextos educativos, como fonte de textos para elaboração de atividades de sala de aula, ou até mesmo contribuindo para a formação do discurso de alunos e professores sobre meio ambiente. No caso dessa investigação, não problematizaremos o uso do JB ecológico em situações educativas concretas, mas esse contexto de utilização da revista é o pano de fundo para enunciarmos nossas perguntas.

O JB Ecológico, entendido como um produto da atividade humana, e como tal impregnado de historicidade, fornece uma visão situada das questões ambientais. Implícitos em seu texto, diagramação e propaganda estão indícios de formas de pensar o meio ambiente, de interpretar o conhecimento acerca do meio ambiente e sobre modelos de exploração desse meio ambiente.

Devido à possibilidade do material dessa revista circular por determinados grupos sociais e contribuir para a formação do discurso ambiental dos que são expostos ao seu conteúdo, se faz necessário entender o posicionamento que a revista tem com

relação às questões ambientais tendo em vista as condições de produção social dessa revista.

Nesta investigação, escolhemos analisar os exemplares que correspondem ao primeiro ano de publicação da revista. Este recorte se justifica pelo fato de que é neste primeiro ano que a equipe responsável pela revista apresenta e detalha sua proposta e que o projeto editorial configura sua identidade.

### **3.1.2 Descrição composicional**

As análises apresentadas a seguir foram, portanto, baseadas nas 13 primeiras edições da revista JB Ecológico publicadas no período de março de 2002 a fevereiro de 2003. Nossa amostra tem 13 edições porque no mês de Junho de 2002, em função do Dia Mundial do Meio Ambiente, foram lançadas duas edições ao invés de apenas uma. Esta escolha permitiu pesquisar a primeira fase de uma iniciativa inovadora na imprensa brasileira: a publicação de uma revista com fins de divulgação e discussão das questões ambientais. A tabela 1 mostra as chamadas de capa das principais matérias publicadas nestes primeiros números. Vemos que estas chamadas destacam, invariavelmente, mais de uma matéria. Muitas delas dizem respeito a reportagens sobre temas ligados às políticas ambientais, entrevistas com figuras públicas que atuam em diferentes setores (artistas, gestores, políticos etc.) e ensaios promovendo aproximações entre ecologia e diferentes temas sociais (loucura, exclusão social, cidadania etc.).

Pelos enunciados contidos nas capas das revistas, podemos notar aspectos da heterogeneidade discursiva característica da revista. Em suas manchetes, as revistas analisadas trataram tanto de questões políticas globais e nacionais, como também de eventos importantes no que tange às questões ambientais. Apesar disso, ainda houve espaço para assuntos como ensaios fotográficos, reportagens sobre o setor industrial do Rio de Janeiro, passeios turísticos, chamadas para entrevistas, regulamentação da utilização de recursos ambientais e da pesca marinha.

Os enunciados contidos na capa de uma revista têm o objetivo de chamar a atenção do leitor e instigá-lo a abrir a revista. A partir da análise desses enunciados temos condição de começar a montar um quadro descritivo das temáticas que são mais destacadas pela revista.

Tabela 1: Manchete das capas das revistas

<b>Número</b>	<b>Enunciados da Capa</b>
Março de 2002	BUSH TERRORISTA AMBIENTAL? O presidente dos EUA, George W. Bush, é acusado de aterrorizar o meio ambiente do planeta e o futuro da humanidade. Página 40 RIO +10. Reencontro marcado na África do Sul página 39 CIDADANIA. Gabriel defende aquilo que pensa página 32 POLÍTICA. Diplomacia verde no ministério do Meio Ambiente página 15
Abril 2002	A VIDA INVISIVEL A natureza que se revela nas retinas da macrofotografia página 48 A ecologia da loucura de Rodrigo Santoro página 32 Fernando de Noronha A ilha ameaçada página 20
Mai 2002	TERRA EM TRANSE os efeitos ambientais da guerra do Afeganistão A briga da Nestlé com São Lourenço O último recado de Lutzenberger
Junho 2002	A CONDIÇÃO TERRENA “somos sozinhos, perdidos, temos dor e uma imensa necessidade de amor” Pierre Levi Edição especial: dia mundial do Meio Ambiente
Junho 2002	PROMESSA DE VIDA pesquisa comprova que as indústrias do Rio já têm consciência e investem em meio ambiente página 22
Julho 2002	Rio + 10 A ESPERANÇA
Agosto 2002	ELE CHEGOU começa segunda feira em Johannesburgo na África do Sul o encontro que pode decidir o futuro e a sobrevivência da Terra. Um planeta assolado pela destruição do meio ambiente e um modelo econômico predatório que causa exclusão social e condena um sexto da humanidade à mais absoluta pobreza. Trata-se da conferência de Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+10, cujo desafio é implementar o que foi decidido na Eco/92 no Rio de Janeiro. O sucesso ou fracasso desse encontro será o destino de todos nós. Páginas 14 a 35
Setembro	Rio + 10 DEZ ANOS DE ESPERANÇA DEZ DIAS DE FRUSTRAÇÃO o protesto do Greenpeace mostra a insatisfação dos ambientalistas em

2002	<p>relação aos resultados da Rio+10</p> <p>Grátis: sementes para você comemorar o dia da árvore</p> <p>Entrevista exclusiva: José Carlos Carvalho, Ministro do Meio Ambiente</p> <p>Inédito: Ensaio Fotográfico com a região Amazônica</p>
Outubro 2002	<p>SALVOS? A falta de regulamentação do “Dolphin Safe” põem em risco a sobrevivência dos golfinhos página 22 (sic)</p> <p>ENTREVISTA: a gestão ambiental de Paul Backer página 10</p> <p>PARCERIA a esperança que vem da mata atlântica página 14</p> <p>LITERATURA os sertões verdes de Euclides da Cunha</p>
Novembro 2002	<p>LUAR NO IGUAÇU A Argentina aposta na beleza da lua cheia para aumentar o turismo nas Cataratas página 24</p> <p>GENTE Gisele Bunchen provoca a ira dos ambientalistas página 12</p> <p>MÉMORIA Nunca houve uma mulher como Gilda no Fiorentina página 13</p> <p>POLÍTICA: crônica de Fernando Brant mostra o outro lado de Lula página 32</p>
Dezembro 2002	<p>CORAÇÃO VERDE o Brasil põem fé na escolha de Marina Silva para o ministério do meio ambiente páginas 10 e 24 “Minha prioridade é pôr a política Ambiental no coração do governo” Senadora Marina Silva, futura ministra do Meio ambiente. (sic)</p> <p>ENSAIO: A arte de Glauco Costa página 40</p> <p>TESTEMUNHO: Salgado revela a degradação página 18</p> <p>PRÊMIO: JB Ecológico vence o Ford página 44</p>
Janeiro 2003	<p>FALE COM ELE para fazer “Fale com Ela” Cineasta filma tourada, sacrifica o animal e acende a ira dos ambientalistas página 20</p> <p>ENTREVISTA: Ziza metrô e a solução para o Brasil página 10</p> <p>ENSAIO Fotos inéditas do Jalapão de Tocantins</p> <p>REFLEXÃO: Seria Lula o ponto de mutação?</p>
Fevereiro 2003	<p>UM NOVO MUNDO É POSSIVEL: os fóruns mundiais discutem a fome e apresentam saídas para o planeta, página 18</p> <p>ENTREVISTA: Conde: “ o Rio de hoje é muito mais limpo” página 6</p> <p>REFLEXÃO: a exclusão segundo Boff página 24</p> <p>FILOSOFIA: A ecologia do Anjo Pornográfico página 32</p>



Pela análise dos enunciados das manchetes de capa, percebemos que essas chamadas privilegiam questões relacionadas com os aspectos da política ambiental tanto no plano mundial quanto no plano brasileiro. Referências ao Lula, à Marina Silva, José Carlos Carvalho, George W. Bush e Conde estão presentes em algumas capas.

Além dos aspectos políticos, estiveram muito presentes nas chamadas de capa referências à Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável organizada pelas Nações Unidas, popularmente conhecida como Rio+10.

Uma análise dos sumários das revistas também revelou um conteúdo heterogêneo. De um modo geral, as revistas abordam desde temas relacionados à indústria e o mundo empresarial até assuntos voltados para o lazer e entretenimento. Há uma forte ênfase na publicação de notícias relacionadas às ações ambientais de empresas e órgãos governamentais. Há também uma forte presença de reportagens que alertam a sociedade sobre desastres ambientais e incidentes envolvendo empresas com má conduta sócio-ambiental. Da mesma forma encontramos entrevistas com políticos, empresários, ativistas ambientais e outras personalidades influentes no cenário político-econômico e social, que desenvolvem algum tipo de atividade relacionada ao meio ambiente.

Durante o levantamento do conteúdo da revista observamos que as seções da revista apresentavam padrões distintos de participação no material analisado. Havia seções que estavam presentes em todos os exemplares da revista, outras que eram frequentes e outras que eram raras. Por essa razão criamos três categorias para classificar as seções da revista: *Seções fixas*, *Seções recorrentes* e *Seções raras*.

Tabela 2: Seções presentes nas 13 primeiras edições do JB Ecológico

Tipo de seção	Nomes das seções	Características das seções	Distribuição das seções	Autoria
Fixa	<i>Editorial, Humor, Cartas, Páginas Verdes e Gente Ecológica</i>	-Estabilidade de seus conteúdos -Caracterizam o universo discursivo da revista	-Estão presentes em todas as edições	São sempre feitas pela equipe editorial, nem sempre assinadas.
Reincidente	“ <i>Reflexão</i> ”, “ <i>Ensaio</i> ”, “ <i>Reportagem de Capa</i> ”. “ <i>Artigos</i> ” e “ <i>Opinião</i> ”	-Flexibilidade na escolha de seus conteúdos -Variação das temáticas -Não necessariamente estabelece relações entre os textos de cada edição.	Não há um padrão estabelecido de distribuição	Há seções com autores da equipe, outras com autores convidados e algumas não assinadas.
	<i>Natureza Medicinal, Filosofia, Empresariais/Mundo Empresarial, Ecoturismo, Mundo/Vida Animal, Rio +10, Brasil, Brasileiras, Política, Memória, Educação Ambiental, Baía de Guanabara</i>	-Estabilidade nas temáticas -Textos de diferentes edições guardam relações entre si		
Rara	<a href="#">Intera@gente</a> , Cidadania, Mundo, Vasto mundo, Ecologia Interior, Moda e Saúde, Ombudsman, Alerta, Tecnologia Limpa Biodiversidade, Depoimento, Velho Xico, Perfil, Mundo, Selva de Concreto, Economia Verde, Idéias, Protesto, Gestão, Mulheres, História, Conceito, Espiritualidade, Denúncia Cinema, Mercado Verde, Dia da Árvore, Poesia, Mata Atlântica Sustentabilidade, Energia, Carta a Bush, Responsabilidade Social, Prestige, Nestlé, Imprensa Verde, Ambiente, Travessia Saúde, Ponto de Mutação, Comportamento.	São seções com muita variedade de temáticas Não guardam relações entre si Abordam questões que às vezes não parecem se relacionar diretamente às questões ambientais.	Seções isoladas	Os autores podem ser da equipe editorial, convidado ou não identificado.

Seções são as unidades temáticas da revista. No total contabilizamos 62 seções distribuídas pelas três categorias que definimos. Essas seções foram caracterizadas em função da estabilidade de suas temáticas, sua distribuição na amostragem e com relação ao tipo de autoria que elas apresentavam. Cada tipo de seção foi analisado enquanto categoria e os resultados são descritos abaixo:

### 3.1.2.1 Seções fixas

As seções classificadas como fixas foram: *Editorial*, *Humor*, *Cartas*, *Páginas Verdes* e *Gente Ecológica*. Ou seja, todas as edições analisadas apresentavam um editorial, um espaço para cartunistas, um espaço de cartas dos leitores, uma seção de entrevista com personalidades influentes nas questões relacionadas ao Meio Ambiente e uma seção com frases de pessoas famosas sobre meio ambiente.

As seções fixas contribuem para nossa análise no sentido de que através delas podemos mapear o universo discursivo da revista seja pela identificação dos interlocutores entrevistados, como também pela identificação dos leitores que escrevem para revista. Além disso, a seção Editorial nos coloca em contato com a visão e a proposta que o editor da revista tem sobre a própria revista.

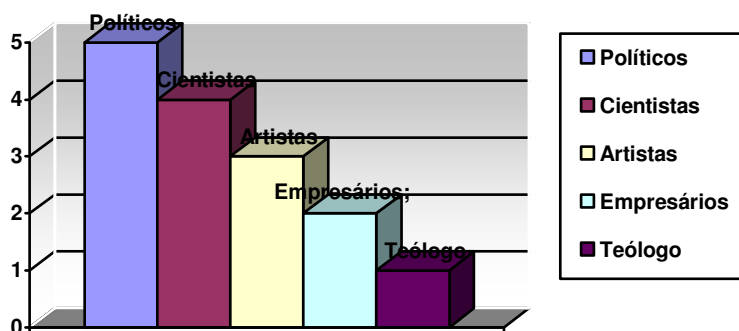
#### ***Páginas Verdes, Gente Ecológica e Cartas do Leitor :***

A partir da análise das Seções Fixas do JB Ecológico buscamos descrever um aspecto do universo discursivo da revista que diz respeito à diversidade de pontos de vista, horizontes socioconceituais e visões de mundo presentes no texto. Essa análise se baseou no levantamento de todos os enunciadores presentes nas seções *Páginas Verdes*, *Gente Ecológica* e *Cartas do Leitor* e na discussão do seu lugar social.

A seção *Páginas Verdes* traz mensalmente entrevistas com personalidades envolvidas com as questões ligadas ao meio ambiente. O espaço das entrevistas é um lugar dentro da revista em que seus editores dão voz e visibilidade às opiniões e idéias de pessoas que são consideradas, pelos editores assim como pela comunidade envolvida com meio ambiente, como relevantes de serem ouvidas e entrevistadas. Nesse sentido, através do levantamento dos entrevistados podemos ter uma idéia dos tipos de discurso que a revista privilegia e com os quais dialoga mais freqüente ou intensamente. Durante as análises constatamos que eventualmente ocorriam entrevistas também em outras seções

tais como as seções *Mundo Político, Depoimento e Travessia*. Por conta disso incluímos os dados dessas seções na contabilização geral dos entrevistados.

Gráfico 1 Ocupação profissional dos Entrevistados do JB Ecológico nas Seções *Páginas Verdes, Mundo Político, Depoimento e Travessia*.



De um modo geral, as entrevistas presentes no JB Ecológico podem ser entendidas como espaços onde diferentes tipos de discurso são chamados para dialogar com a revista. Em certo sentido, podemos entender os entrevistados como representantes de determinado tipo de discurso. É evidente que o entrevistado não é formatado em função do tipo de discurso que ele representa e invariavelmente transita, durante suas enunciações por diferentes tipos de discurso criando sua própria heterogeneidade discursiva. No entanto, no presente trabalho não realizamos análises detalhadas dos enunciados das entrevistas, porém assumimos que os entrevistados representam os tipos de discurso que a revista selecionou para dialogar.

As entrevistas podem ser pensadas em termos da categoria **Representação Discursiva**, apresentada na discussão de nosso quadro teórico, que é uma forma de manifestação da intertextualidade de um texto. As entrevistas relatam diálogos realizados entre entrevistador e entrevistado. Se pensarmos cada revista individualmente como um texto complexo, composto por todas as seções de sua edição, as entrevistas seriam um espaço onde a revista apresenta diferentes tipos de discurso sob a forma mais direta de representação, o discurso relatado. No caso desse trabalho, estamos entendendo os entrevistados como porta-vozes dos seus discursos de origem. Por exemplo, o cientista traz para a revista o discurso científico, o político o discurso político e assim sucessivamente. Ressaltamos que isso é uma simplificação, mas que pode ser útil para pensarmos aspectos globais da constituição do discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico. Sem dúvida um estudo mais minucioso dos enunciados das entrevistas seria muito proveitoso no sentido de entendermos como se constrói o

diálogo da revista com outros discursos, mas não chegaremos a esse grau de aprofundamento nesse trabalho.

Nossas análises mostram que na soma total, foram mais ouvidos, durante o período pesquisado, os políticos, seguidos dos cientistas. É importante frisar que considerando apenas a seção Páginas verdes os cientistas estão mais presentes que os políticos

Os políticos entrevistados eram de diferentes escalões, cargos e funções, em níveis Federais, Estaduais e Municipais assim como os cientistas eram de diferentes áreas acadêmicas tais como Física, Geografia e Sociologia. Os artistas também eram de diferentes áreas artísticas tais como música, desenho e literatura.

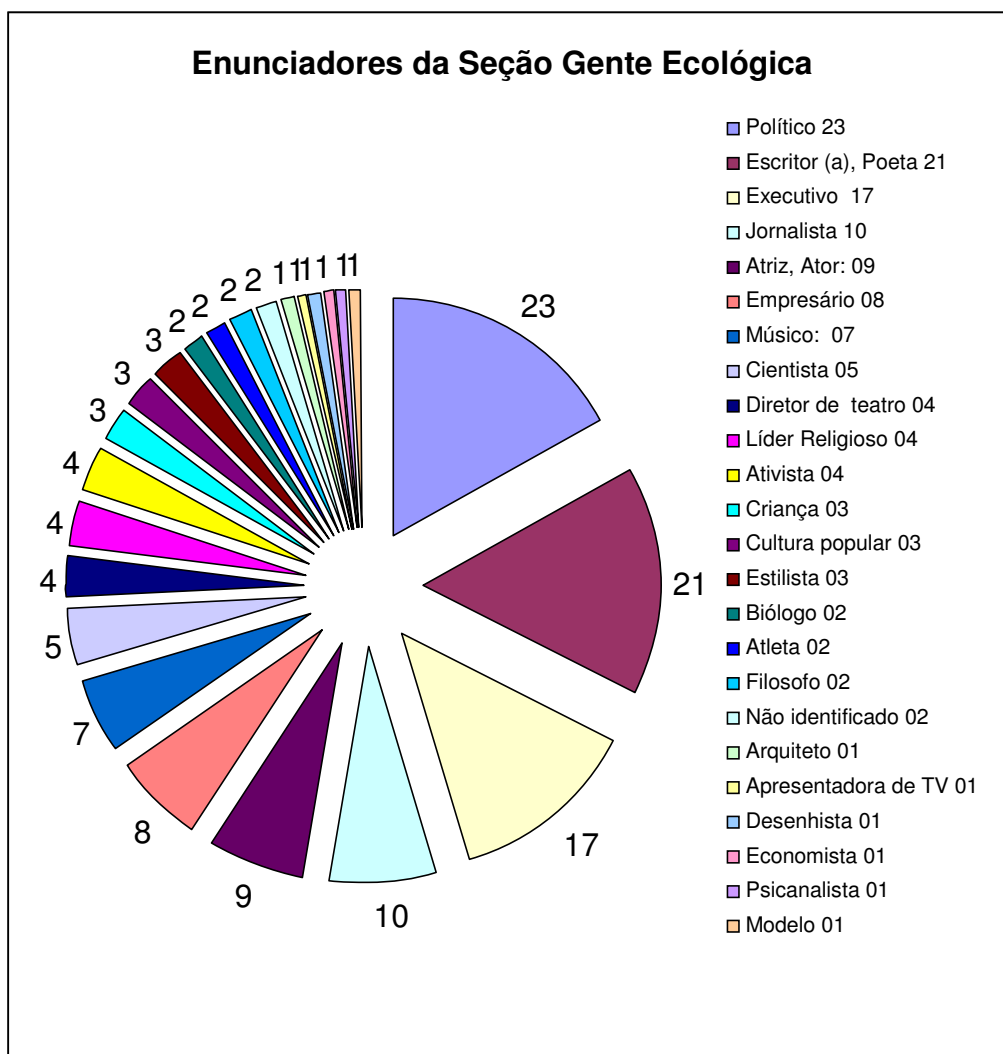
Essa diversidade de temáticas e interesses reflete o caráter plural que o JB Ecológico procura dar ao tratamento das questões ambientais, e ao mesmo tempo revela os tipos discursivos mais predominantes na revista. Sob essa ótica podemos perceber que os aspectos políticos exercem mais influência na constituição do discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico do que o discurso científico, a arte, a economia e a religião.

Verificamos uma ênfase à dimensão política do discurso sobre o meio ambiente do JB Ecológico pela análise do perfil dos enunciadores da seção *Gente Ecológica*. Esta é uma seção, não assinada, que apresenta uma seleção de frases de pessoas famosas dizendo algo que de alguma forma se relacione com as questões do meio ambiente. Essas frases são recortadas fora do contexto de sua enunciação original, aparecem entre aspas e são atribuídas ao autor citado, junto com uma especificação de seu lugar social ou atividade profissional. Dependendo da notoriedade da pessoa citada, ela pode até ter sua foto estampada próxima à sua frase. Essa seção parece ter como objetivo levar ao leitor opiniões que o JB Ecológico acha relevante divulgar. Além das opiniões de pessoas importantes nas mais diferentes áreas, essa seção faz citação também de poesias, letras de música, diálogos de filmes, ditados populares e religiosos.

O gráfico 2 mostra como se distribuem os autores das frases em função de sua atuação profissional. Os políticos mais uma vez foram os mais citados nessa seção, seguido dos escritores e executivos. A presença marcante dos executivos também dá

indícios do valor dado à opinião dos setores industriais e econômicos com relação às questões ambientais.

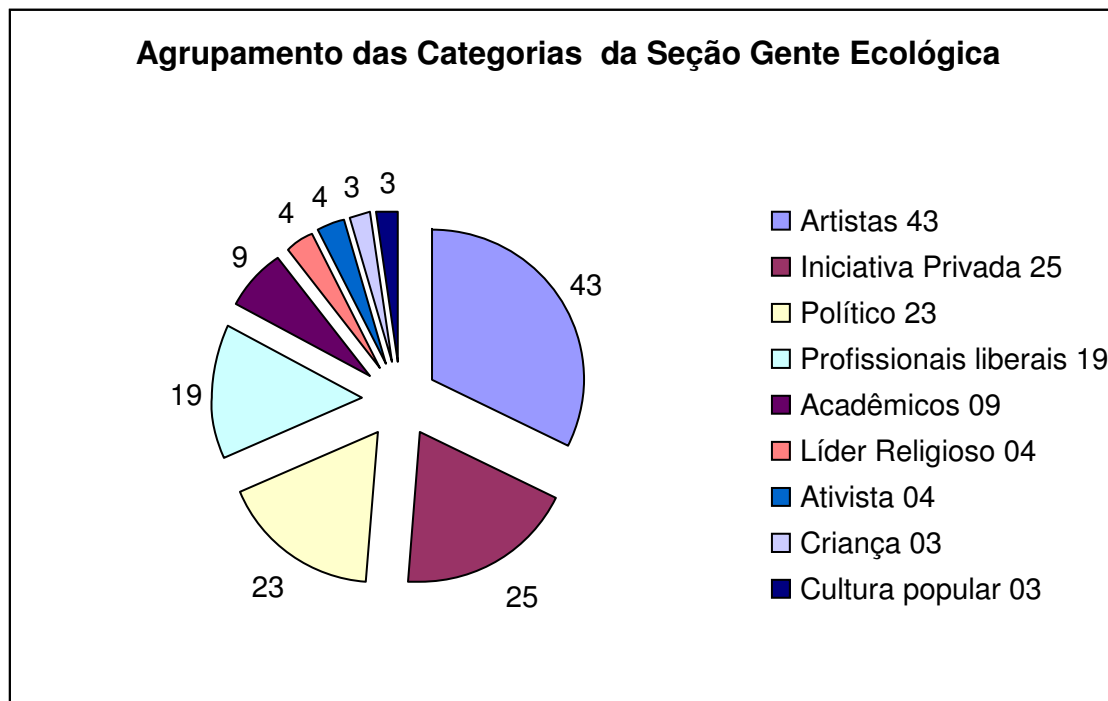
Gráfico 2: Enunciadores da Seção Gente Ecológica



No entanto, ao agruparmos os enunciadores em categorias mais gerais (gráfico 3), temos uma interpretação complementar à descrição quantitativa do número de enunciadores. Nesse segundo gráfico nós temos a clara noção de que a seção privilegia fortemente os sujeitos da classe artística. Nesse novo gráfico, os sujeitos pertencentes ao meio empresarial vêm como a segunda categoria mais citada e os políticos figuram apenas em terceiro. A construção dessas novas categorias consistiu em juntar os diferentes enunciadores a partir de suas afinidades. A categoria *Artistas* engloba os enunciadores das categorias *Escritora, Escritor, Poeta Atriz, Ator: Músico: Diretor de Cinema/ teatro e Atleta*. A categoria *Iniciativa Privada* engloba os enunciadores das categorias *Executivos e Empresários*. A categoria *Profissionais Liberais* soma os enunciadores *Jornalista, Arquiteto, Apresentadora de TV, Desenhista, Economista,*

*Psicanalista, Estilista e Modelo*. A categoria *Acadêmicos* incorpora os enunciadores das categorias *Cientista, Biólogo e, Filósofo*. As categorias *Político, Líder Religioso, Ativista, Criança e Ditado Popular* foram mantidas porque elas apresentam características específicas que não permitem a inclusão em nenhuma das categorias acima citadas.

Gráfico 3: Agrupamento das categorias da Seção Gente Ecológica



O terceiro Gráfico nos fornece informações acerca da natureza dessa seção. O alto número de enunciadores da categoria *Artistas* pode ser entendido como resultado da necessidade da seção contar com o carisma dos artistas citados para estabelecer uma relação de empatia e interesse com os leitores. Os artistas costumam ser uma espécie de modelo e são importantes formadores de opinião. Em sua maioria, as frases dos artistas consistiam em algum tipo de posicionamento pró-ambiente, ou em alguns casos, críticas a modelos econômicos e políticos. Em todas as edições, os comentários dos artistas apareciam em maior quantidade do que as outras classes.

As categorias *Iniciativa privada* e *Políticos* costumam apresentar enunciados que se situam no âmbito das esferas políticas e econômicas. São trechos de falas de políticos, empresários e executivos anunciando medidas, defendendo programas de desenvolvimento, afirmando suas preocupações ambientais.

Examinando as categorias *Iniciativa Privada* e *Políticos*, quase empatadas em termos quantitativos, vemos que apesar dos comentários dos artistas serem mais frequentes, os

comentários políticos e econômicos são bem valorizados, visto que somados eles até superaram a frequência dos comentários dos artistas.

Individualmente, as citações de ordem política e econômica ficam diluídas entre as muitas citações dos artistas. Mais diluídas ainda estão as citações dos acadêmicos que são pouco citados em comparação com as categorias *Artistas, Iniciativa Privada e Políticos*. O discurso científico é pouco presente nessa seção assim como os enunciados religiosos e de ativistas.

A análise do perfil dos leitores do JB Ecológico também nos indica elementos com os quais o discurso sobre meio ambiente da revista dialoga. Realizamos um levantamento dos lugares sociais e geográficos dos leitores que escreveram para o JB Ecológico no período analisado. O gráfico 4 apresenta o resultado do levantamento das ocupações profissionais declaradas pelos autores das cartas. O gráfico 5 apresenta o levantamento das regiões do Brasil onde vivem os autores dessas cartas. É importante ressaltar que em um universo de 97 cartas, 41 que identificavam a ocupação do autor e 56 que não faziam essa especificação. Com relação à identificação da localização geográfica do autor da carta encontramos 24 que não tinham essa especificação e 73 que tinham.

Gráfico 4: Ocupação profissional declarada pelos autores das cartas ao JB Ecológico

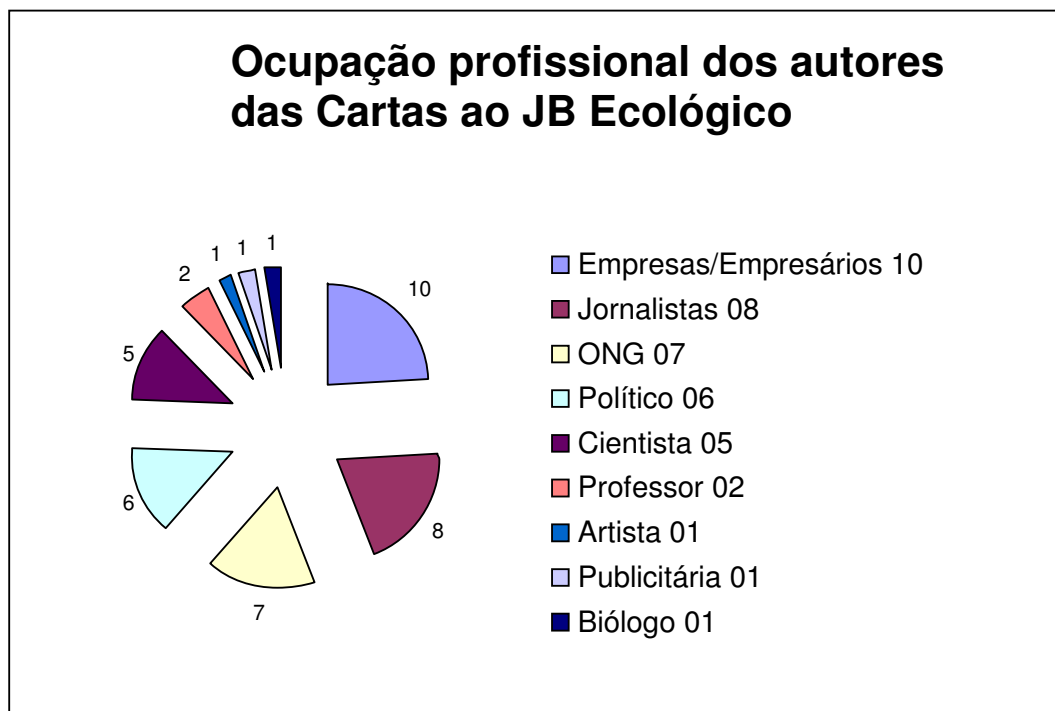
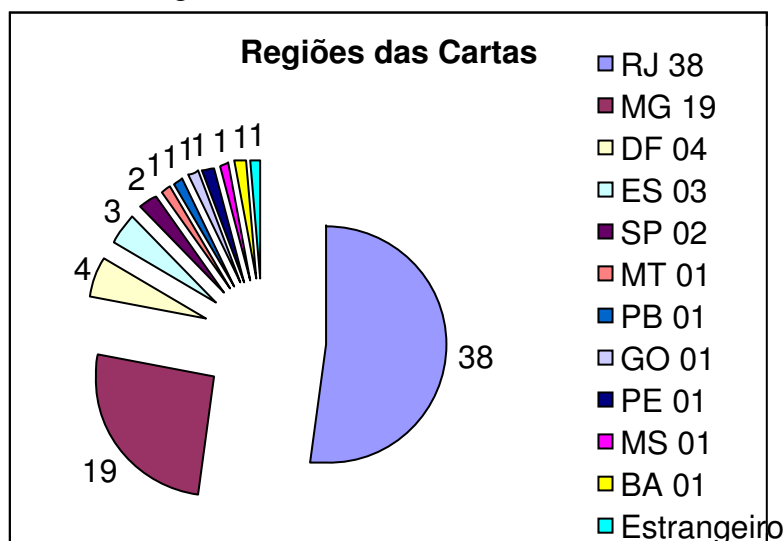




Gráfico 5: Regiões das Cartas



Com base nos gráficos dos levantamentos podemos perceber que a revista tem sua base de leitores mais consolidada na região Sudeste, em especial nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essa maior quantidade de cartas desses dois Estados pode ser entendida como resultado do Rio de Janeiro ser a cidade do Jornal do Brasil e pelo fato do projeto editorial Ecológico ser original de Minas Gerais, sendo inicialmente publicado junto ao jornal Estado de Minas de Belo Horizonte. Após migrar para o Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro o projeto editorial continuou a ser lido em Minas Gerais também. Apesar das poucas ocorrências dos outros estados, a seção de cartas indica que o JB Ecológico é lido em diversos Estados do País fora do sudeste. A baixa frequência de cartas dos estados com apenas duas ou uma ocorrência pode ser explicada pelo baixo índice de vendas do próprio Jornal do Brasil nesses estados.

A análise do perfil dos autores das cartas quanto a sua ocupação profissional nos fornece indícios sobre o público com o qual a revista JB Ecológico se comunica. Os nossos dados desse período indicam que as empresas e os empresários são os interlocutores mais frequentes em nossas amostras. De uma maneira geral, as cartas de empresários e empresas normalmente são de elogios à iniciativa da revista e deixam claro o valor que eles dão a esse tipo de veículo de informação voltado para as questões ambientais.

Os Jornalistas aparecem em segundo lugar na lista dos interlocutores demonstrando que o JB Ecológico se insere e é reconhecido pelos profissionais de comunicação de diversos tipos de mídias. Novamente, o teor das cartas dos jornalistas costuma ser de felicitações ao projeto e também no reconhecimento da importância de uma revista de comunicação de massa tratar das questões ambientais.

A presença de cartas de Ongs é interessante para sinalizar que o JB Ecológico faz parte da rede de comunicação que envolve o chamado terceiro setor. Participar dessa rede significa compartilhar significados como responsabilidade social e desenvolvimento sustentável, assim como alguns tipos de ideologia política.

Os políticos não são os mais presentes nesse levantamento, mas marcam presença elogiando a iniciativa do projeto. Da mesma maneira, os poucos cientistas que aparecem na seção de cartas, elogiam a revista. Apesar de podermos contabilizá-lo como cientista, destacamos a presença de apenas um biólogo na seção de cartas. Optamos por marcar o biólogo como categoria para evidenciar que poucos acadêmicos da área das ciências biológicas se manifestaram em uma publicação que remete a um de seus campos de pesquisa.

A categoria dos professores também está pouco representada na seção de cartas, porém as cartas dos professores nos remetem a uma das mais importantes justificativas dessa investigação. Nas duas cartas de professores publicadas na seção declaravam que a revista era uma fonte de consulta valorizada e utilizada na preparação de aulas. Nesse sentido, caracterizar com cuidado a constituição do Discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico ganha uma aplicação pedagógica importante. A construção de uma leitura crítica desses tipos de textos é importante para que suas utilizações em contextos pedagógicos possam levar em consideração essas críticas. É fato que os professores naturalmente elaboram suas críticas ao material que eles utilizam como referência, mas consideramos que o quadro teórico utilizado nessa pesquisa tem muito a oferecer e contribuir para constituição dessa leitura crítica.

A análise das seções de cartas sinaliza para o fato de que as cartas ali publicadas são frutos de um processo de seleção feito pelos editores da revista. As cartas publicadas cumprem uma função de ser o espaço de expressão dos leitores, mas o que é expresso ali é uma prerrogativa editorial. Há muitas cartas elogiosas, porém a revista não se furta em publicar críticas severas aos seus editoriais, matérias e reportagens. Dentro da seção se estabelecem diálogos e intertextos em cartas que se referem às reportagens anteriores, ou a cartas de outros leitores.

As quantificações geradas pelos levantamentos realizados nas seções *Páginas verdes*, *Gente Ecológica* e *Carta do Leitor* são úteis no sentido que apontam para os tipos de discurso e enunciadores que o JB Ecológico dá espaço e dialoga. No entanto, esse tipo de análise não pode desconsiderar o conteúdo e o contexto do que é dito pelos geradores dos dados levantados. A heterogeneidade discursiva da revista é construída justamente pelas diferenças existentes entre os enunciadores tanto no plano intra-categorias como inter-catóricos.

Se, por um lado, esta diversidade de enunciadores implica que meio ambiente é assunto que diz respeito a diferentes grupos sociais, por outro, há um peso considerável sobre opiniões e ações de determinados setores da sociedade. A revista privilegia a interlocução com os setores políticos e empresariais em detrimento, por exemplo, dos cientistas e atores do terceiro setor. Essa abordagem que a revista dá às questões ambientais reforça a hegemonia do discurso desses setores privilegiados frente a essas questões. Apesar de dar espaço para uma variedade de vozes sociais, o JB Ecológico determina na constituição de seu discurso sobre meio ambiente o volume que cada uma dessas vozes terá no diálogo ali estabelecido.

### **Editoriais: os sentidos para ecologia**

A análise dos editoriais permitiu uma discussão sobre como se dá a construção dos sentidos que a revista faz da palavra ecologia e os intertextos realizados nessa seção. Os textos dos treze editoriais analisados revelaram aspectos da posição enunciativa de seu autor e sua aderência a diferentes discursos sobre meio ambiente que circulam na sociedade. Como se espera de um editorial, o texto não possui caráter impessoal e, neste caso, inclui diversas referências e relatos de experiências vividas pelo editor e suas reflexões acerca dos rumos políticos e ambientais do país e do mundo.

Ao longo dos editoriais, muitas definições foram atribuídas ao termo Ecologia. Dos trezes editoriais analisados, oito apresentavam a palavra *ecologia* em seu título. São eles: Ecologia do Coração, Ecologia do Copo, Ecologia da Esperança, Ecologia do Sucesso, Ecologia da Liderança, Ecologia do Perdão, Ecologia do Sapo e Ecologia do Natal. Estes editoriais focalizaram questões tais como: a questão do extermínio de animais para confecção de casacos de pele (Ecologia do Perdão) a posição do Brasil no quadro internacional da discussão ambiental (Ecologia da Liderança), a problemática do aquecimento global (Ecologia do Sapo), a questão do desenvolvimento econômico e a

distribuição social dos lucros (Ecologia do Copo), a abordagem humanista que as empresas deveriam ter na prestação de seus serviços e produção de seus produtos (Ecologia do Coração), os rumos políticos que o Brasil pode ter do ponto de vista da eleição do Lula (Ecologia da Esperança), aspectos das relações humanas no dia a dia empresarial (Ecologia do Sucesso) e reflexões sobre o significado do Natal e os aspectos consumistas e de desperdício associados a esta data (Ecologia do Natal).

Isso demonstra a multiplicidade de contextos de utilização do termo ecologia e certo esvaziamento de seu significado na medida em que a palavra passa a ser utilizada em qualquer situação sem aparente critério. Esta multiplicidade de contextos relacionados ao termo ecologia demonstra também um pouco do caráter heterogêneo do discurso sobre meio ambiente presente na revista, uma vez que as definições buscam elementos de discursos externos à ecologia para defini-la.

A primeira definição para o termo é apresentada no editorial da quarta revista publicada. Essa edição foi lançada em Junho de 2002 especialmente em função do Dia Mundial do Meio Ambiente e o título do seu editorial é “*Eis a questão Ambiental*”. Durante o texto desse editorial, o editor define a palavra ecologia de diferentes maneiras. A primeira delas faz referências ao discurso científico associado à subárea da Biologia, ao se referir à ecologia como sendo o estudo do *Oikos*, que em grego significa casa, explicitando assim a etimologia do termo cunhado pelo cientista Ernest Haeckel em 1866 (COUTINHO, 2002). Entretanto, o editor não desenvolve muito o aspecto científico do termo ecologia e sim o aspecto relacionado ao termo casa, fazendo uma analogia do planeta Terra como nossa casa.

*“Essa foi a primeira revolução de nossa consciência: moramos todos no mesmo lugar. Somos vizinhos e mesmo que não gostemos, tenhamos tantas diferenças e intolerâncias, temos de nos dar as mãos senão a natureza que garante a vida dessa casa morre com todos nós dentro dela.” (JB Ecológico n.º. 4, página 08, 3º parágrafo )*

Percebemos nesse trecho do editorial que a utilização da analogia do planeta Terra como nossa casa está implícita e dá sentido a expressões como “moramos todos no mesmo lugar”, “somos vizinhos”. No entanto, sabemos que na realidade ocupamos o mesmo planeta, mas nem todos podem morar no mesmo lugar e que os estilos de vida são completamente diferentes. A distribuição desigual de renda faz com que o acesso à moradia também seja desigual principalmente em países em desenvolvimento.

Depois desse comentário, o editor realiza uma paráfrase do discurso científico sobre evolução:

*“A segunda revolução, que acabou de vez com nosso narcisismo e antropocentrismo, foi sabermos que, aos olhos do universo somos parte e não todo de um mesmo e democrático ambiente. Perante a criação, como diria Adélia Prado, temos a mesma importância de uma galinha, de uma barata, uma lagartixa, de uma folha seca que o vento faz cair e se recicla sem alarde no solo do planeta.”*

Esse trecho do editorial remete ao discurso científico na medida em que faz menção às modernas teorias de evolução que situaram a espécie humana como mais uma das espécies evoluídas via seleção natural e não por caprichos divinos. No entanto, não fica claro no texto a articulação dessa *segunda revolução* com o desenvolvimento e estabelecimento dessas teorias evolutivas produzidas no âmbito acadêmico e científico. Pelo contrário, esse trecho reforça ainda mais os aspectos espiritualizados do discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico devido às expressões “... *aos olhos do universo...*” e “...*perante a criação...*” que dão a entender que existe algo, alguém ou alguma força testemunhando nossa existência terrena.

Outro ponto que nos chamou atenção no trecho acima foi o fato dele conceituar o ambiente segundo uma visão muito difundida no senso comum. A expressão “*somos parte de um mesmo e democrático ambiente*” reflete uma posição que entende o ambiente como um espaço harmônico onde todos os seres, com exceção dos seres humanos, convivem em equilíbrio. Essa é uma visão que, por exemplo, não é compartilhada pelo discurso científico da Ecologia que estuda um ambiente em constante mudança que se configura em função dos processos competitivos e cooperativos entre espécies que buscam a todo custo se manterem vivas e produzindo descendentes.

Curiosamente há uma citação da escritora Adélia Prado que traz imagens do cotidiano e busca estabelecer, desta forma, nexos entre a descrição mais abstrata da evolução. Este discurso relatado evoca certo tom de humildade ao comparar seres humanos com lagartixas ou folhas secas. Esse tom de humildade reflete uma posição que questiona o modelo antropocêntrico e que procura construir uma relação de harmonia entre a espécie humana e a as demais espécies que habitam nosso planeta. A

espécie humana é colocada enquanto produto da natureza e em certo sentido aproxima-se com a visão científica que se tem da humanidade.

Vemos ainda neste mesmo editorial, uma sugestão de relação entre os conceitos de ecologia, Desenvolvimento Sustentável e religião:

*“ E o tal do desenvolvimento sustentável? Essa foi a melhor de Deus, desculpe, do Criador, da Natureza. A humanidade, os governantes, os empresários e demais concidadãos terráqueos tiveram que compreender que desenvolver-se egoisticamente, sem a visão ecológica do todo, a qualquer preço, tipo o nosso milagre econômico predando o meio ambiente, é suicídio. É continuar obtendo o ter pessoal para perde-lo (sic) logo ali na frente.” (JB Ecológico n.º. 4, página 08, 6º parágrafo )*

*“Resumindo: a questão ambiental nos põe todos no mesmo barco planetário.” (JB Ecológico n.º. 4, página 08, 7º parágrafo )*

Esse trecho transcrito do editorial da quarta edição nos revela algumas posições que o editor assume ao construir seu discurso sobre meio ambiente. A primeira delas é fazer uma conexão direta entre um conceito altamente técnico e científico a uma racionalidade religiosa/espiritual. O editor atribui a *Deus*, ou ao *Criador* ou a *Natureza* a autoria do conceito de Desenvolvimento Sustentável. Notamos que ele inclusive se esquiva de fazer referência a alguma religião específica deixando em aberto a qual Deus ele se refere e dando possibilidade de que outras formas de espiritualidade que não à católica se identifiquem com sua posição. No parágrafo anterior a essa citação ele faz uma crítica à igreja católica pelo fato dela historicamente ter considerado a Natureza, os animais e os índios como impuros e selvagens. Ao pedir desculpa após citar Deus o editor realiza um intertexto sob a forma de uma negação. A desculpa pedida, em certo sentido, nega a autoridade da imagem católica de Deus e abre espaço para outras formas de se relacionar com a religiosidade nas figuras do *Criador* e da *Natureza*.

Na frase seguinte, o editor identifica em ordem decrescente os atores envolvidos no entendimento do desenvolvimento sustentável. A partir da categoria *humanidade*, o editor destaca a categoria dos *governantes*, seguida dos *empresários* e por último os chamados *concidadãos terráqueos*. Essa citação reforça nossa tese de que existe por parte da revista uma maior interlocução com governantes e empresários visto que esses

dois grupos são citados especificamente enquanto que as categorias *humanidade e concidadãos terráqueos* são de uma generalidade enorme que no final das contas não nos permite identificar a quem ele está se referindo.

Na continuação dessa frase, o editor dá a entender que o conceito do desenvolvimento sustentável já está plenamente entendido por esses atores e que não há nenhuma polêmica com relação à construção desse conceito no âmbito acadêmico, político e econômico. Além disso, ele atribui a esse conceito uma *visão ecológica do todo*, mas não explicita o que ele entende por ser essa visão ecológica do todo.

O editor ainda faz menção à polarização entre os ganhos individuais versus as perdas coletivas a longo prazo que, segundo ele, o desenvolvimento não sustentável gera. Logo em seguida ele utiliza uma metáfora para explicitar que para a questão ambiental estamos todos no mesmo *barco planetário*. Essa metáfora do *barco planetário* dá a entender que para as questões ambientais, não há diferenças entre ricos, pobres, brancos, negros, homens e mulheres, pois afinal todos irão ser prejudicados com as conseqüências dos desequilíbrios ambientais. No entanto, esse tipo de metáfora desconsidera e dissipa as contradições e lutas que existem na nossa sociedade. Da mesma maneira, esse tipo de metáfora não problematiza as injustiças sociais uma vez que coloca no mesmo patamar de responsabilidade os exploradores e explorados, os poluidores e as vítimas dos efeitos da poluição. É evidente que as conseqüências ambientais causam efeitos diferenciados ao longo dos diferentes extratos sociais, visto que cada vez mais as soluções para esses problemas envolvem custos financeiros que nem todos os extratos podem arcar.

Diante dessa caracterização da questão ambiental como algo pertinente a todas as pessoas do mundo, o editor apresenta uma nova definição para a palavra ecologia que a associa a valores humanistas de amor ao próximo, personificada nas referências de entidades divinas, líderes religiosos e cientistas de projeção mundial, cuja atuação abrange períodos variados na história:

*“A ecologia, na verdade, é o outro nome do amor planetário. Apenas a versão moderna, científica e lógica do que todos os espíritos guias da humanidade já mostraram, como Buda, Cristo, Giordano Bruno, Einstein, Gandhi, Martin Luther King e é impossível nega-los (sic)”*  
(*JB Ecológico, Nº4, página 08, 8ª parágrafo* )

Seguindo essa definição de ecologia, o editor alerta para o quanto as questões ambientais são cruciais em questões hegemônicas ao afirmar que existe uma resistência por parte de alguns setores políticos e econômicos de tratar dessas questões.

*“Aí reside o perigo e a resistência que os poderosos, tanto políticos como empresários globalizados, têm da questão ambiental (...)*

*No fundo, no fundo, ela [a questão ambiental] é profundamente subversiva na medida em que mexe com uma conduta ancestral nada amorosa da humanidade com a própria natureza e consigo mesmo. A ecologia, enfim propõe quebrar o nosso ego, o nosso desamor, propõe amar o próximo. (...) propõe sermos fraternos e igualitários.”*

*(JB Ecológico, N°4, página 08, 9° e 10° parágrafo )*

Esse sentido de questionamento de valores hegemônicos é ainda reforçado pelo editor ao afirmar que a Ecologia estaria propondo uma perigosa revolução às ordens hegemônicas na medida em que as transformações propostas por ela tornariam a sociedade *“ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente sustentável”*.  
(*JB Ecológico, N°4, página 08, 12° parágrafo )*

Essas múltiplas definições para a Ecologia demonstram ao menos duas interfaces presentes na elaboração do sentido do termo ecologia. Na primeira delas, definições de ecologia que aderem ao discurso ecológico, tais como desenvolvimento sustentável e seleção natural, são associadas a conceitos de cunho místico e religioso.

A segunda interface se deu em alguns editoriais que utilizavam o termo *Desecologia* para se referir a toda prática contrária ao que o editor considera ecológico, como, por exemplo, aquelas empresas que poluem, que visam o lucro em detrimento do bem estar ambiental, dos políticos que não se sensibilizam com as questões ambientais e dos cidadãos que não apresentam uma conduta adequada à preservação do ambiente, tais como jogar lixo no chão ou desperdiçar água. Esta referência constrói outros sentidos para ecologia, mais vinculados à relação entre economia e desenvolvimento ou ao exercício da cidadania em ações locais em práticas cotidianas.

#### Intertextualidade nos editoriais

Nos Editoriais analisados foi possível perceber também como e em que medida elementos de outros discursos sobre meio ambiente, que não aquele associado à disciplina Ecologia, atravessam o Discurso presente na revista. Pudemos identificar alguns exemplos nos quais há articulações de conceitos e perspectivas associadas ao



discurso ecológico com elementos tipicamente presentes nos discursos econômico, religioso, científico, político e da saúde.

Interfaces com o discurso político aparecem materializadas nas referências a líderes, regimes políticos, medidas e acontecimentos políticos. Isto se dá por meio de paráfrases e discursos relatados (FAIRCLOUGH, 1992,2001) presentes nos textos de alguns editoriais que analisam o cenário político de uma dada época, posicionando-se ideologicamente, e colocando os encaminhamentos que o editor entende como sendo necessários para solucionar ou pelo menos avançar, nas questões ambientais, que ele considera “*a questão de todas as questões*”.

Como exemplo de paráfrase destacamos o trecho transcrito abaixo. Nele, o editor faz referência ao discurso de posse do primeiro mandato do Presidente Lula em 2003:

*“Ao propor o desenvolvimento sustentável, aonde o social, o meio ambiente e o humanismo vêm juntos, antes, ou como causa maior, do crescimento econômico, Lula nos faz lembrar de uma obra famosa que encantou e fez sonhar várias gerações: O Ponto de Mutação de Fritjof Capra.” (JB Ecológico, Nº12, página 05)*

Aqui vemos também a intenção de aproximar pontos de vista e idéias que circulam no campo da política e da (divulgação da) ciência. Não há, no entanto, uma especificação ou elaboração dos paralelos entre as idéias de Lula e Capra.

No editorial da edição 9, intitulado *A ecologia da esperança*, encontramos também metáforas e trocadilhos que fazem referências a elementos do discurso político e que reforçam o caráter integrador e integrado atribuído ao termo ecologia anteriormente:

*“É só umidecer e colorir de parcerias e nenhum preconceito, a estrela solitária do PT. Misturar o vermelho somente com o vermelho, o que pode, perdoe me os chineses, ser mau. E não apenas com o verde, que pode ser Xiitismo, mas com todas as cores, suprapartidárias e sem fronteiras ideológicas da natureza.”... “vai Lula, ser multicolor no planalto central e cinza do País (...) [vai] Ser o primeiro bombeiro de um país, uma natureza e um meio ambiente em chamas.” (JB Ecológico, Nº9, página 05)*

Esse editorial foi publicado antes da eleição de 2002, em um contexto onde todas as pesquisas apontavam que Luis Inácio Lula da Silva seria vitorioso na disputa à presidência da república. O editor fez uso da metáfora da mistura das cores que representam diferentes correntes de pensamento político. O vermelho representando a origem materialista-histórica do Partido dos Trabalhadores e o verde representando as correntes ambientalistas. Novamente o editor sugere que o enfrentamento das questões ambientais envolve superar as diferenças ideológicas, políticas e sociais entre os diferentes grupos envolvidos. Esse tipo de posição é nobre, mas muitas vezes pode esbarrar na ingenuidade de achar que a superação de contradições e desigualdades sociais históricas é um processo rápido e de fácil e simples realização.

Da mesma maneira, a figura do presidente da república como um bombeiro para um meio ambiente em chamas reflete a responsabilidade atribuída aos setores políticos em atuar no sentido da adequação ambiental do desenvolvimento do país. A metáfora do meio ambiente em chamas faz referência aos dados produzidos nos campos de pesquisa científica que apontam para um processo de aquecimento global.

A relação entre economia e o meio ambiente é tema recorrente da revista como um todo e isso transparece também nos editoriais. Identificamos situações nas quais elementos do discurso econômico constituem o discurso sobre meio ambiente presente nos editoriais do suplemento por meio de referências a questões relacionadas ao desenvolvimento e ao papel crucial das empresas no desenvolvimento de posturas e ações ecológicas.

É interessante notar que esta visão economicista não dialoga com os argumentos expostos em outros textos de editorial que conferem um caráter mais integral ou um caráter mais humanista à questão.

*“São as Empresas, que têm dinheiro e sabem da importância estratégica e multinacional de mercado de estar em paz com a questão ambiental, as grandes parceiras do meio ambiente hoje.”*

*(JB Ecológico, No 3, Página 09)*

Referências a elementos do discurso religioso aparecem na associação feita entre desenvolvimento sustentável, ecologia e meio ambiente como “criação de deus”. No editorial da segunda edição chega a se falar de um Jesus ecológico que diria que o

coração “é o único caminho para a verdade e a luz”. A aparição desse tipo de discurso traz junto uma série de metáforas que tornam o planeta Terra nossa casa ou um barco planetário. A condição humana é colocada como parte de um todo maior na qual o homem é apenas coadjuvante em um cenário cósmico.

O discurso científico é trazido, de forma indireta, nos editoriais principalmente na forma de paráfrases, como no caso do já citado editorial da quarta edição em que são apresentadas paráfrases das teorias evolutivas e ecológicas. Metáforas como a de que a terra está fervendo ou em ebulição, ou que o planeta é nossa casa ou barco planetário se referem e utilizam claramente de informações que foram produzidas a partir de trabalhos científicos descrevendo o efeito estufa, discutindo as conseqüências do aquecimento global ou pensando o conjunto de interconexões entre os organismos e os ecossistemas. No entanto os editoriais não incluem, em geral, referências explícitas a suas fontes científicas, nem trazem a voz dos próprios cientistas para o seu texto, por meio de citações, por exemplo. Uma única exceção se deu no caso do editorial da edição de número 12 onde o cientista Fritjof Capra é citado no contexto de uma análise das propostas do governo Lula para o seu mandato. No caso desse editorial, o editor apenas sugere que o presidente Lula tem o potencial de vir a ser o *ponto de mutação* na política ambiental e social brasileira e não explora a metáfora do ponto de mutação para além de seu significado mais literal.

Na sua maioria, todas as informações advindas do campo de pesquisa científica são parafraseadas em novos termos e colocações. Destacamos aqui um exemplo:

*“Na Rio+10 a informação foi curta e grossa. A água, o planeta e o que continuamos fazendo com ele já está fervendo em ebulição suicida. Nós lemos isso nos jornais, ouvimos no rádio e vimos na televisão: “pulem fora da panela! Desliguem o gás!”. (JB Ecológico, Nº 8, página 06, 6º parágrafo)*

Esse trecho faz parte do editorial da oitava edição intitulado “A ecologia do Sapo” onde o editor realiza uma comparação entre o comportamento da espécie humana com o comportamento de um sapo em uma panela de água quente. Nesse editorial o editor informa que ao se colocar um sapo em uma panela de água fria e levar essa panela ao fogo, o sapo vai sendo cozinhado lentamente, pois ele, não é capaz de perceber o aumento gradual da temperatura da água. Caso ele fosse colocado diretamente em uma panela de água fervente ele perceberia a alta temperatura e pularia

fora da panela. No trecho que selecionamos como exemplo desse editorial, podemos perceber a forma com que o editor apresenta informações que foram inicialmente formuladas em um âmbito acadêmico e científico. Ele não faz nenhum tipo de problematização dos meios pelos quais essas informações foram geradas e também não atribui nenhum tipo de autoria à formulação desses dados. Além disso, ele ressignifica esses dados científicos na forma de metáfora tal qual a expressão “ferendo em ebulição suicida”. As expressões, “pulem fora da panela” e “desliguem o gás” se referem à comparação com o exemplo do sapo e também à metáfora de que o planeta está ferendo. Dessa forma, o editor acaba por dar mais destaque ao aspecto de alarme dessas informações, elaborando assim um discurso fatalista e de irreversibilidade dessas questões como pode ser visto no trecho seguinte desse editorial:

*“Não pulamos, nem desligamos, vide que nenhum dos nossos futuros presidenciais, futuros governadores e deputados anuncia ou promete abraçar a questão ambiental como prioridade em seus planos de governos. E a gente vai votar neles assim mesmo por não termos outra opção.” (JB Ecológico, Nº 8, página 06, 7º parágrafo)*

Destacamos também como exemplo de paráfrases os discursos relatados atribuídos a diferentes interlocutores, de regiões e lugares sociais distintos. As pressuposições foram comuns na utilização do discurso científico ou técnico, em muitas situações ocorreram pressuposições na medida em que diversos termos e conceitos foram utilizados sem problematizar seus sentidos. Os termos eram utilizados a partir da pressuposição de que os leitores saberiam significá-los. (Desenvolvimento Sustentável, variáveis geoclimáticas, média de temperatura global)

Também foram comuns representações discursivas como, por exemplo,:

*“Quem faz as coisas andarem -disse Fábio (Feldmam, secretário executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas) , perante o auditório lotado da Rio +10 Brasil- são as pessoas líderes de si mesmas, aquelas que lutam por algo em que acreditam verdadeiramente.” (JB Ecológico, nº6, página 07)*

A utilização do termo “Descologia” por parte do editor em diversos editoriais nos remete a um processo de construção de significado a partir da negação da ecologia. Esse termo segundo o autor representa a negação das atitudes ecologicamente corretas no plano da cidadania e da produção econômica, ou seja, ele atribui esse termo às

empresas que poluem o ambiente ou a cidadãos que não respeitam as regras do bom convívio ambiental.

Finalmente, discursos próprios das áreas da saúde transparecem indiretamente na forma de conceitos relacionados ao bem estar social. O editor associa a qualidade de vida à preservação dos recursos naturais, a manutenção dos corpos de água limpos e uma melhor relação homem natureza.

*“Só isso [a falta de um coração universal] pode explicar a o caso continuado da Shell que há mais de meio século vem contaminando uma área equivalente a 25 campos de futebol na Vila Carioca, em São Paulo. Contaminando o solo, as águas e os organismos de 30 mil seres humanos que vivem ali. Leia-se com pesticidas tipo aldrin e substâncias quimicamente tóxicas como benzeno, chumbo e cádmio. Todas, comprovadamente, cancerígenas.” (JB Ecológico, Nº2, página 09, 4º parágrafo)*

Nesse editorial, o editor não problematiza como ocorre a contaminação do solo das águas e dos organismos. O leitor não tem como saber se essa contaminação se dá por despejo de resíduos, se é pelo esgoto das indústrias ou qualquer outro tipo de processo de contaminação. Da mesma maneira não são problematizados quais tipos de câncer essas contaminações podem causar e nem quem comprovou que as substâncias citadas são de fato cancerígenas. Percebemos nesse fragmento de editorial que o editor deixa de articular em seu discurso elementos dos discursos científicos e da saúde. Essa opção faz com que o texto deixe de qualificar a discussão em torno das consequências da má conduta ambiental do ponto de vista das ações de grandes empresas poluidoras. Também notamos nessa passagem uma utilização de *pressuposição* na sentença “Todas, comprovadamente, cancerígenas”. A palavra “*comprovadamente*” é colocada nessa sentença de modo a reforçar a veracidade da informação técnica de que as substâncias citadas provocam câncer. No entanto, o texto não atribui a ninguém o ato de comprovar essas características. Nesse sentido, o texto pressupõe que quem tem a capacidade de comprovar se uma substância é cancerígena ou não são os especialistas desse assunto sejam eles técnicos ou cientistas. Partindo dessa pressuposição, o autor não atribui a ninguém o ato de comprovar essas características. Ao mesmo tempo em que oculta parte do discurso científico na forma de pressuposições, o editor faz uso da imagem científica para embasar e reforçar suas opiniões de que as empresas que não utilizam “*as ferramentas mais amorosas e sociais da comunicação social junto às suas vítimas*” não

têm “*uma visão espiritual e pulsante do Todo, que somos nós mesmos e todas as coisas que nos cercam*” (JB Ecológico, N<sup>o</sup>2, página 09, 3<sup>o</sup> e 6<sup>o</sup> parágrafo)

Além de não destacar muitos aspectos do discurso da saúde, o editor constrói uma imagem de saúde a partir da definição do que não é saudável. Ao colocar a degradação e contaminação ambiental como causa do desenvolvimento de doenças na espécie humana, o editor constrói com base em um antagonismo, o significado de que um ambiente preservado e limpo é fonte de saúde.

### 3.1.2.2 Seções reincidentes

#### Seções reincidentes: distribuição temporal, conteúdo e autoria

As seções classificadas como reincidentes foram aquelas que ocorreram mais do que quatro vezes em nossa amostragem. A distribuição dessas seções dentro de nossa amostragem pode ser visualizada na tabela 1. Essas seções apresentaram padrões de participação bastantes distintos uns dos outros.

Com relação à **distribuição temporal** das seções nas revistas ao longo do período de publicação analisado, percebemos que algumas seções aparecem por vários meses seguidos, outras tiveram aparições mais espaçadas. Apenas as seções *Reflexões* e *Natureza Medicinal* aparecem em quase todas as revistas, estando ausentes apenas em duas edições cada uma. As demais seções apresentaram uma frequência variada ao longo das revistas. De uma maneira geral as frequências das seções não obedecem a nenhum tipo pré-estabelecido de organização ou padrão. Algumas seções apresentaram uma frequência mais espaçada sendo publicadas de tempos em tempos, outras foram frequentes vários meses seguidos e depois pararam de ocorrer.

As seções “*Reflexão*”, “*Ensaio*”, “*Reportagem de Capa*”, “*Artigos*” e “*Opinião*” apresentam conteúdos diversificados. Dessa forma, ao longo das revistas ocorre uma variação das temáticas dessas seções. Por exemplo, a seção *Reflexão* tratou de temáticas como a interação espiritual do homem com a Natureza, sobre o bem estar individual, sobre o propósito da espécie humana no universo.

A seção *Ensaio* apresenta ensaios fotográficos de regiões brasileiras como a Amazônia e o Jalapão, assim como fotos de animais e paisagens. Cada ensaio publicado na revista apresentava o trabalho de um fotógrafo específico.

As reportagens de capa cobriram as reportagens sobre a situação das instituições psiquiátricas do Brasil, a regulamentação do selo Dolphin Safe para a pesca brasileira, uma visita às Cataratas do Iguaçu, a cobertura do Fórum Social Mundial de 2003 e a polêmica em cima do filme “Fale com Ela” do diretor Pedro Almodóvar que despertou protesto por parte dos defensores dos direitos animais pelo fato do filme conter cenas da execução de um touro em uma tourada.

A seção *Artigo* apresenta textos que tratam de temas específicos. Um deles trata de questões filosóficas acerca da existência do homem no mundo e a relação que temos como nossa casa, concreta e metaforicamente. O segundo artigo publicado trata da produção de cacau em unidades de conservação de mata atlântica. O terceiro trata dos rumos políticos do Brasil no sentido de sensibilizar os leitores de que as eleições para presidente que iriam ocorrer naquele ano poderiam ser muito importante do ponto de vista da saúde ambiental do país.

Outra característica dessas seções está no fato de que elas, com exceção da seção *Opinião*, não parecem ter a obrigatoriedade de estabelecer relações entre o texto de uma edição com o texto da outra edição. No caso da seção *Opinião*, os três primeiros textos apresentados construíram um diálogo entre si. O primeiro texto publicado nessa seção apresentava a opinião de um engenheiro sobre como solucionar os problemas ambientais da lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro. O texto da edição seguinte apresentava a opinião de uma oceanógrafa rebatendo as posições do engenheiro. No mês seguinte, a revista deu espaço para que o engenheiro se defendesse das críticas feitas às suas idéias. Esse diálogo presente nessa seção se mostrou bastante científico na medida em que os autores envolvidos defenderam posições diferentes em termos de metodologias para a recuperação ambiental da lagoa Rodrigo de Freitas. Referências a estudos e conceitos científicos foram feitas ao longo desses três textos e em certo sentido, os autores chegaram inclusive a desconsiderar a audiência da revista ao elaborar seus textos, carregados de termos técnicos e científicos.

Já as seções *Natureza Medicinal*, *Filosofia*, *Empresariais/Mundo Empresarial*, *Ecoturismo*, *Mundo/Vida Animal*, *Rio+10*, *Brasil*, *Brasileiras*, *Política*, *Memória*, *Educação Ambiental*, *Baía de Guanabara* apresentam características quase que opostas às anteriormente citadas. Essas seções apresentam uma maior estabilidade nas temáticas dos conjuntos de textos que compõem suas participações nas revistas.

A seção *Natureza medicinal* apresenta em cada edição uma descrição das propriedades de diversas plantas medicinais. A seção *Filosofia* apresenta na maioria das vezes adaptações livres de textos de Guimarães Rosa. Além dos textos de Guimarães Rosa, essa seção também traz um levantamento de frases do Nelson Rodrigues, um texto atribuído ao Dalai Lama e um texto de um professor de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

A seção *Empresariais/Mundo Empresarial* reúne textos que tratam de notícias do setor empresarial brasileiro. São reportagens que divulgam iniciativas desse setor na área ambiental. Ao longo das revistas foram divulgadas as adequações ambientais que as empresas vêm introduzindo em suas práticas tais como o “*processo sustentável de fechamento de uma atividade mineradora*” de uma empresa de mineração, ou o projeto de implementação de uma hidrelétrica no Xingu proposto pela Eletronorte. Além desse tipo de reportagem, há também a divulgação das iniciativas de organização desse setor para participar do evento Rio+10 e também a implementação de práticas de gestão ambiental pelas empresas.

A seção *Mundo/Vida animal* trata de questões sobre o comportamento e biologia de diversos animais, em sua maioria vertebrados, tais como golfinhos, morcegos e peixes. Além disso, essa seção ainda abordou a biologia dos recifes de corais e de curiosidades sobre os padrões de comportamento sexual de diversas espécies. De uma maneira geral os textos dessa seção costumam traçar relações entre os aspectos da biologia desses animais com questões relativas à preservação dessas espécies.

A seção *Rio+10* apresentou um conjunto de textos que cobriram o processo de organização do setor empresarial brasileiro para participar do evento da Cúpula Mundial do Meio Ambiente realizado em Johannesburgo na África do Sul. Além disso, essa seção relatou os acontecimentos e desdobramentos do evento, assim como a participação do governo brasileiro e de seu empresariado na reunião.

A seção *Brasil* trouxe reportagens sobre as ações da política ambiental brasileira como, por exemplo, a ação do ministério do meio ambiente em coibir o tráfico de mogno nas florestas brasileiras, assim como o desmatamento da Amazônia. Foi divulgado o projeto de reflorestamento e recuperação dos solos da Mata Atlântica e também as ações extrativistas predatórias da Nestlé no Parque de Águas de São Lourenço, em Minas Gerais.



A seção *Brasilianas* apresenta um conjunto de notas informativas sobre variados assuntos: projetos na área ambiental seja de empresas ou governos, descobertas de espécies raras em reservas particulares, divulgação de eventos e palestras de temas ambientais, seja na área de gestão ambiental como na área de preservação.

Na seção *Política*, o JB ecológico reporta fatos e acontecimentos ocorridos no âmbito da política ambiental brasileira. São textos sobre a nomeação da ministra Marina Silva, entrevistas com o deputado Fernando Gabeira e como senador Ramez Tebet então presidente do senado e que fez parte da delegação brasileira no evento Rio +10.

A seção *Memória* presta homenagem a pessoas importantes para a causa ambiental que faleceram à época das edições. Além disso, resgata um pouco a história da organização da reunião mundial sobre meio ambiente realizada no Rio de Janeiro em 1992.

A seção *Educação Ambiental* publicou uma cartilha de perguntas e respostas elaborada pela Companhia Vale do Rio Doce sobre a nova legislação dos recursos hídricos brasileiros. Além disso, divulgou em uma outra edição o sucesso do projeto de educação ambiental da Usiminas e também o fato de que o físico Fritjof Capra enviou um projeto de educação alternativa ao ministério do meio ambiente.

A seção *Baía de Guanabara* apresentou, em uma série em quatro edições, uma reportagem sobre a história da degradação da Baía de Guanabara. Nessa reportagem o autor descreveu o processo de degradação desde a fundação da cidade do Rio de Janeiro até os dias de hoje.

Muitas vezes os textos de diferentes edições guardam relações entre si seja na forma de referências explícitas, ou dando continuidade a determinados assuntos ou notícias. A reportagem publicada na seção *Baía de Guanabara* e os textos da seção Rio +10 são bons exemplo de um conjunto de textos que estabelecem uma relação de continuidade entre si. O estabelecimento de continuidade entre os textos da seção Rio +10 se dá através de suas temáticas. Como todos os textos se referem aos assuntos relativos à Rio + 10 eles naturalmente compartilham um conjunto de referências tais como datas, contextualização histórica do evento e pessoas citadas nas reportagens.

Já os textos da seção *Baía de Guanabara* fazem referências mais explícitas de um texto para o outro como, por exemplo, ao final de um texto indicar que ele continua na outra edição da revista. Da mesma maneira, os textos da seção *Opinião* realizam

intertextos entre si na medida em que observamos nessa seção um diálogo entre os autores de textos publicados em diferentes edições.

Os textos da seção Rio+10 realizam representações discursivas diretas ao transcrever falas inteiras de políticos e empresários. Na edição número 6 a seção trouxe a fala do ministro de meio ambiente do governo FHC, José Carlos Carvalho assim como a de Fábio Feldmann, secretário executivo do fórum brasileiro de mudanças climáticas. Ainda nessa mesma seção, é apresentada uma síntese de uma reportagem publicada na Revista Imprensa daquele mês. Para fechar a reportagem há uma seção de citações dos participantes do Seminário Internacional sobre desenvolvimento sustentável “de Estocolmo a Johannesburgo - Rio+10 Brasil” organizado pelo governo brasileiro. Foram citados o presidente Fernando Henrique Cardoso, o presidente da África do Sul Thabo Mbeki, Christopher Flavin, presidente do World Watch Institute, John Howard, primeiro ministro australiano e André Porto, coordenador do movimento inter-religioso do Rio de Janeiro.

A partir das descrições dos conteúdos e distribuições dessas seções, começamos a perceber elementos que caracterizam e reforçam a constituição da heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico. Esses dados sugerem que o discurso sobre meio ambiente da revista não realiza muitas articulações, por exemplo, com os discursos científico e da saúde, privilegiando aspectos de natureza política e econômica do discurso ambiental. Nesse sentido, o discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico deixa de construir discussões baseadas em aportes científicos da ecologia e qualificar sua discussão, pois deixa de fora uma série de outros aspectos sociais, científicos e culturais envolvidos com esse tema.

Com relação à **autoria** dos textos das seções, nem sempre é possível identificar os autores, pois nem todas as seções são assinadas. Com exceção das seções *Reflexão*, *Natureza medicinal*, *Filosofia*, *Opinião* e *Artigo*, as demais nem sempre são assinadas.

As seções *Reflexão*, *Natureza medicinal*, *Filosofia*, *Opinião* e *Artigo* são escritas por autores que não fazem parte da equipe editorial do JB Ecológico. O processo pelos quais os textos de autores de fora da equipe são selecionados para publicação na revista não fica claro durante a leitura dela. Alguns autores parecem ter alguma espécie de parceria com o JB Ecológico, pois fornecem constantemente textos para publicação. Outros autores parecem ser convidados a escrever para revista e alguns textos parecem ser adaptados de outros meios de comunicação para publicação no JB Ecológico.

Dos onze textos publicados na seção *Reflexão*, sete são assinados pelo filósofo Alfeu Trancoso. Além desses textos, a seção publicou textos de autoria da escritora Adélia Prado, do arquiteto, urbanista e escritor Mauricio Andrés Ribeiro, pelo participante da equipe editorial do JB Ecológico Félix Concolor e também uma transcrição de um diálogo de um filme iraniano chamado “Gosto de Cereja”.

Os textos da seção *Natureza medicinal* foram todos produzidos pelo herborista Marcos Guião que a cada edição escolhia uma planta medicinal para descrever suas propriedades terapêuticas assim como para dar dicas de livros para quem tem interesse em medicina natural e questões ambientais.

Dos oito textos publicados na seção *Filosofia*, cinco deles foram adaptações livres feitas por Zélia Nascimento de textos de Guimarães Rosa. Um dos três textos foi escrito pelo filósofo Alfeu Trancoso, o outro é endereçado ao Dalai Lama. O terceiro é um apanhado de citações de Nelson Rodrigues sem, no entanto, identificar quem selecionou esse conjunto de citações.

Os textos publicados na seção *Opinião* são de autoria do engenheiro Flávio Coutinho, a ocnógrafa Lindzai Santa Rosa, o escritor, ambientalista e jornalista Vilmar Berna e também o teólogo Leonardo Boff.

Dos três textos publicados na seção *Artigo*, um é de autoria do presidente da Fundação Biodiversitas, Roberto Messias Franco, o outro é do diretor da Universidade Livre da Mata Atlântica e membro do World Watch Institute, Eduartdo Athayde e o terceiro é de autoria de Pedro Maciel..

As seções *Empresariais/Mundo Empresarial, Brasil, Ecoturismo, Brasil, Mundo político/Política, Mundo/Vida Animal, Reportagem de capa, Brasilianas, Memória, Educação Ambiental e Baia de Guanabara* apresentaram um padrão de autoria variando entre seus conjuntos de texto.

A seção *Empresariais/Mundo Empresarial* em um universo de sete textos teve apenas dois assinados, ambos pelo editor do JB Ecológico, Hiram Firmino. A seção *Ecoturismo* apresentou um conjunto total de seis textos sendo que um deles foi assinado pelo editor Hiram Firmino, dois não identificavam o autor e três deles eram assinados por autores que não faziam parte da equipe editorial do JBEcológico. Eram eles: a jornalista Juliana Radler, o guia de ecoturismo Fernando Cavaliere e a também guia Gabriela Saliba.

A seção *Brasil* só apresentou três textos assinados. Os três textos foram, cada um, assinados pelos repórteres do JB Ecológico Arthur Toth, Ana Diniz e Jaburu.

A seção *Mundo Político/Política* apresentou apenas três textos assinados em um universo de seis textos. Dois desses textos foram assinados por autores que não faziam parte da equipe editorial. Um deles foi assinado por Pedro Rocha e outro pela Marina Silva antes de ocupar o cargo de ministra do meio ambiente. O terceiro texto identificado foi escrito pelo repórter do JB Ecológico Félix Concolor.

A seção *Mundo/Vida Animal* apresentou um conjunto de cinco textos publicados sendo três deles assinados. Os três textos foram escritos por autores que não eram da equipe editorial. Eram eles: Marcelo Baglione, Luiza Mello e as autoras de cartilhas educativas Denise Pires Vaz e Lena Muggiati.

Os textos da seção *Reportagem de capa* foram todos assinados por membros da equipe editorial do JB Ecológico. Dois textos foram assinados pelo editor Hiram Firmino e os outros três pela repórter, promovida à subeditora, Ana Diniz.

A seção *Brasileiras* não foi assinada em nenhuma edição. Os textos da seção *Memórias* só foram assinados duas vezes, uma pelo repórter do JB Ecológico Jaburu e outra pelo ator e diretor Daniel Filho. A seção *Educação Ambiental* só teve dois textos identificados, ambos atribuídos ao Sistema CVRD de Gestão dos Recursos Hídricos. Os textos da seção *Baía de Guanabara* foram todos assinados pelo editor Hiram Firmino. A seção *Ombudsman* é assinada pelo convidado Luiz Prado.

A análise da autoria das seções do JB Ecológico reforça a idéia da constituição da heterogeneidade de seu discurso sobre o meio ambiente. Apesar de nem todos os autores terem suas ocupações profissionais identificadas nos textos, percebemos que há uma variedade de tipos de autores. Essa variedade inclui desde políticos, até cientistas, passando por diversas profissões tais como fotógrafo, guias de turismo e professores universitários. Essa variedade de autores contribui para heterogeneidade da revista no sentido de que cada um desses autores contribui com uma visão situada, a partir de suas posições sociais, das questões ambientais. Novamente percebemos que a revista dá espaço para essa diversidade, mas, no entanto ela também seleciona de acordo com suas posições, o destaque que é dado a cada uma desses diferentes tipos de autoria. Nesse sentido, percebemos que a autoria dos textos que compõem a revista também são espaços de reafirmação das posições da revista frente a questões de ordem hegemônicas da constituição de seu discurso sobre meio ambiente.

Percebemos que a equipe editorial do JB Ecológico faz uso de nomes fictícios para seus repórteres tais como Jaburu e Felix Concolor. Pela análise dos textos desses repórteres percebemos que eles parecem assumir um papel de escrever críticas mais duras do que o tom editorial da revista como, por exemplo, nessa passagem assinada por Felix Concolor na seção Mundo político da edição numero 13:

*“Com isso, ao contrário de Aécio, Itamar viu e tratou, erroneamente, como inimigos afastando da sua, por isso mesmo, desastrosa gestão ambiental, justamente as pessoas que mais lutam com competência e dignidade pela preservação e a sustentabilidade da natureza no Estado [Minas Gerais]” (JB Ecológico, seção Política, página 12, 10º parágrafo)*

Esse trecho faz parte de um texto em que o repórter Felix Concolor analisa as mudanças ocorridas no âmbito da política ambiental brasileira com as eleições do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, do governador de Minas Gerais Aécio Neves e da governadora do Rio de Janeiro Rosinha Garotinho. O texto destoa do tom da revista na medida em que não é comum nos textos assinados pelo editor Hiram Firmino e a sub-editora Ana Diniz ataques diretos a políticos e suas respectivas gestões ambientais.

Tabela 3: Seções Reincidentes do JB Ecológico

Seções	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Ocorrências (N=13exemplares)
Reflexão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	11
Natureza Medicinal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	11
Filosofia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>					<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	8
Empresariais/Mundo Empresarial	X	○			X	○		X	X	X				7
Ecoturismo			○	X	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>						6
Brasil	○	X	○		○	X	X							6
Mundo político/Política	X	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				X				○	X	1+5
Mundo/Vida Animal	X	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		X							5
Opinião		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/>						5
Reportagem de capa		○							○	○		○	○	5
Brasilianas	X						X	X	X					4
Rio +10				<input type="checkbox"/>		○	○	○						4
Ensaio					X	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				X		4
Memória	X		X			○				<input type="checkbox"/>				4
Educação Ambiental.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				X							X	4
Baía de Guanabara	○	○	○		○									4
Ombudsman	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>										3
Artigos							<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>					3

Legenda: = Autores convidados, ○=Autores da equipe editorial,

X= Textos não assinados

## 3.1.2.3 Seções raras

Tabela 4: Seções Raras do JB Ecológico

Seções	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Ocorrências(N=13 exemplares)
Intera@gente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>												2
Cidadania	<input type="radio"/>								X					2
Mundo, Vasto mundo	<input type="radio"/>		<input type="checkbox"/>											2
Ecologia Interior	X			X										2
Moda e Saúde	X	<input type="radio"/>												2
Alerta								<input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/>			2
Tecnologia Limpa										X			X	2
Biodiversidade												<input type="checkbox"/>	X	2
Depoimento	X													1
Velho Xico	X													1
Perfil	X													1
Mundo	X													1
Selva de Concreto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>												2
Economia Verde		X												1
Idéias		X												1
Protesto			<input type="radio"/>											1
Gestão				<input type="checkbox"/>										1
Mulheres				<input type="checkbox"/>										1
História				<input type="checkbox"/>										1
Conceito				<input type="radio"/>										1
Espiritualidade				<input type="checkbox"/>										1
Denúncia						<input type="radio"/>								1
Cinema							X							1
Mercado Verde							<input type="radio"/>							1
Dia da Árvore								<input type="checkbox"/>						1
Poesia								<input type="checkbox"/>						1
Mata Atlântica									<input type="radio"/>					1
Sustentabilidade									X					1
Energia									X					1
Carta a Bush									<input type="checkbox"/>					1
Responsabilidade Social										<input type="radio"/>				1
Literatura										X				
Prestige											X			1
Nestlé											<input type="radio"/>			1
Imprensa Verde											X			1
Ambiente											<input type="radio"/>			1
Travessia											<input type="radio"/>			1
Saúde												<input type="checkbox"/>		1
Ponto de Mutação												<input type="checkbox"/>		1
Comportamento													<input type="checkbox"/>	1

Legenda: =Autores convidados, =Autores da equipe editorial, X= Textos não assinados.

A partir da observação da tabela 2, notamos que as seções raras, em sua maioria, são seções que apareceram uma única vez nas edições analisadas. Elas apresentam conteúdos bem diversificados entre si. Enquanto as seções recorrentes nos dão uma visão acerca do conjunto de textos que a revista mais privilegia e enuncia, as seções raras nos fornecem uma visão das temáticas menos recorrentes, mas não por isso menos importantes para nossa análise.

Apesar de serem raras, nem sempre essas seções ocupam pouco espaço da revista. Muitas dessas seções raras são reportagens extensas que cobrem algum assunto de relevância daquele mês específico da revista. As seções raras atendem uma demanda da revista de trazer ao seu público, reportagens diferenciadas das temáticas das seções recorrentes, dando espaço para assuntos que algumas vezes parecem fugir à temática central da publicação. São exemplos as reportagens sobre a situação manicomial no Brasil, sobre a situação do trabalho escravo no Brasil de hoje, ou a sobre a luta política e social das mulheres.

Com relação à autoria dos textos dessa seção notamos que em sua maioria, os textos não são assinados e quando são na maioria das vezes são autores convidados. A seção *inter@gente* reunia uma série de notas sobre “sites” relacionados às questões ambientais e foi assinada por Marcelo Baglione, que não consta na equipe editorial do JB Ecológico. A seção *Cidadania* foi escrita pela subeditora do JB Ecológico Ana Diniz e relatava a tristeza de Dona Canô, mãe do músico Caetano Veloso, com a poluição nos rios de Santo Amaro no Estado da Bahia. A seção *Mundo, Vasto mundo* apresentou duas reportagens sobre as questões ambientais no âmbito global, um escrito pela repórter do JB Ecológico Sara C. sobre as implicações ambientais dos atos do governo americano de George W. Bush, e o outro assinado pelo fotógrafo convidado Arthur Omar que retratou as conseqüências ambientais da Guerra no Afeganistão promovida pelos Estados Unidos da América em 2001. A seção *Moda e Saúde* só teve um texto assinado pela repórter Sara C. que relatava uma bem sucedida confecção de couro vegetal amazônico. Os dois textos da Seção *Alerta* são assinados um por Lester Brown ativista ambiental internacional, fundador do World Watch Institute e o outro por Pedro Maciel. Ambos aparentemente foram convidados a escrever ao JB Ecológico. Um dos textos da seção *Biodiversidade* foi assinado pela jornalista do “site” New Scientis do Portal de Internet UOL, Ann Fullick. Aparente o texto publicado nessa



seção foi retirado do “site” acima citado. A coluna *Selva de Concreto* foi assinada pelo repórter do JB Ecológico Félix Concolor. A seção *Protesto* foi assinada pelo repórter Jaburu do JB Ecológico. A seção *Gestão* foi assinada pelo *ombudsman* Luiz Prado. A seção *Mulheres* foi assinada por Danielle Nierenberg, pesquisadora do World Watch Institute no Brasil. A seção *História* apresenta um fragmento de um texto escrito em 1882 por Henrik Ibsen. A seção *Conceito* é assinada pela repórter da equipe editorial Sara C. e a seção *Espiritualidade* é assinada pelo Teólogo Frei Betto. A seção *Denúncia* foi assinada pelo fotógrafo convidado Ricardo Funari. A seção *Mercado Verde* foi assinada pela subeditora da revista, Ana Diniz. A seção *Dia da árvore* foi assinada pelo professor universitário da USP e engenheiro florestal Virgílio M. Viana. A seção *Poesia* apresenta um texto escrito pelo filósofo, poeta e escritor Manoel de Barros. A seção *Mata Atlântica* foi assinada pela subeditora Ana Diniz. A seção *Carta ao Bush* foi escrita pelo arcebispo de Boston Bernard Law. A seção *Responsabilidade Social* assim como a seção *Nestlé* foram assinadas pela subeditora Ana Diniz. A seção *Ambiente* foi assinada pela repórter Sara C e a seção *Travessia* pelo editor Hiram Firmino. Na seção *Saúde*, o JB Ecológico publicou o texto da convidada Paula Costa e na seção *Ponto de Mutação* transcreveu um diálogo do filme *Ponto de Mutação* que foi baseado no livro homônimo do cientista Fritjof Capra. A seção *Comportamento* apresentou um texto escrito por Carla Maldonado, uma jornalista e colaboradora do Terramérica, projeto de comunicação do Programa das Nações Unidas.

As seções raras indicam temas que, de certa forma, são silenciados no discurso da revista, ou que pelo menos recebem pouca ênfase ao longo das edições publicadas naquele ano. Notamos também que muitas das seções com apelo social ou científico estão entre as seções raras como, por exemplo, as seções *Alerta*, *Velho Xico*, *Biodiversidade*, *Tecnologia Limpa*, *Protesto*, *Denúncia*, *Biodiversidade e Mata Atlântica*.

Pegando como exemplo a seção *Denúncia*, temos uma reportagem denunciando casos de trabalho escravo no interior do Pará nos dias de hoje. Essa reportagem relaciona a exploração da mão de obra escrava com a degradação ambiental a Amazônia, uma vez que os trabalhadores explorados trabalham na extração ilegal de madeira. A reportagem, assinado pelo fotógrafo Ricardo Funari faz um relato da ação da Polícia Federal e do Ministério do Trabalho em dismantelar uma fazenda ilegal que

utilizava o trabalho escravo de migrantes nordestinos. Essa é uma das poucas reportagens do JB Ecológico que enfocam as questões ambientais de um ponto de vista das relações sociais que se estabelecem a partir de modelos de exploração dos recursos naturais.

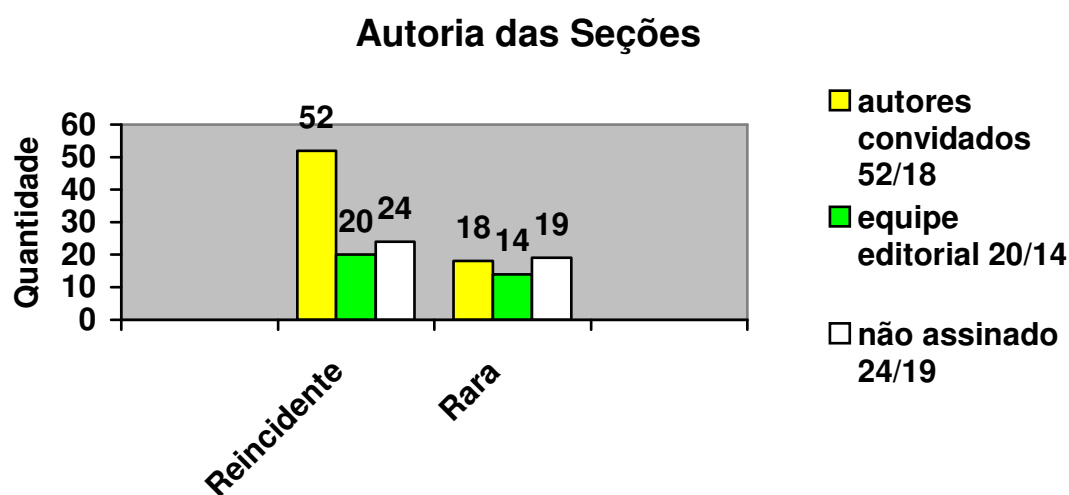
A reportagem sobre a questão manicomial no Brasil conferiu ao editor Hiram Firmino um prêmio Esso de Jornalismo. Essa reportagem faz referência ao longa-metragem *Bicho de Sete Cabeças* de Laís Bodansky e estrelado pelo ator Rodrigo Santoro. O editor traça um paralelo entre a estória do filme e a realidade dos manicômios do Brasil. Apesar da reportagem não tratar diretamente de nenhuma questão relativa ao meio ambiente em si, o autor constrói intertextos entre o discurso médico, jurídico e político. Esses intertextos podem ser percebidos na passagem:

*“Se tivéssemos um pouquinho de São Francisco de Assis, que amava os pobres e os animais, e fossemos assistir Bicho de Sete Cabeças, filme premiadíssimo de Laís Bodansky, com o ator Rodrigo Santoro retratando o criminoso tratamento e a injusta condenação que ainda recebem os nossos doentes mentais, o Brasil não seria mais o mesmo. Os hospitais psiquiátricos, com todo o seu notório saber, e a maioria de seus médicos, enfermeiros e atendentes, estariam todos no banco dos réus. E os manicômios com seus alçózes, fechados e destruídos tal qual a humanidade fez com a vergonha dos seus muros e campos de concentração.” ( JB Ecológico, nº 2, página 32, 1º parágrafo)*

O autor justifica essa reportagem como sendo sobre ecologia humana, mas sem, no entanto utilizar nenhuma referência científica sobre esse ramo de pesquisa em seu texto. A reportagem na realidade narra o acontecimento de dois eventos em Brasília, um intitulado “Tribunal dos Crimes da Paz” organizado pelo Conselho Federal de Psicologia e a III Conferência de Saúde Mental. A reportagem, além de relatar acontecimentos desses dois eventos, apresenta o depoimento do ator Rodrigo Santoro sobre a preparação de seu personagem no filme, publica na íntegra a lei Nº 10.216 que dispõe sobre a proteção das pessoas portadoras de transtornos mentais e dá voz ao autor da lei, o deputado Paulo Delgado e também apresenta um texto do ex-presidente do Conselho Federal de Psicologia, Marcus Vinicius de Oliveira condenando o atual sistema manicomial.

O Gráfico 4 faz um balanço da autoria das seções recorrentes e raras da revista JB Ecológico. A partir dessa tabela, constatamos que a participação de autores convidados é bastante significativa, principalmente entre as seções recorrentes. Esse alto grau de participação de autores externos pode ser reflexo do pequeno corpo editorial da revista que não tem como sozinho produzir todos os textos publicados. Percebemos que os textos escritos pela equipe editorial são em sua maioria relatos de acontecimentos que os repórteres presenciaram ou participaram ou então análises de conjuntura da política ambiental. A maior presença de autores convidados confere à revista uma maior heterogeneidade do ponto de vista de sua identidade.

**Gráfico 6: Autoria das Seções**



#### 3.1.2.4 Propagandas

Além das matérias produzidas pelos jornalistas responsáveis pela publicação, há também uma variedade de propagandas na revista. Entretanto, diferentemente de outras publicações, no JB Ecológico as propagandas não vendem os produtos das empresas. Na realidade as propagandas publicadas no JB ecológico têm como objetivo vender a imagem dessas empresas, associando-as a práticas que são tidas como sustentáveis ou ambientalmente corretas. Por exemplo, a propaganda padrão de uma empresa de refrigerante encontrada nos veículos de comunicação em geral está centrada na apresentação do seu produto final, ressaltando as características comercialmente vantajosas tais como o sabor, sua tradição de produzir produtos de qualidade etc. No JB

Ecológico, esta mesma empresa anuncia o seu programa de reciclagem de latas de alumínio. Esse tipo de propaganda é inclusive comentada em um dos editoriais com base no argumento de que as boas ações ambientais de uma empresa são, nos dias de hoje, até mais importantes de se anunciar do que o produto em si. Inclusive no editorial da terceira edição é dito que um dos propósitos da revista é justamente dar visibilidade a essas ações ambientalmente corretas.

As propagandas no JB ecológico variam em quantidade entre uma edição e outra, entretanto há uma constância nos anunciantes. Há anunciantes que anunciam constantemente e outros que eventualmente anunciam. O espaço destinado à propaganda pode ocupar até mesmo páginas duplas, mas na sua maioria são de páginas simples inteiras ou pequenas caixas de texto aqui chamadas de Bloco.(2)

Os anunciantes são majoritariamente empresas, estatais ou privadas, anunciando suas ações ambientais, seus projetos de educação ou conservação de recursos naturais e até mesmo dados de sua produtividade. A maior parte das empresas atua em atividades de extração ou processamento de recursos naturais tais como mineradoras, siderúrgicas, produtoras de combustível fóssil, gasoso ou nuclear e geração de energia elétrica.

Encontra-se também um outro formato de publicidade, conhecido no meio jornalístico como “matéria paga” onde o anunciante, através de sua assessoria de imprensa publica na revista, uma reportagem sobre sua empresa.

Observando a tabela podemos notar que os maiores anunciantes da revista são as empresas. As propagandas ocupam de 3 a 12 páginas da revista ao longo da amostragem, com predomínio de anúncios de páginas simples e de blocos. A quantidade de propagandas em cada revista variou de 5 a 15.

**Figura 5: Distribuição das propagandas ao longo das revistas**

Edições	Formas de anúncio			Origem do Anunciante							Total
	Páginas Simples	Página Dupla	Bloco	Governo	Empresa	JB	Matéria Paga	Congresso Científico	Político	Ong	
1	9	3	3	6	7	2	0	0	0	0	15
2	3	2	0	3	1	1	1	0	0	0	5
3	3	3	0	2	3	1	1	0	0	0	6
4	5	3	5	4	8	1	1	0	0	0	13
5	3	2	4	1	8	1	1	0	0	0	9
6	2	1	4	2	5	0	0	0	0	0	7
7	5	1	5	3	6	2	0	1	0	0	11
8	4	0	6	1	6	1	0	1	1	0	10
9	3	1	4	0	5	1	0	2	0	0	8
10	2	2	3	1	3	2	2	0	0	1	9
11	6	2	5	3	7	2	0	0	0	1	13
12	3	0	4	0	5	1	1	0	0	1	8
13	3	0	6	0	6	3	0	0	0	0	9

As propagandas de eventos científicos e de ongs e políticos tiveram baixa frequência na nossa amostragem. O Governo Federal foi até a edição 7 um forte anunciante e depois foi diminuindo sua frequência. É interessante notar que na época em que o Suplemento foi lançado, o Jornal do Brasil passava por uma crise financeira que resultou no corte ou reformulação de alguns de seus cadernos e seções. No entanto, apesar dessa crise, que perdura até os dias de hoje, o Jornal do Brasil encontrou meios para publicar um suplemento extra inteiramente colorido e com acabamento de revista. Essa situação talvez explique a quantidade de anúncios, e também o pequeno tamanho da equipe editorial da revista.

Percebemos que a análise composicional do JB Ecológico nos revelou informações importantes acerca da constituição do discurso sobre meio ambiente da revista. A identificação dos seus principais interlocutores assim como os significados construídos para a palavra ecologia foram importantes indicadores das escolhas e posicionamentos que a revista faz ao produzir seus textos.

## 4. CONCLUSÕES?

No presente trabalho, realizamos um estudo de caso que consistiu em uma análise do discurso de uma revista mensal de divulgação das questões ambientais chamada JB Ecológico. A análise foi baseada no quadro teórico da Análise Crítica do Discurso proposta por Norman Fairclough. A partir desse quadro teórico formulamos nossas questões de pesquisa:

*Como se caracteriza a heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente da revista?*

*Quais são os intertextos realizados pela revista JB Ecológico?*

O estudo de caso envolveu a análise textual das 13 primeiras edições da revista JB Ecológico publicadas entre Março de 2002 e Fevereiro de 2003. Essas análises geraram dados descritivos acerca da composição discursiva da revista do ponto de vista de sua heterogeneidade, dos intertextos que ela realiza e o perfil de seus interlocutores principais.

### **4.1 Análise textual e discussão: A heterogeneidade do discurso sobre meio ambiente no JB Ecológico**

#### **4.1.1 Enunciadores e seus interlocutores**

O levantamento dos enunciadores da revista revelou que os principais interlocutores presentes na nossa amostragem são os políticos e empresários. Cientistas e ativistas ambientais apareceram em nossos dados, mas não como principais articuladores do discurso.

Podemos citar as seções *Páginas Verdes*, *Gente Ecológica* e *Cartas* como seções da revista onde esse padrão de interlocução acontece. Além disso, umas séries de reportagens se referiam aos eventos relacionados com políticos e empresários tais como nas seções: *Mundo empresarial*, *Política*, *Brasil*, *Rio+10*.

Além disso, verificamos que a revista JB Ecológico atribui importância a esses enunciadores na medida em que os coloca como foco de várias matérias e reportagens e constantemente se referem a eles e suas ações dentro do cenário ambiental. O fato de outras vozes sociais terem menos espaço dentro da revista também reforça a intensidade da voz dos setores políticos e econômicos. Pela forma como a revista reporta as vozes desses setores, ela demonstra os interesses deles com relação às questões ambientais e,

em grande parte das situações, posiciona-se favoravelmente a esses setores, salvo no caso de empresas que causam ou causaram impactos ambientais, ou de políticos insensíveis a essa causa.

#### **4.1.2 Temáticas principais**

Os temas e as temáticas mais recorrentes na amostra analisada foram aqueles relativos a ações dos setores produtivos, como por exemplo, o posicionamento das empresas frente às questões ambientais, e a acontecimentos políticos do universo ambiental tais como nomeações de secretários e ministros do Meio Ambiente, reuniões de cúpula para discussão de questões ambientais.

Algumas temáticas faziam referência a acontecimentos, eventos ou discussões proeminentes à época da publicação dos números analisados, tais como as reportagens sobre a conferência Rio+10, as denúncias sobre o trabalho escravo no interior do Pará e as muitas referências aos rumos da política ambiental brasileira. Outras temáticas tratavam de assuntos globais tais como as ações irresponsáveis do governo norte americano no plano ambiental, ou acontecimentos ocorridos em outros países. Outras temáticas contextualizavam e traçavam uma história de problemas ambientais crônicos, como por exemplo, as reportagens sobre a degradação da Baía de Guanabara ou as reportagens da seção *Memória*.

Além disso, as temáticas da revista recorreram em grande parte ao universo discursivo da política, da economia e da religiosidade, incorporando elementos lingüísticos e de estilo típicos destes discursos, resultando em textos que misturavam essas diferentes formações discursivas e as atrelava ao seu discurso sobre meio ambiente.

#### **4.1.3 Representações discursivas (diretas e indiretas)**

As formas de intertextualidade manifesta que encontramos foram: paráfrases, pressuposição, negação e representação discursiva. A categoria mais comum nas nossas análises foram as paráfrases que sinalizam que a revista procura incorporar, à sua maneira, os enunciados com os quais ela dialoga. Nesse sentido, a revista JB Ecológico incorpora os enunciados alheios de uma forma na qual ela ativamente se posiciona frente às questões abordadas por esses enunciados.

Nesse sentido, a revista JB Ecológico realça ou oculta elementos associados aos conjuntos de enunciados com os quais ela dialoga em função de seus próprios posicionamentos ideológicos e sociais.

#### **4.2 Discussão: o sentido de ecologia**

Numa análise mais detalhada acerca de como no texto das revistas analisadas constroem-se sentidos para conceitos relacionados ao campo da ecologia, vimos que o discurso científico não figura como uma das principais fontes neste esforço de elaboração. Ele aparece em algumas situações, mas apenas como um elemento de autoridade ou reforço de posições enunciativas da revista como, por exemplo, na hora de apresentar algum dado de pesquisa ou para valorizar uma posição social através da imagem de confiabilidade da ciência. Não há, no texto dos exemplares das revistas analisadas, menção ou problematização dos elementos constitutivos do discurso científico como, por exemplo, as bases necessárias para sua elaboração, os procedimentos e razões para propor e sustentar afirmativas nele baseadas. Na maioria das vezes, os conceitos científicos são tratados como palavras cujos significados não demandam maiores discussões ou explicações.

Diante dos resultados gerados concluímos que, em certo sentido, a revista atua como um agente mediador entre os conceitos e discussões sobre meio-ambiente que circulam em esferas específicas da atividade humana e as esferas cotidianas do senso comum. Como foi dito anteriormente, as atividades mais privilegiadas foram àquelas ligadas aos planos políticos e econômicos. Dessa forma, o discurso sobre o meio ambiente do JB Ecológico fica mais calcado no universo discursivo da economia e da política, fazendo pouca referência, por exemplo, em aspectos científicos e sociais. Em consequência predomina um discurso sobre meio ambiente formulado com base em razões econômicas e desenvolvimentistas e que prioriza as vias institucionais e burocráticas para a implementação de um *desenvolvimento sustentável*. O discurso científico é evocado em algumas situações como, por exemplo, para falar curiosidades sobre a biologia de animais e plantas ou de modo a dar respaldo sobre afirmações feitas no âmbito dos indicadores de impactos ambientais, mas não é predominante na constituição do discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico. A predominância dos aspectos políticos e econômicos sobre os outros discursos reforça a idéia de que o



discurso sobre meio ambiente que o JB Ecológico constrói contribui para a manutenção da hegemonia desses aspectos frente às questões ambientais

A revista exerce uma importante influência na introdução de termos oriundos dessas esferas específicas para o uso no senso comum. No entanto a utilização desses conceitos e termos no JB Ecológico é baseada em posicionamentos particulares da revista como, por exemplo, a visão de que os setores empresariais têm maior responsabilidade de cuidar das questões ambientais e que também são esses setores que mais têm exercido essa responsabilidade ou então o entendimento de que a luta ambiental deve ser feita prioritariamente via as instituições políticas estabelecidas e hegemônicas. Nesse sentido, os sentidos que o JB Ecológico dá para os conceitos sobre o meio ambiente estão mais associados aos utilizados pelos setores governamentais e das empresas do que os sentidos construídos na academia, por exemplo. Notamos também que as iniciativas do terceiro setor na área de Meio Ambiente não ganham tanto destaque quanto as iniciativas dos setores governamentais e empresariais reforçando assim a idéia de que os posicionamentos do JB Ecológico estão mais alinhados com uma proposta de divulgar ações desses setores.

Vimos que a revista organiza seu discurso com base em conceitos específicos de desenvolvimento sustentável e ecologia. A definição de desenvolvimento sustentável mais frequentemente mencionada parece se aproximar daquela adotada pela maioria dos setores empresariais, isto é, reforça a manutenção de um modelo desenvolvimentista, porém agora atento aos custos ambientais. A revista apresenta e defende esse modelo de desenvolvimento que mantém as relações de poder como estão e que, de certa forma, contradiz o aspecto “revolucionário” que o editor atribui às questões ambientais em alguns editoriais e reportagens.

A construção do conceito de desenvolvimento sustentável não é problematizada pela revista e é tratada nos diferentes textos como se fosse uma questão livre de polêmicas. Críticas ao conceito de desenvolvimento sustentável não são colocadas em pauta, o que resulta num direcionamento da discussão que nem sempre deixa espaço para que eventuais leitores da revista, que não possuam os recursos sócio-cognitivos necessários para se posicionar criticamente frente à informação, possam fazê-lo. Com isso, a revista acaba por naturalizar sua definição de desenvolvimento sustentável e incorporá-la ao discurso do senso comum.

Da mesma maneira, o JB Ecológico passa ao largo das discussões e contribuições da comunidade científica para definir os usos da palavra ecologia, que é definida principalmente a partir de referências ao universo discursivo religioso e místico. A palavra ecologia é empregada em uma variedade de contextos sendo utilizada muito mais na sua condição de adjetivo e utilizada para qualificar os mais diversos substantivos. Essa utilização da palavra ecologia nos preocupa pelo fato dela, em certo sentido, esvaziar uma dimensão conceitual importante que acaba por não deixar claro para o leitor o que significa este termo num contexto científico. A apropriação dos termos *ecologia* e *ecológico* pela revista também é próxima dos sentidos que circulam nos círculos empresariais e político. Estes não dialogam com bases científicas e sim aos aspectos ligados ao discurso do senso comum onde essas palavras constroem um significado de natureza, bem estar, cidadania, preservação do meio ambiente. Com isso, a revista deixa de qualificar a discussão acerca das questões ambientais uma vez que não recorre aos profissionais que produzem conhecimento científico acerca dessas questões e muito menos aos conhecimentos de populações tradicionais acerca dessas questões. Esse distanciamento do discurso científico pode também suscitar reflexões acerca do compromisso e envolvimento da comunidade acadêmica com as instâncias político-econômicas da sociedade.

Nesse sentido, reforçamos que qualquer apropriação de textos de jornais e revistas para fins pedagógicos precisa levar em consideração as condições de produção desses textos e principalmente situá-los dentro dos universos discursivos os quais eles pertencem. Uma apropriação direta desses textos levaria a uma incorporação do discurso da revista como sendo natural e não como o resultado de uma construção discursiva. É evidente que os professores já realizam apropriações críticas dos textos utilizados em sala de aula, no entanto, acreditamos que esse trabalho pode contribuir para o desenvolvimento de uma leitura crítica dos textos que circulam na mídia sobre meio ambiente na medida em que apresenta uma formulação teórica para abordar aspectos da produção, circulação e recepção desses textos.

### 4.3 Limitações do trabalho

O quadro teórico da análise crítica do discurso instrumentaliza o leitor a associar práticas de produção de texto com práticas sociais e discursivas, permitindo assim uma leitura da sociedade através dos textos que ela produz e faz circular. No entanto, precisamos estar conscientes das limitações que as considerações dessas análises possuem.

O trabalho que desenvolvemos procurou caracterizar os elementos discursivos envolvidos na constituição do discurso sobre meio ambiente de uma revista de divulgação das questões ambientais. No entanto, o tipo de análise que elaboramos não nos permite, por exemplo, formular generalizações acerca do processo de elaboração desse tipo de discurso. Da mesma maneira, os nossos resultados não nos permitem tecer elaborações acerca da manifestação desse tipo de discurso em outros meios de comunicação realizados a partir de outros contextos de produção.

Nossas considerações só podem ser aplicadas ao material que observamos. Análises de outros conjuntos de exemplares da revista como, por exemplo, as edições publicadas no ano de 2006, poderiam levar a outros resultados. Sem dúvida, nesses cinco anos de publicação o JB Ecológico passou por muitas mudanças e avaliações de sua conduta editorial, o que torna cada período de publicação um universo particular dentro da história da revista. Qualquer consideração a cerca dessa publicação nos dias de hoje só pode ser feita após minuciosa análise de novas séries temporais da revista. Nesse trabalho, caracterizamos o discurso sobre meio ambiente do JB Ecológico durante o seu primeiro ano de publicação, pois consideramos que essa caracterização inicial era fundamental como ponto de partida para possíveis aprofundamentos do estudo desse material.

Não podemos também com esse trabalho avançar no sentido de formular propostas de trabalho com textos de divulgação em sala de aula. Podemos sim contribuir com uma análise referenciada em um quadro teórico que nos permita vislumbrar as sutilezas envolvidas nos processos de produção e interpretação de textos, associando os às práticas discursivas e sociais que ele pertence. Queremos com nosso trabalho reforçar a idéia de que todo texto deve ser colocado em uma perspectiva histórica - social que justifica sua existência e explica sua aparência. Nesse sentido, chamamos atenção para aspectos que devem ser considerados em exercícios de uso didático destes textos.

#### 4.4 Perspectivas futuras

Do ponto de vista pedagógico, a análise crítica do discurso é muito produtiva no sentido de questionar as questões hegemônicas e problematizar as mudanças sociais no plano discursivo. O entendimento de que textos são resultados de práticas pode ser levado e aplicado a qualquer área ou temática. No presente trabalho, aplicamos esse quadro teórico em textos sobre meio ambiente que circulam pela mídia impressa, mas se pensarmos na variedade de tipos textuais que circulam no universo da educação, perceberemos as inúmeras possibilidades que a análise crítica do discurso nos oferece para abordarmos as questões da educação.

Do ponto de vista do discurso sobre meio ambiente percebemos que é muito importante levarmos essas metodologias de análise para outros campos que elaboram esse tipo de discurso. Diante dos nossos resultados, consideramos que são necessários muitos estudos complementares que abordem, por exemplo, as características textuais de textos produzidos nos encontros mundiais promovidos pela ONU (Estocolmo, Rio-92, Rio+10) que nossos resultados indicaram como fontes formadoras do discurso da revista e de diversos outros setores que elaboram discursos sobre meio ambiente.

Além disso, nosso trabalho aponta para necessidade de abrir linhas de pesquisa que investiguem a utilização desses tipos textuais sobre meio ambiente em contextos práticos de sala de aula ou de educação não formal, de modo que possamos pensar e discutir as dificuldades dessa utilização e as soluções e metodologias encontradas e desenvolvidas pelos professores em suas práticas pedagógicas cotidianas.

## 5. Bibliografia

Para o desenvolvimento desse trabalho eu contei com a ajuda de muitos autores, alguns deles foram diretamente citados, outros não foram citados em meus textos, mas foram importantes para a formação de meus pensamentos e opiniões. Além desses textos foram fundamentais para o amadurecimento de minhas idéias todos os anos de convivência no laboratório de linguagens e mediações do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da UFRJ onde através da orientação da professora Isabel Martins, pude participar de muitas discussões que considero tão importantes para minha formação acadêmica quanto os textos aqui citados.

ALTHUSSER, L Ideology and ideological state apparatuses In: L Althusse (ed.) *Lenin and Philosophy and others essays* London: New Left Books,1971 In: Fairclough, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétéroénéité montréal et hétéroénéité constitutive: elements pour une approche de L'autre dans le discours, *DRLAV*, 32; 1982 In: Fairclough, 2001.

BAHKTIN, M. M Os Gêneros do Discurso In: *Estética da Criação verbal*. Tradução: M.E.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed. 2000

DIAMOND, J. *Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas*. 3ªed. São Paulo: Record, 2002

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Universidade de Brasília,2001

\_\_\_\_\_. *Discourse and Social Change*. London: Blackwell Publishing, 1992

\_\_\_\_\_. *The Discourse of new labour: Critical Discourse Analysis*, Chapter 6 in WETHERELL, M; TAYLOR, S.; YATES, S (Eds) *Discourse as Data: A Guide for Analysis*. Sage and The Open University, London and Milton Keynes, 2001a

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Ed. Vozes,1972

\_\_\_\_\_. *Discipline and punishment: the birth of prison*. Harmondsworth,Penguin Books, 1979

GRAMSCI, A *Selections of the prison notebooks*. Ed. And trad Q. Hoare & G. Nowell Smith. London: Lawrence and Wishart, 1971

HALLIDAY, M.A.K. *Language and Social Semiotics*. London: Edward Arnold,1978

HODGE.R & KRESS,G. *Social Semiotics*, London: Cornell University, 1988

IPCC, 2001: *Climate Change 2001: Synthesis Report*. A Contribution of Working Groups I, II, and III to the Third Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Watson, R.T. and the Core Writing Team (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge,United Kingdom, and New York, NY, USA, 2001.

KRESS,G. Sociolinguistics and social semiotics, in *The Routledge companion to semiotics and linguistics*. Ed, by Cobley, P. London: Routledge company, 2001.

LAKOFF,G. & JOHNSON,M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago,1980.

LEFF,E. *Epistemologia Ambiental*, São Paulo: Cortez, 2001

LEIS,H.R, *A modernidade insustentável*. Montevideo: Coscoroba, 2004.

LEMKE, J.L. *Textual Politics*. London: Taylor and Francis, 1995

LEWINSOHN,T.M, Debate sobre o artigo de Elmo Rodrigues da Silva e Fermin Roland Schram. In: *Cadernos de Saúde Pública*, v. 13, n.3,jul-set, p. 355-382, Rio de Janeiro, 1997

MARTINS, I, NASCIMENTO, T.G. & ABREU, T.B. Clonagem na sala de aula:um exemplo do uso didático de um texto de divulgação científica. *Revista Investigações em ensino de Ciências*, v.9,n.1, 2004  
Disponível em: [http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol9/n1/v9\\_n1\\_a4.htm](http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol9/n1/v9_n1_a4.htm)

MOLINA, H. 2003 *A questão ambiental como discurso* Trabalho de conclusão da disciplina Método em Geografia da USP, 2003

NARDELLI,A.M.B.& GRIFITH,J.J. Modelo teórico para compreensão do ambientalismo empresarial do setor de florestal brasileiro. *R. Arvore*, v.27, n.6, p. 855-869, Viçosa, MG, 2003.

NASCIMENTO,T.G.; MARTINS,I. O texto de Genética no livro didático de ciências: uma análise na perspectiva retórica crítica. *Revista Investigações em Ensino de Ciências*, v.10, n.2, 2005

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EDUSP.2002

SAUSSURE, F. *Curso de Língua Geral*, 5ªed, São Paulo: Cultrix, 1973

SILVA, E.R. & SCHRAM, F.R. A questão ecológica: entre a ciência e a ideologia/utopia de uma época. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 13, n.3,jul-set, p. 355-382, Rio de Janeiro, 1997

SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual. Natureza, capital e a produção do espaço*. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil 1988.

VILLAR,R. Jornalismo Ambiental-Evolução e Perpectivas, *AgirAzul na rede*, 1997  
Disponível em <http://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm> acessado em  
08/01/2007

THOMPSON, J.B. *The media and modernity: a social theory of the media*. California:  
Standford University, 1995